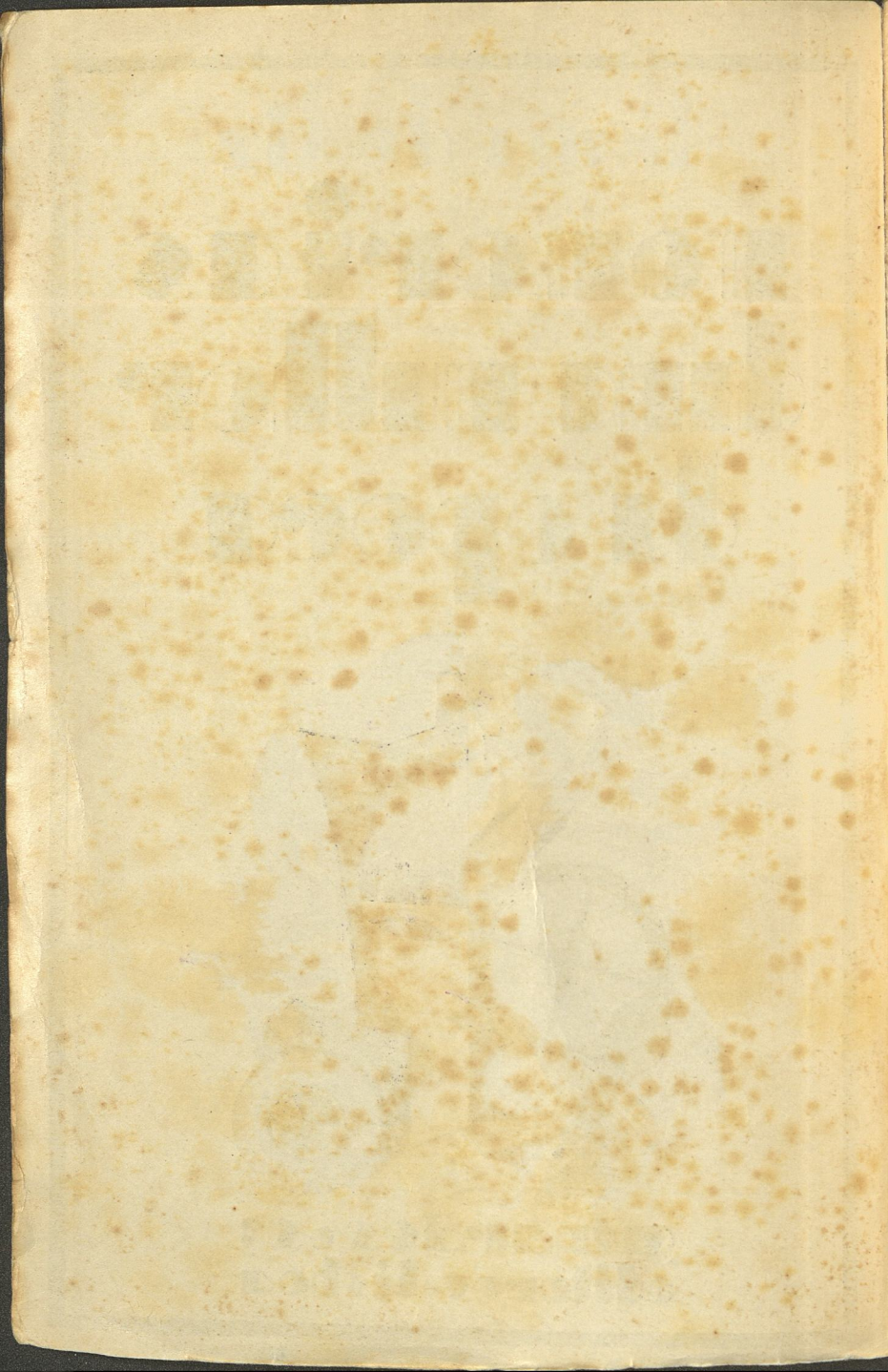


diana de liz
memórias
duma mulher
da época



guimarães e c.
editores-lisboa



11. ed.

**MEMÓRIAS
DUMA MULHER
DA ÉPOCA**

Livraria Modo de Ler
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 43
4050-294 Porto
tel. +351) 222 010 488 - fax +351) 222 011 758

DÊ DIANA DE LIZ:

PEDRAS FALSAS
MEMORIAS DUMA MULHER DA EPOCA

TRADUÇÕES:

CORAÇÕES SEM RUMO, de Pedro Mata
A MORTE DO SONHO, de Alfio Berretta

D I A N A D E L I Z

M E M O R I A S
D U M A M U L H E R

D A E P O C A  L I V R O

P O S T U M O C O M U M P R O L O G O
D E F E R R E I R A D E C A S T R O



Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Comp. e imp. na IMPRENSA LUCAS & C.^a
59, Rua Diário de Notícias, 61 — LISBOA

A DIANA DE LIZ

Está aqui, amôr, a tua novela. Durante quasi dois anos fugi, covarde perante uma dôr maior, de seleccionar os teus papeis, os papeis que as tuas mãos e os teus olhos acariciaram e que foram do muito pouco que pedi para se salvar do naufragio da nossa vida. Mas, ha meses, numa livida ante-manhã de hospital, arrependi-me de não ter enfrentado a nova dôr, lacerando mais uma vez o pobre coração. A morte que, desde ha dias, estava estendida ao meu lado, parecia, finalmente, resolvida a levar-me tambem. Eu, de certa maneira, não a temia ; desde que ela te arrebatou ao meu carinho, e que importava que me cerrasse tambem a mim, e para sempre, os olhos?

Mas uma outra angustia me pungia : não proceder e orientar a publicação da tua novela, do teu ultimo livro, já que o primeiro se encontrava impresso. Isso e não ver um pouco mais de amôr e de justiça sobre a terra — agora que eu creio que a sua aurora está iminente — eram as unicas rasões que me prendiam a vida, ao sentir-me morrer. Tu sabes como eu te amei e como amo a Humanidade e soffro com o seu des-

tino, para que se torne compreensível a angustia dessa trágica manhã.

Erguia-se, então, ao meu lado, carinhosa e fraternal sombra feminina. Nem ela, nem eu acreditávamos que a Inimiga me poupasse por muito tempo. Murmurei os dois motivos que me angustiavam em frente da morte e a amiga dedicada protestou contra a ameaça que sobre mim pairava.

Mas eram tão orfãos de convicção as suas palavras, que, mais do que conforto, me pareceram uma sentença inexorável.

Então, no momento patético e de funda emoção dramática, surgiu a tua imagem, recortada em certa tarde de Paris, quando entrámos no Père Lachaise, em busca do tumulo de Chopin, cujas composições tu adoravas e, em algumas noites, enchiam de melodias o nosso ninho de amôr, para sempre desfeito.

Pedi á amiga dedicada que me recitasse versos de Musset, cujo tumulo também havíamos visitado nessa tarde do Père Lachaise.

— Aqueles que começam por *Mes chers amis*... Conhece-os?

Não era a sua voz que eu queria ouvir; era a tua, que eu desejava ter a ilusão de escutar mais uma vez. Ela principiou a recitar. E ouvindo-a, eu

via-te, amôr, a recitar para mim aquela
mesma poesia, em frente da sepultura
do poeta, emquanto eu contemplava o
salgueiro que os amigos haviam plan-
tado sobre a sua campa.

Mes chers amis, quand je mourrai,
Plantez un saule au cimetière.
J'aime son feuillage éploré,
La pâleur m'en est douce et chère,
Et son ombre sera légère
A la terre où je dormirai.

As lágrimas começaram a deslizar-me
pelas faces, caindo sobre os lençóis do
hospital. Foi necessário acordar as ir-
mãs de caridade, para que me dessem
uma injeção de morfina.

Não quiz, porem, o destino que eu
partisse então, talvez para que, conti-
nuando a sofrer, melhor pudesse com-
preender e amar, sob a humildade raza
que me deu o teu brusco desapareci-
mento, os homens desgraçados como
eu.

Assim, logo que a enfermidade fi-
sica deixou de ameaçar-me, os meus
olhos nublados de lágrimas e as minhas
mãos trémulas de emoção percorreram
os teus papeis, ao ritmo acelerado do
coração que eu martirisava. Hoje, cum-
pro, apressado, uma das rasões que,
naquela manhã tragica e inolvidável,
me prendiam á vida. Cumpro, apres-

sado, receando que a vida possa de novo atraiçoar-me — e definitivamente — como atraiçoou a ti.

Está aqui o teu segundo livro, amor. Se a morte vier, já só encontrará em mim esta ansia de ver o homem redimido das iniquidades que ele proprio creou, já que da dôr da existencia não será facil a redenção.

Desejavas tu que as *Memorias duma mulher da época* levassem um prefácio — um prefácio onde dirias das intenções desta novela e de toda a tua obra, tão insubmissa, tão subtil e tão feminina. Algumas vezes te ouvi falar dessas palavras com que pensavas abrir o livro, explicando-o. Quiz, porem, o condicionalismo da nossa vida que fosse eu e não tu quem as escrevesse.

Faço-o com essa angustiosa sensação de quem não pode fazer mais nada em homenagem a quem tudo merecia e que lhe parece muito pouco e inutil tudo quanto faz. Ha momentos em que até a nossa propria vida dir-se-ha oferta mesquinha a quem, como tu, conseguiu abrir em toda uma existencia de sofrimento, uma pausa de luz e de amor!

FERREIRA DE CASTRO

P R E F A C I O

A ideia das «Memorias duma mulher da epoca» nasceu, creio, em 1923, que foi, literariamente, na vida de Diana de Liz, o ano mais fecundo. Era como que a biografia sentimental de uma alma feminina — a alma duma amiga intima. Diana de Liz emprestara-lhe muito do seu talento e da sua extraordinaria sensibilidade, mas á obra faltava poder simbolico. Insatisfeita, Ela volta, possivelmente em 1924, ao manuscrito original, alterando-o e aperfeiçoando-o. Mas esse trabalho não lhe agradara ainda. E, assim, ao revolver, agora, os seus papeis, encontrei três manuscritos com o mesmo titulo e cada um deles marcando, sobre o anterior, um notavel progresso literario e psicologico.

Em que ano foi escrito o terceiro? Em 1925? Não sei. Quando, numa tarde de Novembro de 1926, tive a fortuna, que a morte, mais tarde, havia de converter em dôr, de conhecer este espirito admiravel, onde parecia terem-se enlaçado todas as graças da vida, já este ultimo manuscrito existia.

Diana de Liz pretendia, quer nesta novela, quer nos seus trabalhos dispersos, agora reunidos no volume «Pedras Falsas» e no final deste tomo, analisar a alma

feminina nas suas reconditas manifestações, que, de tão subtilezas, escapariam á observação masculina. Ela defendia a teoria de que a historia psiquica da Mulher, para ser verdadeira, deve ser feita por escritoras e não por escritores. Atraia, simultaneamente, o seu poder de analyse, esse novo tipo feminino que surgira na segunda década do seculo e que Alexandra Kolontay devia, mais tarde, estudar no seu livro «A mulher moderna e a moral sexual». A mulher da epoca, no que tem de eterno e contemporaneo, a mulher que luta pela sua independencia sem deixar de ser feminina, sem deixar de ser infinitamente mulher; a mulher «Forte...», como se diz numa das admiraveis cartas deste volume, e que procura ser mais humana, vencendo ancestraes preconceitos e cimentando a sua emancipação com a cinza das suas proprias illusões, foi a personagem que mais fascinou a pena de Diana de Liz. Essa mulher, que começa a ser realidade depois de ter sido anseio, vibra, palpita, luta, desvenda-se e entrega-se em quasi todas as paginas desta escritora que é, por vezes, tão profunda sob a sua aparente frivolidade.

Não se preocupou Diana de Liz, como é natural num

espírito de mulher, com as causas economicas que deram origem ou, pelo menos, apressaram o aparecimento desse novo tipo feminino. Procurou registar o facto social, estudando-o a sorrir, dissecando-o como se fizesse uma lição de anatomia sobre uma boneca que escondia uma alma — uma alma em que poucas almas tinham reparado. E, até sob a sua ironia, que estranhos elementos humanos Ela consegue trazer para a luz ! Demonstram-no, sobretudo, as «Pedras Falsas» e alguns dos trabalhos que neste livro se recolhem, como «Impressões de Silvina, viuva», que é uma pequena obra-prima ; o «Dialogo entre a materia e o espirito duma mulher bonita», «Clotilde, Clarinha e Clarisse» e muitos outros, entre os quais algumas novas cartas, plenas de compreensão, de graça e de humanidade.

Mas as «Memorias duma mulher da epoca», como as novelas «O tutor» e «O tranzeunte», fazem parte de outro sector espiritual de Diana de Liz. A ironia foi substituida pela ternura. A critica, pela compreensão.

E assim, quando em 1929 eu insisti contra a sua modestia tão natural e tão expontanea, incitando-a a preparar um original para publicar em livro, Ela voltou

novamente a trabalhar, ampliando a intenção inicial nas «Memorias duma mulher da epoca».

Nessa altura da sua vida, Diana de Liz desejava que a novela tivesse um sentido simbolico e que nas suas paginas se encontrasse não o caso duma mulher, mas o caso da maioria das mulheres. Seria a morte lenta das illusões mais queridas, a renuncia de todas as horas, a submissão a todos os desgostos, a adaptação a todas as realidades quotidianas. E tudo isso sem se responsabilisar o homem, o marido que se elegera num periodo de quimera, porque tambem ele não é o culpado das suas insuficiencias, dos seus defeitos e até dos dramas intimos que pode provocar. A novela não responsabilisava o homem — que é tambem um escravo do destino — mas sim a Vida, por todo o sonho que ela dá e, pouco a pouco, vai eliminando, por toda a angustia da existencia e por todo este anseio de suprema felicidade, que jamais se consegue, duradouramente.

Diana de Liz demandava, assim, um caminho mais amplo e de maior comprehensão universal, embora mais melancolico.

Mas a Vida, como se pretendesse tornar-se inviolavel

á analyse humana, não quiz que a obra fosse concluída sob a nova orientação da escritora. Lançada de novo ao trabalho, Diana de Liz pode modificar apenas a primeira parte das «Memórias duma mulher da época». As últimas palavras que Ela escreveu nesta obra, dir-se-hão já inspiradas por um genio clarividente e tragico: «Tenho febre; e tenho frio, também. Isto vai acabar mal...» Era como se Ela adivinhasse já o fim prematuro do seu altissimo espirito e do seu perfil de beleza irregular, mas tão sugestivo, tão atraente, tão fascinador!

A segunda parte da novela ficou, portanto, conforme o terceiro manuscrito. Assim, já não corresponde integralmente á ultima fase mental e literaria da autora, fase que está definida nas novelas «A solteira», inserta em «Pedras Falsas», «O tutor» e «O transeunte», bem como na «Carta a Lucia», que neste volume se publicam e que constituem os seus ultimos trabalhos. São paginas onde a compreensão e a justificação da existencia como ela é e não como nós queriamos que fosse, se envolvem em fraternal melancolia para com os nossos semelhantes. Satisfeita a inquietação sentimental do periodo juvenil, que tão belas e inesquecivies paginas lhe

deu, Diana de Liz começava a contemplar a vida no milagre e no pavor de toda a sua extensão. Até onde chegaria nessa sua nova atitude? Não o sei. Mas ha, quer nas «Pedras Falsas», quer nas «Memorias duma mulher da epoca», quer, ainda, nos trabalhos que completam este volume, alguns dos quais são do melhor que tem brotado de penas femininas, tantas pepitas de oiro, que não seria arrojado profetisar-lhe conquistas literarias ainda mais surpreendentes do que aquelas que, postumamente, se estão revelando. Porque era mulher, o Amôr foi sempre para Ela o tema preferido. Um tema preferido, mas não um tema gasto, porque o seu grande talento sabia extrair dele novos conceitos, novas interpretações e novos estados de alma, descobrindo e analisando novas personagens amorosas. Daí, a originalidade de alguns tipos femininos que perpassam pelas suas paginas e das proprias paginas em si. É a psicologia da epoca que Ela fixou nas suas duas obras, psicologia que por não ter ainda historia, se apresenta, por vezes, á velha mentalidade, com uma sedutora expressão de audacia. Mas nisso, precisamente, está o seu encanto, a sua originalidade e o seu valor. E que grande toleran-

cia, que grande poder comprehensivo do ser humano, nas suas fraquezas e nos seus heroísmos, que delicada e nobre attitude de absolvição existem e brilham, ora sob a fulgurante ironia, ora sob a densa ternura destes livros!

Não pode Diana de Liz proceder á selecção de todas as composições que os seus dois volumes encerram; contudo, quantas paginas definitivas, duma belesa imperecível e de forma tão cristalina e tão escultorica, a essas obras se poderia ir buscar para uma antologia das maiores escritoras que teem desabrochado sob o ceu diafano de Portugal!

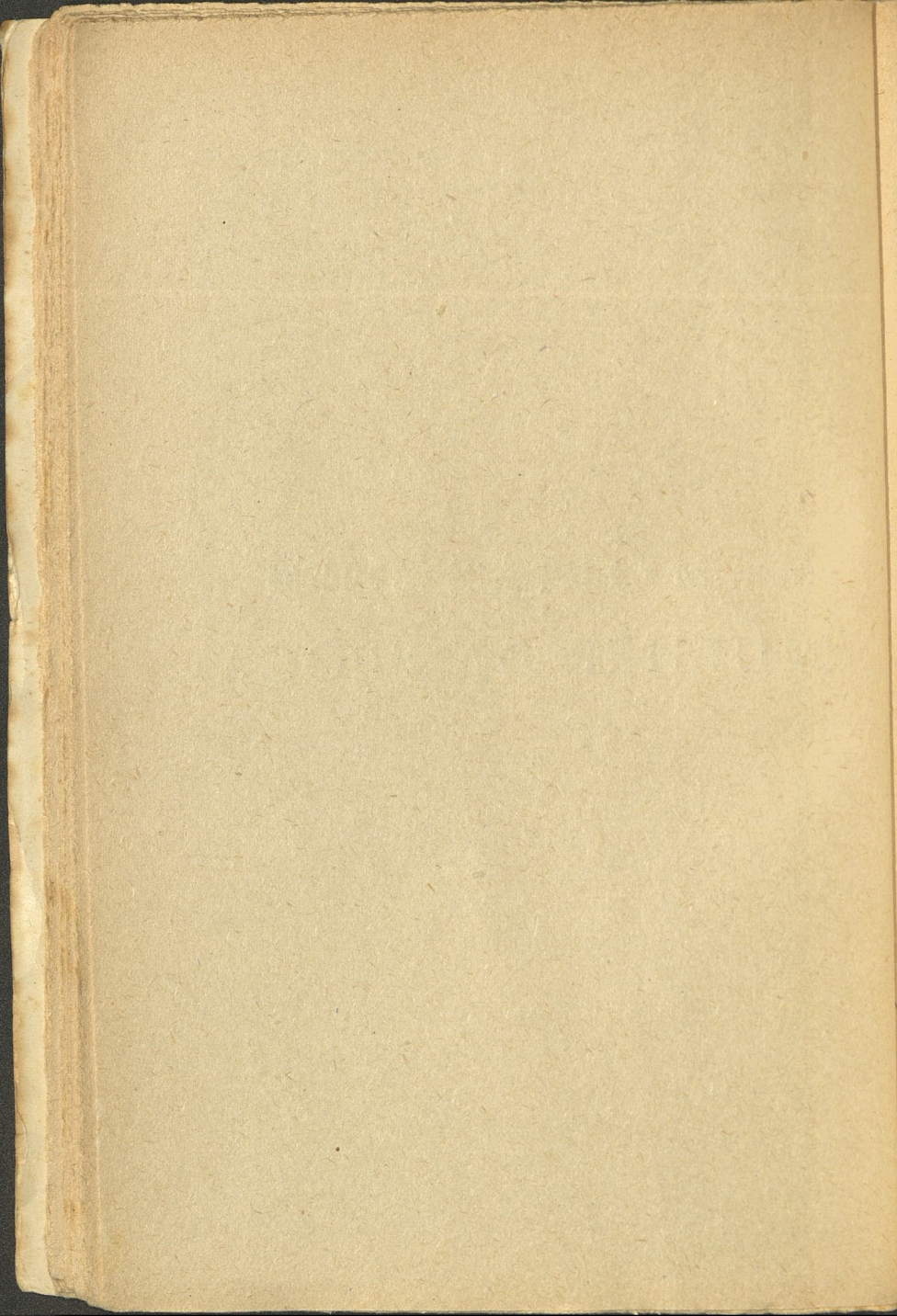
Maio, 1932.

F. DE C.

«Mas o mundo não saberá nunca quanta ternura ha na tua ironia e quanta generosidade encobrem os teus modos frivolos; o que ele rapidamente aprenderá é que tu, em dias travessos, zombas do seu recato e da sua gravidade— quantas vezes postiços...»

Diana de Liz.

MEMORIAS DUMA
MULHER DA EPOCA



MEMÓRIAS DUMA MULHER DA EPOCA

PRIMEIRA PARTE

15 de Outubro

Amanhã, amanhã! A minha alma abre-se, ansiosa, para a Vida, essa Vida que desconheço e tantas vezes me tem feito meditar. Sosinha, a horas mortas, no meu quarto de virgem, penso frequentemente no que será a verdadeira vida; sonho-a muito diferente da existencia incolor e monótona que sempre arrastei aqui, em casa de meus pais.

Amanhã, Vasco virá pedir a minha mão. Já mandei buscar flôres, muitas flôres — para que o meu jubilo respire o perfume perturbante dos cravos, para que os meus olhos poisem, encantados, na cabeleira caprichosa dos crisântemos. Minha mãe, pálida e enternecida, meu pai, aprumado e sereno, eu, vestida de verde e ligeiramente nervosa, receberemos Vasco e seu tio, na sala grande. Nos olhos de minha mãe hão-de, forçosamente, rebrilhar duas lágrimas. E uma nuvem de comoção perpassará no ambiente.

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

Sinto bailar dentro do meu cerebro excitado a multidão dos meus sonhos, dos meus desejos ardentes e intensos. Tardavam-me estes momentos de prazer ; já fiz vinte e dois anos e há quatro que vivo na ansiedade de casar — embora afirmando o contrário a todas as minhas amigas.

Estou tonta de alegria ; agora mesmo, em vez de mergulhar a pena no tinteiro, molhei-a na chavena de chá, que, diante de mim, espera o contacto dos meus labios inquietos. Creio que estou febril. Tenho os nervos, desde ontem, num continuo alvoroço.

Vou ser rainha dum minuscuro reino, de um reino de bonecas, frívolo e perfumado, mas no qual as minhas ordens serão sempre cumpridas e os meus desejos respeitados. Poderei fazer o que quizer — sem que me seja necessario ensaiar rogos nem esperar solenes permissões.

Reflexionando assim, não me supponho ingrata, desamoravel, para com meus pais ; ao seu affecto corresponde o meu, calmo e reconhecido. Mas a vida de uma rapariga solteira é polvilhada de mil pequeninos dissabores, que tomam, por vezes, forma de humilhação... Quando, por exemplo, disponho de certo modo um cortinado, uma jarra, uma cadeira, e minha mãe, por discordar do meu criterio, vem, logo após, modificar essa disposição, eu sou forçada a submeter-me,

dissimulando um ligeiro despeito, à supremacia maternal... Já me tem sucedido partir em vilegiatura fóra da época própria, fóra dessa época em que o movimento e a alegria são estonteantes, em que a atmosfera é mais cariciosa, os *flirts* mais saborosos e jocundos, trocando, assim, dias de vida intensa e prazer vivaz por outros dias insípidos e frios... E isto porque meu pai, atendendo a razões suas, apenas suas, o havia destinado assim... Sempre estes inevitáveis grãos de areia têm vindo acidentalmente a alfombra aveludada sobre a qual há repousado a minha mocidade.

Dentro em pouco, tudo isso cessará. Era tempo; sinto que não poderia esperar mais. Depois, o meu temperamento irrequieto, a minha imaginação exacerbada, arrastam-me cégamente, irresistivelmente, para o amor. O problema resolve-se, enfim. A minha vida, a minha *verdadeira* vida vai principiar.

16 de Outubro

São nove horas da noite. Só agora tenho um momento de meu para anotar as impressões do dia.

Tudo se passou como eu tinha previsto, desde as palavras breves, precisas, do tio de Vasco, até ás lágrimas de minha mãe. Vasco esteve admirável de correção; achei-o, todavia, um pouco impertigado e tam-

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

bem me pareceu que os dedos das suas luvas, mal calçadas, dobravam na extremidade. Isto são, afinal, pormenores insignificantísimos. Ele é um rapaz encantador — e ama-me tanto!

Conhecemo-nos o verão passado, no Estoril; logo surgiu em mim um vivo interesse por ele e logo, também, o seu espirito se debruçou por sobre o meu. Prometi a Santa Filomena vinte e quatro velas e dez missas, se este casamento se realizasse. Sucede-me às vezes confundir as coisas sagradas com as profanas; mais tarde, surpreendendo a intromissão, procuro remedia-la, separando e definindo as idéas. Mas ao primeiro ensejo, não deixo de reincidir. E então, nesta pobre cabecinha frisada, os lírios brancos do misticismo juntam-se, em singular e entontecedora miscelânea, às rosas rubras das ambições terrenas; o incenso dos templos e o «Chypre» dos perfumistas caros produzem, confundidos, um aroma indefinível que me enevôa o cerebro... Necessito reagir.

4 de Novembro

Fômos ontem, todos quatro — eu, Vasco e meus pais — passar o dia a Sintra. Não havia frio. Apesar de estarmos no outono, o esplendor daquela permanente orgia de verdura, pouco desmereceu este ano. Teatro de amores romanescos, refugio de angustias

intelectualisadas e transcendentais, Sintra, a vetusta e maravilhosa Síntra exerce uma extranha influencia sobre os meus nervos e o meu cerebro.

Passeámos lentamente, emudecidos e de alma encantada, por àleas ainda floridas ; eu desejava encontrar-me sozinha com o Vasco, ali, naquele cenario de penetrante beleza. A presença de meus pais pareceu-me, ontem, pela primeira vez, incomoda, inoportuna — e advinhei que no espirito de Vasco haviam surgido pensamentos identicos aos meus.

Descançamos em recantos ensombrados, perto dos quais corria, ondeante e sussurrante, um fio de água que lembrava prata nova em fusão. Mais tarde, caído o crepusculo, regressámos ao centro da vila, trazendo os agasalhos cingidos e o apetite desperto.

O jantar estava ótimo e eu, á sobremesa, tinha fortissimas tentações de abraçar Vasco, mesmo deante de toda a gente que lá se encontrava. Era pouca : uns recém-casados, segundo parecia ; dois sujeitos idosos, três rapazes em grupo e nós. O vinho estonteou-me um tanto ou quanto e, provavelmente, foi por isso que me apareceram no cerebro idéas tão exóticas. Tive um grande desejo de me sentar na beira da mēsa, baloiçar os pés e espalhar pelo chão as pétalas dos crisântemos que a adornavam. Custou-me conter-me.

Vasco disse-me : — «Tens um brilho nos olhos!»

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

— Eu ri, ri como uma louca. Parece-me que ainda hoje não estou completamente bôa. . .

15 de Novembro

Ontem, á noite, estive cá a Maria de Lourdes com a irmã. Trouxe o violino e tocou alguns trechos celebrados; a irmã acompanhava-a ao piano. Por fim, para ser agradável a meu pai, tocou uma peça de ritmo extranho e sugestivo. Vasco adora a musica e só tinha olhos para a executante. . . Ela é insinuantissima; o seu perfil, quasi clássico, a sua fronte de artista, os seus cabelos negros e lisos formam um conjunto de especial encanto. Veste mal, contudo, e não tem a minima coqueteria. Eu, de modo algum, introduziria o meu corpinho esbelto naquele vestido afogado e decerto não teria ânimo de cortar os meus caracões e passar a usar os cabelos assim lisos, repuxados. E, apesar do seu invulgar talento, não posso deixar de confessar a mim própria que me não trocaria por ela, mesmo que isso fôsse possível. Gosto das minhas feições vivas e irregulares, dos meus cabelos partidos e frisados e, até, da minha execução imperfeita, ao piano, dos grandes clássicos. Gosto dos meus vestidos de audaciosa elegancia. . . Não, realmente, eu sou mais bonita do que ela. . . Porque seria que Vasco a não desfitou durante toda a noite?!

16 de Novembro

Já tenho casa. E' linda, sorridente, visitada pelo sol. Não é grande, mas possui muitas janelas e tambem uma larga varanda, da qual a gente se debruça por sôbre um jardim simétrico, regular, cuidado e aparado até o exagero. Com que alvoroço intimo percorri hoje essa casa, de um extremo a outro! Foi uma sensação de posse plena, completa, a que se reunia um quasi nada de orgulho e uma profunda comoção.

A minha casa! Eu e Vasco havemos de brincar ali, como duas crianças; hei-de esconder-me atraz das portas quando estivermos sós, para assustá-lo, surgindo repentinamente á sua frente; hei-de ter cravos na espaçosa varanda e fazer de cada janela um minuscuro jardim suspenso.

Vou cuidar com especial carinho da sala de trabalho. Vasco diz-me que lhe é grato trabalhar á noite; parece-me já vê-lo, atento entre os seus livros complicados e os seus planos azuis, tracejados de branco. E eu, lendo ou pensando, lábios cerrados pelo mais discreto dos silencios, serei como que um grande bibelô, a um canto do divam, nessas noites de muda e serena ternura.

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

18 de Novembro

Trouxeram ontem o meu vestido de noiva. Colocámo-lo a meio do gabinete de vestir, num manequim, e dispuzemos-lhe, por cima, o manto de renda. Está lindo. Não posso compreender porque me senti como que sufocada por uma onda de tristeza que, de repente, me assaltou — depois de o haver examinado durante alguns minutos...

Fui fechar-me no meu quarto, deitei-me sobre o leito e chorei. Senti um desejo intenso, quasi irreprimível, de fugir para muito longe e nunca mais vêr toda esta gente que me rodeia. Dominei-me, por fim, e voltei ás minhas occupações. Mas todo o dia estive enervada e quando, á noite, Vasco chegou, acheio-o detestavel. Pareceram-me de um mau gosto inconcebível a gravata que trazia e a côr amarela dos seus elegantes sapatos. Iria jurar que me agradaria muito mais se não se penteasse com tanto esmero e não mostrasse tanto amiude os seus belos dentes regulares e brancos. Cheguei a julgar que já não o amava; e pensei que talvez o adorasse se ele fôsse muito mais feio, sedutoramente feio e espirituoso, como o marido de Luizinha, a quem a mulher parece não achar graça alguma...

Hoje, estou outra. Já Vasco se me afigura incom-

D U M A M U L H E R D A E P O C A

paravel e, com efeito, lograria eu encontrar outro noivo semelhante a ele, assim fisicamente bem dotado e numa tão bela situação material ?

19 de Novembro

Encontro-me extenuada pelo movimento destes ultimos dias. Fômos hoje de manhã escolher a decoração da sala e eu estive até agora tratando dumas avencas que quero levar para a minha residencia de casa-da. Tenho abatido extraordinariamente. Vasco mostra-se cada vez mais apaixonado e quere apressar o casamento ; eu não devo criar obstaculos aos seus desejos, mas acho extranho o que se está passando em mim. . . Ainda há menos dum mês, ansiava por esse dia que parecia não chegar ; agora, quasi o receio ; se pudesse afastar, adiar indefinidamente a cerimonia, com certeza o faria.

Se Vasco pudesse suspeitar estes singulares pensamentos. . .

A campanha tocou ; deve ser ele.

.....
Não me tinha enganado : era Vasco. Já se retirou, porém. Combinou-se, agora mesmo, que o casamento se fará de hoje a quinze dias.

Sinto-me de novo entusiasmada. O meu enxoval está todo organizado.

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

Tenho ainda, contudo, tantas pequenas coisas a fazer ! Oh, trabalhos forçados de uma noiva !

25 de Novembro

A attitude reservada e sombria de Luciano Casais, desde que sabe que estou noiva, causa-me apreensões.

Velho amigo de meu pai, tem sido tambem para mim um amigo excelente. Seria natural que a noticia do meu proximo casamento o alegrasse. Em vez disso, parece que o contristou, que o traz desanimado. Ele não conhecia Vasco ; só há poucos dias lho apresentei, notando nos seus modos certa frieza para com o meu noivo, que, em contraste, lhe demonstrou uma viva simpatia.

Lembrei-me de que talvez lhe houvesse constado qualquer facto desfavoravel a Vasco e, ontem á tarde, interroguei-o francamente a êsse respeito.

— Não comprehendo essa pergunta, Fausta ! — respondeu. — Se eu soubesse de algum pormenor depreciativo para o teu noivo, certamente teria avisado já teu pai.

— Mas esse teu ar contrafeito . . .

— Este meu ar contrafeito não se relaciona contigo, nem com o teu casamento. Bem vês ; é natural que eu tenha outras preocupações. No meu espirito não

ha, a teu respeito, mais do que o grande, o sincero desejo de que sejas feliz.

Senti-me levemente humilhada ao ouvir-lhe a declaração, naturalissima, de que outras preocupações lhe preenchem o cerebro. Na realidade, não posso ter a pretensão de que todos quantos me rodeiam se preocupem exclusivamente comigo. Talvez que a sombria apparencia de Luciano seja efeito de alguma paixão; é ainda novo, celibatario e attribui-se-lhe grande vee- mencia no culto de Cipris. E, contudo... Contudo, tenho o pressentimento de que as palavras que lhe ouvi não correspondem totalmente ao que ele sente.

1 de Dezembro

São duas horas da madrugada e só agora me recolho. E' amanhã o *grande dia*. Pena é sentir-me tão fatigada. Está tudo magnifico, aqui. Minha mãe chora pelos cantos, mas meu pai conserva-se sereno. Vasco «anda em braza», como vulgarmente se diz... Não posso escrever mais; estou a cair com sono...

2 de Dezembro

São dez e meia da manhã. Daqui a meia hora, a minha mão, tremula com certeza — estou nervosa! — assinará o meu nome no grande livro de regis- tos; daqui a uma hora sairá para a igreja o cortejo

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

nupcial. E' esta a minha ultima impressao de solteira.

Meu Deus, meu Deus, serei feliz ?

19 de Dezembro

Depois de estarmos duas semanas em Coimbra, terra de meu marido, chegamos ontem a Lisboa. Estes quinze dias de lua de mel bastaram para que eu ficasse conhecendo melhor o character de Vasco, que é, afinal, mais diferente do meu do que eu supunha.

Nunca julguei que um homem de vinte e nove anos, vivendo quasi sempre em Lisboa e aqui educado, pudesse ser, no seu intimo, tão simples. Há momentos em que se me afigura que sou eu o rapaz desenvolto e ele a juvenil recém-casada . . .

Sinto-me tranquila, sem entusiasmos, mas tambem sem tristezas. Não se pode dizer, é certo, que o matrimonio seja uma fonte inexgotavel de alegrias . . .

Eu, ao fim de quinze dias de casada, quando interrogo a fundo o meu espirito, penso que esta situacao é, na verdade, muito mais insipida do que deveria ser, segundo a nossa fantasia. Não sei se a todas as mulheres succederá o mesmo que succede comigo, isto é, experimentar uma sensacao mixta, formada por um vago descontentamento e por uma ternura crescente por meu marido, sensacao que não sei explicar

— naturalmente porque é inexplicavel. Compreendo agora os suspiros misteriosos da Luizinha e o ar tristonho da Maria Alice ! O marido desta ultima, é, certamente, arqui-banal ; quanto ao da Luizinha, tão insinuante e vivo de espirito, admiro-me de que motive essa attitude da mulher. Recordo-me, porém, de ter ouvido dizer que, em solteiro, as protagonistas dos seus paßatempos amorosos o abandonavam com a maior facilidade, desgostando-se, como provavelmente se desgostou já a esposa...

Porque as afugentaria ele ? Ainda hei de ver se Vasco sabe a razão.

Pobre Vasco ! Só agora reparo que lhe não dediquei meia duzia de linhas seguidas ! Fica para amanhã.

23 de Dezembro

Tem estado uma temperatura glacial. Toda a noite me senti gelada, apesar do «édredon».

Parecia que o frio me tinha atingido os ossos. Vasco está constipadissimo, o que não o impediu de dormir como um bemaventurado, escondido entre os cobertores como o caracol dentro da casca. Eu, que não posso dormir quando tenho frio, sentia-me indignada com tanto egoismo. E' que Vasco já não é o mesmo. Quasi todas as minhas amigas casadas me dizem que

os homens mudam com o tempo, mas isso não é razão para que me resigne a verificar que o facto de eu ter ou não ter frio é indifferente a meu marido — quando não há ainda um mês que nos casámos. Iria jurar que o primo Alberto, com quem travei conhecimento agora em Coimbra, não procede assim para com a mulher. . .

Tudo isto são pequeninas e intimas decepções. Guardo-as comigo e ninguem suspeita delas.

25 de Dezembro

Dia de Natal. Está um tempo lindo, apesar de frio, mas eu, hoje, não me sinto bem. Tivemos, ontem á noite, algumas vizitas intimas. A Emilia de Lara disse uns versos seus — enfáticos e ôcos como tudo quanto se lhe gera no inflamado cerebro. Vasco, pleno de espirito e bom humor, animou toda a sala. Mas aquelle seu habito de tamborilar, de vez em quando, com os dedos da mão direita no braço da poltrona, enraivece-me. Não sei explicar porque um gesto tão simples e tão natural me complica tão insuportavelmente com os nervos. . .

Luciano Casais não appareceu, apesar do meu convite. Dizem que está neurastenico ; se assim é, a neurastenia torna-o incorrecto. Não assistiu ao meu casamento, não veio ainda a minha casa e nem sequer me

enviou umas flores, ele que, noutro tempo, me levava todas as semanas um magnifico ramo. Enfim... Como é poeta, sonhador e um tanto esfingico... Parece estar convencionado que o talento torna desculpavel grande parte das faltas e das indelicadezas daqueles que o possuem... Eu, apesar da minha grande amizade a Luciano, não respeito absolutamente esse criterio.

Vasco mudou; mudou... É facto que, recebendo vizitas, lhe assistia o dever de sêr amável. No entanto, não chegou a dirigir-me quatro palavras em toda a noite. Sofri com isso. Ainda hoje estou sofrendo. Por fim, encetou uma conversação, a meu vêr excessivamente prolongada, com a Emilia de Lara. Não posso compreender que encantos haja nessa poetisa pretenciosa que, de olhar erguido e ar superior, pronuncia banalidades rimadas. É trigueira, deselegante e tem um nariz horrivel. Vasco já me disse, um dia, que há mulheres feias que atraem e seduzem os homens, mil vezes mais do que as belas. Será a Emilia uma dessas mulheres?

28 de dezembro.

Estreio hoje um linda capa, que veio ontem da modista. Vou vizitar meus pais. É a primeira vez que saio sozinha e sinto-me cheia de orgulho ao pensar nisto.

Já sou alguém. Vasco não gosta de que eu saia só; trata-se, por isso, duma excepção e, ainda assim, porque meus pais moram perto. Meu marido já me disse que tem toda a confiança em mim — oh, absoluta, nem podia deixar de ser! — mas como sou nova e bonita, não quere que alguém tenha ensejo de murmurar.

Abracei-o, quando lhe ouvi isto, mas a verdade é que teria ficado mais satisfeita se não se mostrasse tão convencido do meu grande amor por ele. Esta mania que os homens têm, de se julgarem amados com loucura! Eu amo sinceramente meu marido; se a vida de casada me parece um tanto insipida, não é, certamente, culpa sua* — nem tão pouco minha; são coisas independentes da nossa vontade. Mas não acho bem que ele me dê a entender que esse amor era inevitavel. E se eu deixasse, amanhã, de o amar?

2 de janeiro.

Estivemos ontem, á noite, em casa de meus pais, com algumas pessoas de amizade. Foi lá, pela primeira vez, um casal que me surpreende. O marido travou, há meses, conhecimento com meu pai. É um belo rapaz de trinta e cinco anos, talvez; é alto e desempenado. A mulher, uma morena nervosa, de olhos de fogo, deve ter cerca de vinte e oito anos.

O que me interessou, neste casal, foi o imenso affecto que transluz em todos os olhares, em todas as palavras que dirigem um ao outro. A esposa não perde de vista o marido, numa expressão de ternura indiscreto; o marido interrompe, de quando em quando, a mais curiosa conversação em que se haja embrenhado, para dirigir uma palavra de affecto á sua querida mulherzinha. . .

Soube que são casados há sete anos e disseram-me, tambem, que têm vivido sempre daquela maneira. Parece um casal exemplar.

E nós outras, eu, a Luizinha, a Maria Alice, casadas há um mês, oito meses, um ano, todas com ar cançado de quem não sente já entusiasmos! E a forma quasi indifferente por que nos dirigimos em publico aos nossos maridos e por que eles se dirigem a nós?! Estou certa de que a todas três occorreu o mesmo pensamento: — Que filtro misterioso ingeriram estes dois entes que mostram adorar-se, quando há sete anos que vivem em comum?

De regresso a casa e ao deitar, dirigi a Vasco perguntas sobre perguntas ácerca deste casal modelo. Ele tinha sono. Sempre me disse, contudo, que os ternissimos esposos moram no primeiro andar, por cima das primas Teixeira, na avenida de Berne e que o socego das Teixeira é quasi diariamente

interrompido pelas tremendas altercações daqueles vizinhos, originadas ora pelos ciumes da esposa, ora pelos descontentamentos do marido, quando, por exemplo, o almoço tarda dez minutos...

Caí das nuvens e declarei Vasco um marido ideal. Para não adorar um homem que espera mais de meia hora pelo almoço e não arrisca um unico queixume — verdade seja que somos casados de fresco — fôra preciso ser de gelo e ingrata tanto quanto possível! Abracei-o, com ternura, afirmando-lhe que nunca imitaria a desconfiada esposa do amigo de meu pai e que jamais faria uma cena de ciumes... quando não tivesse motivo para isso. Ele murmurou qualquer coisa, numa voz confusa, e adormeceu. Pelo meu lado, tive sonhos lindos, que me deixaram boa disposição para oito dias.

E' que, verdadeiramente, sou feliz.

24 de Fevereiro

Fomos, ontem, ao melhor teatro de Lisboa, vêr uma nova peça, que nos aborreceu pela sua fórmula ilógica e absurda. Eu mal conseguia disfarçar os bocejos e Vasco esteve olhando de soslaio para a bonita vizinha da frisa contígua. Um arzinho affectado, um penteado de manequim, um vestido de alto preço e baixo gosto completavam a criaturinha de rosto de boneca,

parado e inexpressivo, que tanto chamava a atenção de meu marido.

Eu fingia não vê... Mas estava furiosa e pensei que só um homem trivial pode interessar-se, ainda que seja durante cinco minutos, por uma mulher banalíssima, como aquela com certeza era...

Para dissimular a minha impressão, puz-me, num intervalo, a observar a assistencia; notei imediatamente uma *cocotte* que conheço de vista e já me disseram estar muito em voga na sociedade equivocada de Lisboa. Sempre que tenho ocasião de observar uma mulher daquele genero, faço-o com intensa curiosidade. Por detraz daquela expressão impudente, daquela maquilhagem ousada, não se esconderá, muitas vezes, uma grande amargura, não se procurará abafar, em determinadas ocasiões, a consciencia da propria baixeza? Ou perderão essas mulheres toda a delicadeza moral, toda a sensibilidade naturalmente feminina? Eu não sei, não sei! — mas iria jurar que ainda a de mais longa carreira, aquela que se mostra menos escrupulosa em arruinar os ricos, em desesperar os pobres, em causar o descalabro de alguns lares, não deixará de ter momentos de infinita tristeza, curtos lampejos de dignidade, que a fraquesa de espirito não sabe proteger e a força do habito apaga rapidamente...

Senti piedade por aquela mulher risonha e decotada

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

que desviou de mim a vista, com presteza, quando os nossos olhos se cruzaram...

Por todas as razões saí triste do teatro...

2 de Março

Tivemos, ontem, a nossa primeira questão. Eu queria sair á noite, para ir vêr um filme muito anunciado. Vasco negou-se a acompanhar-me, dizendo que tinha assuntos de alta importancia a tratar com uns amigos, justamente á hora da exhibição. Como minha mãe está com um resfriamento, não pude saír, tendo de renunciar á satisfação do meu desejo.

Vasco disse-me que podíamos ir ver, hoje, o filme, mas eu logo declarei que não sairia, para isso, nem hoje nem outra qualquer noite. E não saio! Meu marido classificou-me de teimosa e eu, a ele, de tirano; amuei e deitei-me ás nove horas da noite, o que, no entanto, não me causou insónia. Nem ouvi sequer entrar o meu tão pouco condescendente marido, que se deitou sem que eu desse por isso...

Sonhei que possuia a faculdade de me elevar nos ares — sem ser em avião — e que tinha voado, voado, numa linda noite, para um paiz desconhecido, estranho, de construções extravagantes. Poisei numa especie de minarete e quiz ajuizar do aspecto da cidade, mas uma nevoa intensa, que appareceu subita-

mente, não mo permitiu. — «Bizancio !» — murmurou, ao meu lado, uma voz cava, que me arripiou. Não vi pessoa alguma, mas senti que me despenhava do alto do edificio e julguei chegado o meu ultimo momento. De repente, encontrei-me em casa, na saleta e ouvi Vasco dizer-me com voz agastada : — «Não sei que significam todas essas fantasias ; não vales mais do que as outras !»

Acordei ; a claridade do dia entrava no quarto pela fenda da janela. Ao atentar na exquiritice do sonho, desatei a rir. O Vasco, que tambem havia despertado, deitou-me um olhar surprezo e eu, recordando-me da questão da vespera, retomei a minha expressão amuada e voltei-me para o lado oposto.

Ele não disse palavra e tratou de se levantar, cantarolando *Vous avez perdu ça dans un taxi* que, segundo supponho, ouviu no *Folies Bergers*. Tive vontade de lhe atirar qualquer coisa, irritadissima com aquele desprendimento, mas consegui conter-me. Saiu, muito alegre.

Não lhe posso perdoar aquella feliz disposição.

3 de Março

Estou radiante. Vasco foi ontem procurar-me, á saleta, insistindo para que fossemos ver o filme que deu

origem á nossa questão de ante-ontem. Resolvi-me, por fim. Vi e gostei.

Vasco esteve cativante para comigo. Sinto-me bem, almocei hoje com muito apetite. Nenhuma outra impressão há, esta tarde, no meu espirito.

4 de Março

Estou indignada ! Minha mãe veio hoje visitar-me e esteve-me contando o que a Adelaide, costureira, observou na noite de sabado. Seriam nove e meia quando ela subia a rua de Santa Marta e viu meu matido bater á porta duma casa baixa. Parou, disfarçando, para ver do que se tratava ; dali a alguns minutos saíu dessa casa uma rapariga vistosa e garrida, que travou do braço de Vasco, desaparecendo os dois a uma esquina.

Aqui está em que consistia a conferencia com amigos, sobre assuntos de importancia, que o não deixou ir comigo ao cinema, nessa mesma noite ! Não será isto revoltante ? !

A Adelaide diz que a rapariga é uma corista muito leviana que foi sua vizinha ; eu não quero saber ao certo de quem se trata, nem é preciso, porque depois duma explosão de desespero, resolvi não falar em tal assunto a Vasco. Não me rebaixarei a mostrar ciúmes por uma corista, talvez analfabeta, por quem ele

me troca — sabe Deus quantas vezes ! Pois não serei bastante viva de espirito e suficientemente amorosa para o cativar ? Que exigirá ele mais de uma mulher e porque não lhe bastarei eu, sua esposa há tão pouco tempo ? ! Não sei, não comprehendo . . . Seja como fôr, o pedestal em que eu me esforçava por collocá-lo e que já por varias vezes tinha oscilado, ruíu agora estrondosamente e tenho a certeza de que, embora eu cale, por dignidade, a minha magua, Vasco não voltará a ser para mim o marido muito amado que foi até hoje. Não volta, não volta !

Hipocrita ! Aquela ternura de ante-ontem, dia immediato ao do delicto ! Perfido ! Sinto-me arrependida de me ter mostrado tão terna . . .

Mas porque veio minha mãe falar-me destes nada miseraveis, ridiculos, em que eu nunca deveria pensar ?

8 de Março

Depois de três dias de cama, por causa dum resfriamento, levantei-me hoje, quasi restabelecida. Vasco, inquieto, tem-me rodeado de atenções, que eu, revoltada por tanta hipocrisia, tenho fingido não notar. Estou-o desprezando, não resta duvida, mas, ao mesmo tempo, sinto desejos de bater-lhe. Preferiria, contudo, ter passado estes dias sem que ele me visse,

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

porque, com a cabeça pesada, os olhos entumecidos, o rosto avermelhado, estive, provavelmente, muito feia... Enfurece-me a idéa de que ele, durante esses dias, tenha achado mais bonitas do que eu mulheres que afinal o não são e cujos ataques de *gripe* ele não presencia!

E a outra, a corista espalhafatosa? Estas pequeninas miserias da vida! Vou fazer-me linda, para que Vasco logo á tarde me admire.

11 de Março

Não pude conter-me, hoje, quando meu marido veio beijar-me. Afastei-me, desdenhosa, e declarei-lhe que não receberia de bom grado caricias de quem as prodigalisava, por vezes, a criaturas pouco dignas. Ele corou ligeiramente e desatou a rir, logo em seguida, num riso forçado que me incomodou. Quiz que eu lhe explicasse as minhas palavras, perguntando-me porque razão desconfiava do «meu Vasco» e porque, tendo-me deixado beijar ontem, ante-ontem e nos outros dias, hoje, justamente depois dele ter passado quatro noites a fio sem sair de casa, mostrava semelhante attitude. Achei-o affectado, ridiculo; tinha a gravata ao lado e alguns cabelos erguiam-se-lhe, despen-teados, no alto da cabeça. Tive um frouxo de riso que me ia sufocando e atirei-me para cima do sofá,

DUMA MULHER DA EPOCA

sempre a rir. Deixei-me beijar, por fim, com o que ele exultou. Afinal de contas, não lhe quero mal.

Homens! Devo tornar-me tolerante e é possível que acabe, como tantas outras, por habituar-me a estas traições.

Se a *verdadeira* vida é assim, não se pode dizer que seja animadôra... Mas que remedio, senão filosofar!

22 de Março

Ontem, á noite, enquanto meu marido trabalhava em frente de uma pirâmide de planos, livros técnicos e outros papéis dèsses que sempre me têm afugentado — e eu que havia julgado o contrario! — estive algum tempo à janela do meu quarto.

Tinha fechado a luz, antes de me sentar no divam que ocupa o vão dessa janela, raramente aberta. Onze horas, silencio, melancolia. Aflorou-me os labios um sorriso de irónica tristeza, ao recordar todo o meu alvoroço de há quatro mezes. Compreendo agora quanto tinham de insensatas e absurdas as minhas ambições sentimentais.

Eu esperava da vida qualquer coisa que não sei nem soube nunca definir: qualquer coisa de bom, de belo, de entusiastico, que viesse preencher o meu coração enfermo de vácuo e soledade. Supuz que, ao

ser solicitada pelo amor, deixando a casa de meus pais, cujo affecto não contentava a minha alma ardente, cairia sobre mim, vinda de alguma cornucópia maravilhosa, uma cantante e eterna cachoeira de prazeres, de jubilosas sensações. E o destino burlou-me, escarneceu-me. Casei há trez meses e meio e estou já succumbida, amarrotada pela desilusão. Não posso deixar de pensar, com pavor, no que succederá daqui a tres ou quatro anos... Procuro segurar-me, com todas as minhas forças, aos restos de um ótimismo que me foge; mas a realidade contundente murmura sem cessar, aos meus ouvidos, o seu estribilho diabólico: «Teu marido atraiçoa-te após alguns escassos meses de casados, e, em troca, tu não lhe tens amor.» Esta é a verdade crua, cortante, que rompe, implacavelmente, a tunica rosada e ténue da ilusão. Eu não amo meu marido, nunca o amei, apesar de repetir incessantemente a mim própria que o amava, como uma criança que repete a lição que deve decorar. E, durante mais de uma hora, com o olhar perdido no espaço, a face encostada a uma das mãos, sentindo-me sozinha como nunca me sentira, pensei nessa verdade desoladora e evidente.

Depois, numa involuntaria successão de pensamentos, lembrei-me de que muitas outras mulheres viveriam, àquella mesma hora, o seu drama de amor, de

ciume, de miseria ou de ambição. Junto das janelas iluminadas que lantejoulavam a cidade nocturna, tornando-a semelhante ao manto dum estrião gigantesco, outras janelas haveria, mergulhadas na treva, sobre cujos parapeitos deviam debruçar-se frentes febris, insatisfeitas, de mulher. E muitos homens sofreriam, tambem, occultos na obscuridade daquela noite sem lua, as suas decepções, as suas humilhações, as suas amarguras, a morte dos seus mais belos sonhos, assassinaados por um ruim destino...

Quantas almas feridas nas arestas da vida sangrariam, naquele instante, espalhadas pelo mundo ?

Estas reflexões não me trouxeram, porém, consolação. Descaiu-me, num dos braços, a cabeça perturbada ; chorei silenciosamente, por mim e por todas as mulheres que, nesse minuto, se batiam, como eu, em dolorosos raciocinios.

27 de Março

A manhã está esplendente. Esta luz que poisa num ângulo da minha pequena secretária é leve e cariciosa. Vasco saíu hoje muito cêdo. Devem trazer-me logo uma gatinha felpuda, que vi e cubicei há poucos dias e cujos olhos recordam o oiro fosco de certas joias antigas.

Tenho lírios amarelos na sala de visitas e um

perfume novo sobre o marmore do toucador. O meu lenço está impregnado dessa deliciosa essencia. Sin-to-me ótimista ; canta-me dentro do coração, nesta primavera radiosa, um passarinho irrequieto, de plumagem irisada e garganta de cristal... Ontem, estive num dos meus dias cinzentos ; hoje, que differença !

30 de Março

Não posso, não devo suportar por mais tempo o revoltante procedimento de meu marido. Foi passar hoje parte da noite com essa mulher de quem me falaram. Vi-o eu. Achei suspeito o ar apressado com que saíu depois de jantar : vesti, á pressa, um agasalho e... segui-o. Desci até este ponto perante a minha propria dignidade. A mulher é grosseira, vulgar — assim me pareceu de longe. E' provavel que Vasco, já, em solteiro, a conhecesse e ache natural conservar, depois de casado, uma ligação que nada tem de lisongeira para ele.

Que vergonha ! Custa a crer que um homem culto possa comprazer-se em taes inferioridades. Sob a excitação destes meus pobres nervos, não logram perdurar filosofias fáceis.

Tenho febre ; e tenho frio, tambem. Isto vae acabar mal...

SEGUNDA
P A R T E

SEGUNDA PARTE

Novembro, segunda-feira, 12.

Deparou-se-me, hoje, este caderno, esquecido ingratamente no fundo duma gaveta durante quasi seis anos. Chego a não saber como perdi o meu antigo habito de transmitir todos os pensamentos e impressões a este confidente de alvas páginas acolhedoras, que a minha pena ia a pouco e pouco preenchendo, quer num movimento lento, nos dias de tristeza, quer febrilmente, em horas de perturbação. Esse habito que era, afinal, o melhor, o unico meio de desabafar, sem inconveniente, as preocupações intimas que um natural recato me não permitiria confiar á minha melhor amiga...

Quanto tenho vivido e sofrido no decorrer de todo êste tempo! As linhas que escrevi, da ultima vez, neste verdadeiro livro de alma, são datadas de 30 de Março de 19..., meses antes do meu divorcio. Que intolerante eu era, então, na minha inexperiencia da vida, e com que facilidade me irritava por não achar perfeito — como se existisse no mundo a perfeição

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

suprema! — o caracter de meu marido... Quantas vezes tenho lamentado a resolução absurda que, arrebatadamente, sem ouvir vozes amigas e conciliadoras, tomei! Houve cerca de um ano de dor e lagrimas após êsse divorcio e veio, depois, o reagir natural da minha mocidade com o desabrochar dum character, dum temperamento até então incertos, como que cerrados... E o desgosto da minha situação foi-se atenuando a pouco e pouco, no declinar normal das grandes comoções. Já não existe hoje a Fausta doutros tempos, orgulhosa, exigente — e irrepreensivel — que tantas vezes se julgou, insensatamente, superior ás outras mulheres e refractaria ao pecado. Agora, apeada para sempre do altar da virtude, flôr assimetrica e doentia duma geração corrompida, vivo da ilusão e pelos nervos. Sou apenas Ashavérus-femea que um triste destino faz vaguear pelo país acidentado do amôr, no qual, por nunca explicados fenómenos, a cada passo as planicies se transmudam em montanhas — e as calmas lagunas, por onde navega a doirada barca do Sonho, tantas vezes naufragada, vão ligar-se a mares tormentosos. Tenho bebido de há cinco anos para cá, e a grandes tragos, o licor capitoso da taça da Emoção e tambem provado o veneno da Dúvida e o fel de desengano, cujas amarguras me são conhecidas.

Sabado, 17.

Volto, decididamente, a afeiçoar-me a este caderno. Aqui estou já principiando nova página. A minha gata *Nina* saltou-me agora mesmo para o regaço, onde se ageita ronronando dôcemente. O relógio bate, cadenciado, sobre a mezinha próxima, dez horas da manhã. A *Nina* ergue o focinho mimoso e segue com o olhar, preocupadamente, o movimento da minha pena. Não posso deixar de acaricia-la... É meiga e friorenta como eu e, como eu, gulosa e voluptuosa. Só não tem os meus ideais e o meu sentimento — porque Deus não lhe proporcionou a faculdade de raciocinar... Em compensação, possui um lindo pelo em manchas alvas e negras, lustroso, longo — e a minha predilecção pelos gatos é de ordem puramente física. Gosto destes deliciosos felinos domesticos porque são flexiveis e sedosos e não porque tenha descoberto nêles qualidades de instinto positivamente apreciaveis...

* * *

Dêvo ir hoje vizitar meus pais; não os vejo há dois dias. Penso agora, mais uma vez, no que pode ter de estranho, para as pessoas das minhas relações, o facto de eu preferir viver sozinha a habitar na casa pater-

na. E, contudo, a razão do meu isolamento é simples: apesar da minha imensa ternura pelos dois seres que me deram a vida, uma completa divergencia de indoles, de habitos e, sobretudo, a minha ansia de liberdade, distanciam-me consideravelmente desses pais amovaveis que tanto desejariam reconquistar esta filha de quem um casamento auspicioso — ainda mais ambicionado talvez por êles do que por mim — os separou em dias de esperança e que um divorcio, resolvido e consumado numa época de exaltação, de desatino, lhes não restituiu...

* * *

E Gilberto? Dêvo encontrar-me com êle, amanhã, pela terceira vez. Esta necessidade tirânica de preencher o coração, obriga-me a fazer loucuras... Chego a invejar a indiferença de certas mulheres perante o amôr. Quem me dera essa insensibilidade que, sem dúvida, proporciona, a quem a possui, uma ininterrupta paz de consciencia e um eterno repouso dos sentidos!...

Tenho podido, de há dois anos para cá, é certo acolher-me á sombra ampla, cariciosa, do affecto de Luciano, mas êsse affecto, embora precioso para mim, não tem conseguido suprir a falta daquilo a que no mundo se convencionou chamar amôr. É verdade

que Luciano dá o nome de amôr ao sentimento que diz dedicar-me. Mas eu obstino-me em lhe chamar amizade amorosa, e tão pura é a afeição que por êle sinto, que se me tem atigurado sempre um sacrilegio o sair do programa de ternura espiritual que ambos adoptámos.

Em momentos tristes, tenho recorrido, com ansiedade, ao seu espirito generoso e algumas horas passadas junto dele, no seu gabinete discreto e confortável, restituem-me o ânimo de viver que, por vezes, me falta. Nos meus dias de desalento, de funda melancolia, é sempre ele quem me socorre com o seu enternecido affecto.

Penso, frequentemente, que me seria impossível, fôsem quais fôsem as circumstancias em que me encontrasse, renunciar a essas breves horas de doce calma... E que infinita espiritualidade há em tudo isto !

Todavia, interessei-me tanto por Gilberto, desde o primeiro dia em que tive ensejo de lhe apreciar o espirito vivo, encantador, que, apezar da minha primitiva intenção de colher apenas do meu convívio com ele o que de superficial esse convívio pudesse dar-me, me encontro agora numa situação mais de ponderar... Gilberto é muito insinuante, mas não é absolutamente sincero ; tem, ás vezes, umas frases de crú

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

cepticismo que não correspondem aos seus sentimentos, iria jura-lo. E, contudo, é discreto, muito inteligente e exuberantemente alegre... Se eu não tivesse sofrido já as desilusões que para sempre amorteceram o meu character impulsivo, sem a menor duvida me apaixonaria por ele. Por seu lado, tambem ele me disse, ante-ontem, dia da nossa primeira entrevista, que se não fôra a impressão, predominante no seu espirito, de ter vivido mais dum século — de tal modo assegura têr perdido entusiasmos e desperdiçado sentimentos — me votaria um amor louco. Respondi-lhe, então, que achava louvável aquella franqueza e que ele me parecia um dos homens mais originalmente interessantes que tenho conhecido...

Gilberto sorriu, com ternura, e disse-me, num murmuro, beijando-me a mão, que me encontrava os mais capitosos atractivos, que a minha companhia lhe era deliciosa e que teria um prazer maximo em que aquelle encontro se repetisse — com maior demora. Conversavamos assim, galantemente, em pleno Campo Grande, ás seis horas da tarde. Este outono veio chuvoso e agreste; caía uma chuva diluviana sobre o auto em que ambos permaneciamos e que o *chauffeur* tinha abandonado, a meu pedido, para se abrigar ali perto...

Será isto um idilio de desiludidos, de descrentes,

ou de sentimentais que affectam, por méra *pose*, um certo desprendimento de emoções?... Nada sei senão que Gilberto me agrada imensamente e que estivemos juntos toda a tarde de ontem. Grave temeridade a de brincar com o fogo !

Quarta-feira, 21

Ontem, Luciano escreveu-me. Tambem recebi uma carta de Maria Alice ; aquella pobre rapariga sofre muito. Coube-lhe, por sorte, como marido, um verdadeiro algóz ; senão fôsse o filho, lindo bébé de olhos pestanudos e graciosissimas birras, seria completamente infeliz. Fez-me pena, muita pena, a carta dela e, no entanto, quasi invejo a pureza da sua vida e a paciencia enternecedora com que suporta o seu ruim destino...

A carta de Luciano acariciou-me como me acariciam a sua voz grave e o seu olhar firme e claro, inundando a minha alma de reconhecida ternura. Mas eu sinto-me vagamente triste ; há oito dias que não falo com o Luciano, há oito dias que não vejo Gilberto. Tenho saudades dum e doutro. Irei passar a tarde de amanhã com Gilberto e farei, no dia immediato, uma curta vizita a Luciano. Dou assim um lugar secundario ao affecto, que, em verdade, mereceria o primeiro dos primeiros... Mas, neste período da minha vida,

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

o Amôr impõe-se mais do que a Amizade. E' como se apresentassem a um artista faminto, á escolha, um manjar apetitoso que lhe saciasse a fome e lhe lisongeasse o paladar — e a vista dum panorama luxuriantemente que o deslumbrasse, numa perspectiva maravilhosa. . . . Por maior que fosse a sua admiração pelos encantos da natureza e por muito que nele pudesse o sentimento da arte, o seu primeiro impulso seria, inevitavelmente, para o alimento cubiçado, imprescindível, e só depois os seus olhos e o seu espirito se voltariam para o panorama esplendido, ante o qual ficaria horas intermináveis, a scismar. . . .

Sexta-feira, 30

Não me tenho sentido bem, fisicamente, nestes últimos oito dias. A nevralgia que, de quando em quando, me atormenta, só hoje me deixou. Não tenho saído e o socego desta casa pequena e tranquila, habitada apenas pela minha fiel Nazaré, tem-me sido aprazível. Sou, por habito, espontanea e comunicativa, mas há certas épocas da minha vida em que apeteço o isolamento e a reflexão. Já mandei dizer a Gilberto que não contasse comigo durante estes dias mais próximos e tenho evitado, tambem, a convivencia de Luciano, que é, de ordinario, tão grata para mim.

Sinto-me infeliz, pessimista. Desde que o excelente

doutor Russel, velho amigo de meu pai, me quiz iniciar, há pouco mais de um ano, nos mistérios esotéricos, acredito firmemente na immortalidade e na reencarnação das almas e sou sugeita a estas temporadas de profunda tristeza. Passei a compreender certas reminiscencias que amiude me povoam o cerebro e que, não tendo aparentemente origem, me surpreendiam noutro tempo. Lembro-me, embora vagamente, de ter vivido outras vidas, todas mais ou menos accidentadas, em que sempre me debati entre o Amor e a Dor... Tenho recordações indecisas, como num sonho, de ter cingido os quadris com o cinto de pedrarias das egipcias, de me ter envolvido no péplum ondeante das gregas, de ter usado a gola quinhentista e descoberto o meu peito branco nos decotes desonestos das contemporaneas do Império...

Onde se teriam passado, sob diversos invólucros materiais e atravez de diferentes idades, as maiores tragedias da minha alma ignorada? No Egito, na Hellada, na Ibéria? Na França heroica e soberba, na gélida, misteriosa Russia ou na velha Alemanha romantica dos Goethe e dos Klopstock? E entre lôdo ou entre arminhos? Em tugurios, palacios ou serrallhos?

Não sei, não sei... E estou vivendo e sofrendo, amando e pecando nesta época de decadencia e de

exacerbamento, neste século de febre e de nevrose... Luciano, Luciano, quem me dera, neste instante, encostar ao teu ombro a minha cabeça entontecida, chorar lágrimas benditas que apaziguassem os meus nervos tensos e abandonar-me ao teu affecto generoso e calmo !

Dezembro, terça-feira, 4.

Tive ontem, com Gilberto, uma conversação extravagante.

Estavamos lado a lado, num sofá. Costumamos encontrar-nos num rés-do-chão com altas gelosias, que tornam penumbrosa a salinha onde conversamos. Gilberto, que é, alternadamente, fogo e frio, entusiastico e ceptico, perguntou-me, de repente :

— Fausta, quantas aventuras como esta tens tu tido ?

— E' esta a segunda — respondi, recapitulando mentalmente e calando inumeros *flirts* sem consequencias, para recordar, comovida, a afeição sincera de L., que ía endoidecendo e me ía endoidecendo tambem com as pretensas descobertas de supostas infidelidades minhas e que a força do destino levou para longe, para muito longe...

— Só ! Não acredito...

— Pensa o que quizeres...

Calou-se, soprou o fumo do seu «Abdulla» e traçou a perna. Momentos depois, disse :

— Mesmo que assim fôsse, este nosso romancinho acordaria em ti o desejo permanente de sensações novas. Vais fazer vinte e nove anos, segundo me disseste ; estás numa idade sempre perigosa numa mulher com as tuas características . . .

— Obrigada pelo aviso — repliquei, irónica.

— Ouve : se eu viesse a prender-me a ti, devéras, que fazias ?

— Apaixonava-me tambem.

— Por mim ?

— Sim. Não seria difficil.

Gilberto atirou fóra o cigarro e encarou-me.

— Falas sério ?

— Falo.

— Fausta, nunca te apaixones por mim ! . . . Eu fugia-te no dia em que me certificasse disso . . . Não tornavas a vêr-me . . .

Abracei-o, numa onda de ternura.

— E's um barbaro !

— Não sou um barbaro, sou um homem razoavel. E fica sabendo que gosto de ti. *Gosto*, é o termo. Sinto-me feliz quando estamos juntos, acho-te deliciosa como companheira dalgumas horas, pelo teu espirito, pelas tuas qualidades de mulher ; mas se al-

guma vez adquirisse a certeza de que tinha por ti um sentimento mais sólido e mais preciso do que este que aqui me traz, tambem por essa razão te fugiria... para evitar a um e a outro desgostos que mais tarde ou mais cêdo haviam de surgir...

E afagava-me. Mas eu tinha vontade de chorar.

— Tu dizes absurdos, Gilberto !

— Não digo tal... Mas nada disto em que te falei sucederá, descança. Nem contigo, que és excessivamente caprichosa para que possas prender-te de modo definitivo a um homem, nem comigo, que já vivi demasiado para ser ainda susceptivel de affectos duradoiros...

— Sim, eu creio bem que amaste e sofreste. E as paixões mal sucedidas devem esgotar, na verdade, as nossas susceptibilidades affectivas...

— Paixões mal sucedidas?! Não... As paixões, em mim, vêm e vão com a maior facilidade.

Adivinhei que ele mentia, com a preocupação vulgar nos homens e tão errada quão vulgar — de negar desgostos de amor, como se a confissão desses desgostos representasse uma fraqueza vergonhosa, em vez de demonstrar a existencia dum coração acessivel. Há no desprezo pelo mundo, que este homem affecta, qualquer coisa de dolorosamente amargo, que a sua mordacidade e a sua ironia não logram dissi-

mular por completo... Mas limitei-me a abraça-lo de novo, e a dizer-lhe, então, meiga e zombeteira :

— E's um super-homem, eu já o sabia... Mas, meu querido ceptico, uma vez que me preveniste a tempo, não serei eu quem se apaixonará por ti. Fica tranquilo a êsse respeito.

— Antes assim... Eu tinha um certo receio de que a minha prevenção produzisse em ti o efeito contrario áquele que, afinal, parece ter produzido...

-- Não, não tenhas êsse receio. De amôr, entre nós, nem sombras. Está combinado. Isto será apenas um passatempo que...

Não pôde continuar. Gilberto, cobrindo-me de caricias, não me deixou continuar.

Quinta-feira, 6.

Luciano suspeita de qualquer preocupação amorosa na minha vida. Os seus olhos limpídos não tem agora para mim apenas ternura; há também nêles ciu-me e reprovação. E eu soffro com isso. Acuso-me de deixar transparecer no meu olhar, nos meus gestos, na minha voz, a influencia *do outro*. Porque, senão fosse esta involuntaria exteriorização do meu sentir, que reconheço mas não posso evitar e que denuncia, talvez, à intelligencia aguda de Luciano tudo o que se está passando em mim, isto é, mais um dramazito

cujos três primeiros actos se chamam : *capricho, fraqueza, pecado* — o quarto será, provavelmente, como nos outros dramas já meus conhecidos, *arrependimento* — não me sentiria tão perturbada, tão pouco senhora de mim mesma deante do meu amigo querido... E' que na minha reserva há tanto affecto, tanto carinho e — ternissimo paradoxo ! — tanta *sinceridade*, que nem ele o sonha, sequêr. Meu Deus, se os homens soubessem adivinhar os sentimentos puros que se escondem, ás vezes, por traz do que eles chamam as nossas mentiras, talvez não nos acuzassem tão frequentemente de pérfidas e enganadoras!

Trouxeram-me agora uma carta de Luciano; vou lê-la.

Sabado, 8

Os meus nervos estão crispados, numa dolorosa vibração. Soube ontem que Gilberto e Luciano são amigos. Disse-mo o proprio Gilberto e as palavras injustas que me dirigiu, num tom mordaz e irreverente — aquele irritante pseudo-cepticismo ! — não me foram menos penosas do que o facto de saber que Luciano é amigo intimo dum homem que talvez passasse a odiar se conhecesse a existencia duma ligação entre mim e ele... E quem sabe se me retiraria, a mim tambem, a sua amizade preciosa !

Ontem, detestei Gilberto. Notei que está precocemente envelhecido; rareia-lhe o cabelo e numerosas rugas se lhe entrecruzam já no rosto de homem experimentado na eterna luta da vida. Pareceu-me que empregava mal os meus beijos... Que extravagantes sômos, os dois!

Enquanto eu o observava a furto, acendeu um cigarro e disse-me de chofre:

— Devias adorar muito o teu ultimo apaixonado...

— Porquê? — volvi, admirada.

— Porque, para o substituir, necessitas de estimar dois homens...

— Dois homens?

— Sim. Eu e Luciano Casaes.

Eu nada disse durante alguns minutos. Foi-me desagradável, doloroso, ouvi-lo falar de Luciano. Eleolveu, soprando tranquilamente o fumo do cigarro:

— Emudeceste?

— Não, não emudeci. Admira-me que saibas que eu conheço Luciano e me fales dêsse modo a seu e a meu respeito...

— Eu sou talvez o maior amigo de Luciano, quasi o seu confidente. Sei, há muito tempo, que ele adora uma mulher; e essa mulher és tu, minha serpentezinha... Mas só ontem o soube.

— Dize tudo, faze favor — repliquei.

— Fui vizita-lo. Estava sentado á secretaria, a acabar uma carta. Tinha já feito o sobrescrito, que estava deante dêle. Não sei se sabes que Luciano tem o habito de fazer o sobrescrito antes das cartas... Apenas me viu no limiar da porta, ocultou discretamente a direcção traçada. Perguntei-lhe, autorizado a isso pela nossa antiga amizade, se aquella carta era para uma mulher. Disse-me que sim e, naturalmente porque se sentia comunicativo naquele momento, leu-a. Um homem como Luciano só escreve cartas como aquella a uma mulher a quem ame... Fizémos ambos, a seguir, algumas considerações sobre o Amôr e, pouco depois, mudámos de assunto. Mas a curiosidade não é exclusivamente feminina... Fui incorrecto, confesso... Enquanto Luciano foi á porta, chamar alguém, consegui vêr o sobrescrito e li nele o teu nome. Aqui está como te colho numa dupla infidelidade...

Gilberto sorria, irónico. A boca dêle é das mais suggestivas que tenho visto... Mas aquele tom sarcástico, de artificioso cinismo, enfureceu-me.

— Luciano é um excelente amigo, por quem tenho uma grande amizade. Admiro o seu espirito, a sua nobreza de character, mas... não há entre mim e elle laços intimos, como tu pareces insinuar.

— Ah! Não existe entre ambos, então...?

— Não.

Ergueu-se um pouco das almofadas a que se encostara e disse-me com vivacidade :

— Fausta, tu estás mentindo irremessivelmente. Aí está o que todas as mulheres valem... Ouve, digoto agora : sabes o que eu ambicionaria encontrar no mundo e ainda não conheci ? Uma mulher sincera. . .

— Eu sou sincera.

— Não o és. Mentas, quando dizes que és apenas uma boa amiga de Luciano.

— Não minto, já to disse ! — tornei, com firmeza —. Posso jurar-to ! E' verdade que ele parece desejar a intimidade de que me falas ; eu é que não a quero — porque isso representaria uma profanação da ternura sem pecado que por ele sinto e tenciono conservar até ao fim da vida.

— E se ele morresse antes ?

— Cala-te ! . . . Nem quero pensar nisso . . .

Gilberto riu.

— E se ele soubesse disto que se passa entre nós ?

— Só o saberia se tu e eu lho disséssemos . . . E nenhum de nós lho dirá.

— Tens razão . . .

Calou-se, por segundos, e daí a pouco observou :

— Mas Luciano tem por ti uma verdadeira paixão.

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

Se a não tivesse não te escreveria como te escreve...

Nada respondi. A minha sensibilidade doía-se com aquela conversação que se me afigurava monstruosa e que fui desviando a pouco e pouco para outro rumo.

Ontem adorei Gilberto depois de o ter achado detestável; vi-o, como nunca, exuberante de vida e de calor. Talvez que a convicção de que um amigo seu me ama e me deseja o aguilhoasse...

Domíngo, 16.

Luciano, porque não hás-de apartar o teu espirito cristalino, a tua alma excepcionalmente nobre, das miserias ignóbeis do mundo, criando um horizonte esplendente, liberto de toda a materialidade, para o teu affecto por mim? Se eu, pobre filha de Eva, pecadora como ela, sei conservar, em meio duma esgotante luta de raciocínios contradictorios e loucas fantasias, cuja base oscilante se esborôa dum momento para o outro, um sentimento inalteravelmente puro — a minha amizade por ti — porque não succede outro tanto contigo, porque entrevejo eu, em certos instantes, nas tuas pupilas lucidas, o reflexo duma tentação impura?!

Ao suspeitar-me arrastada pelo torvelinho das paixões, ao advinhar-me subjugada, mordida por mais

dum pecado mortal, deixas transparecer no teu olhar um mundo de censuras, de magua e de zelos, sem que pelo teu espirito deslize, ainda que leve como uma sombra, a idéa justa de que a ternura imaterial que soubeste inspirar-me está tão acima das minhas fraquezas mundanas como o está da terra vã, corrupta, o sol consolador e magnifico que a ilumina e a fecunda . . .

Segunda-feira, 17.

Passei, esta tarde, em casa de Luizinha, umas horas despreocupadas, em que o bom humor doutros tempos me acompanhou. A Luizinha não perde o habito dos seus chás semanais, cuja frequencia ela se esforça, com incrível tenacidade, por apurar e refinar . . . pelo menos no exterior.

Assim, aquella excelente e honestissima rapariga, a quem a mania do mundanismo frivolo faz desmerecer, não pode, intimamente, concordar com o meu estado de divorciada, que nem sequer vive com seus pais; no entanto, como sou bonita e distinta, considera-me um elemento decorativo, indispensável nos seus chás. Daí, tantos e tão amaveis convites, que eu de quando em quando utiliso.

Hoje, apeteceu-me ver gente, daquela gente insignificante de espirito e brilhante de aspecto que se

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

reune na sala de Luizinha, ás segundas-feiras. Estão sempre lá três irmãs, todas loiras e rosadas, que sorriem constantemente a propósito ou, antes, a despropósito de tudo. Fala-se de modas e os seus sorrisos — que lembram os sorrisos fixos de certas mulheres do tablado — acentua-se. A conversação colhe por tema o ultimo e terrificante abalo de terra e as rosinhas frescas que são aquelas três bôcas alargam ainda mais as corolas. Por fim, a Luizinha fala do tio Maldonado, que partiu ante-ontem uma perna — e as encantadoras meninas parecem ter acabado de ouvir a mais graciosa das historias . . .

Perpassou-me hoje pelo espirito uma tentação sinistra; a dum tríplice assassinio que lívrasse Lisboa do flagelo daqueles sorrisos exasperadores — e, para distrair-me, abri um livro de gravuras e examinei um retrato de Maria Mancini, a morena e ardente sobrinha de Richelieu . . .

— Devem ser muito estupidas aquelas rapariguinhas — murmurou, ao meu lado, o velho Doutor Russell, que tinha vindo ver o filho da Luizinha — ligeiramente indisposto — e acedera em demorar-se uns minutos naquela assembleia de ociosos. Voltei-me para ele; vi que observava, por cima dos oculos, as tres Graças. E, em legitima defeza do meu sexo, contestei aquella acertada opinião . . .

Terça-feira, 18.

Gilberto disse-me, hoje, interrompendo uma carícia :

— Sabes ? Há pouco, antes de aqui chegar, encontrei Luciano e, enquanto apertavamos as mãos, o coração contraia-se-me ; lembrei-me de que vinha beijar uma mulher que ele ama . . . E' uma idéa que me confrange... Eu sou muito, muito amigo dêle... E essa amizade faz nascer como que uma nuvem entre mim e ti...

As alusões a Luciano são agora infalíveis em todas as minhas conversações com Gilberto, que parece ter um prazer cruel em repetir que Luciano me quer verdadeiramente e em insinuar que, ao estreitar-se esta nossa ligação, eu já sabia que eles eram amigos íntimos — atribuindo-me assim um perversissimo capricho . . . Estas insinuações ferem, pela sua injustiça ; prefiro ser victima duma infamia propriamente dita a saber que em espirito alheio se gerou uma suspeita injusta a meu respeito . . . Protesto, revoltada, contra as crueldades que brotam da boca ardente, satírica, de Gilberto, mas a minha agitação transmuda-se, como por magia, em submissa brandura — logo aos primeiros beijos dêle, após a discussão . . .

E soffro sempre. No instrumento delicado, estranho, que é a minha alma, partiu-se já a corda heroica do

DIANA DELIZ : MEMORIAS

entusiasmo ; mas subsiste ainda intacta, desgraçadamente, a corda mais susceptivel, mais ténue, mais melindrosa, aquella que corresponde ao coração e, pianissimo, o faz vibrar...

Sabado, 29.

São onze horas da noite. Depois dum dia particularmente triste como foi para mim o de hoje — em que tive, pela millessima vez, ensejo de aprender toda a extensão do infortúnio feminino — acabo de atirar pela janela fóra um livro, que não cheguei a ler todo. Mas indignou-me aquella acentuada má fé contra a mulher, a eterna sacrificada, a victima do homem, a débil espiadora dos erros e do egoismo masculinos...

* * *

A Maria Alice veio vêr-me esta manhã, e esteve aqui cerca de hora e meia. Vinha encantadora, apesar de que as magoas lhe têm maltratado a frescura e vão fazendo perder o viço ao seu rosto fino. Como não é rica, o bom gosto e a elegancia suprem, sem desvantagem, a opulencia no seu trajar, e os seus olhos castanhos, embora fatigados pelas lágrimas que vertem diariamente, não perderam ainda de todo a expressão doce dos dias de paz e de illusão.

Falou muito, desabafou, chorou. E estou certa de que me oculta, por um pudor incompreensível, grande parte das torturas que o marido lhe inflige. Diz-me que ele é violento e ingrato, que a trata com rispidez e troca os seus encantos delicados pela baixa grosseiria duma cozinheira tronchuda, vexando a esposa quasi publicamente. . . Mas cala muito, ainda, eu bem o sei. Quem me diria, há sete annos, quando se casaram, que êsse homem amavel e alegre, de excelente apparencia e impecável trato, viria a conduzir-se tão infamemente para com a minha pobre amiga, alminha terna exsudando virtude?

E, baixando a voz, a pobrezinha confessa-me, envergonhada, que o ama ainda, que amará sempre aquelle algoz vilíssimo. Pois não é ele o pai do lindo bébé rosado que, por momentos, lhe faz esquecer a sua imerecida desdita? Não foi pelo seu amor fugaz que ela trocou os mimos e a tranquillidade da casa paterna, não foi para ele que se adornou, em certo dia memoravel, com um véu e uma grinalda, tão alvos e tão puros como ela?!

* * *

Saí, pelas quatro horas. Matilde, a loira costureirinha que tanto a meu gosto trabalhou alguns dias cá

em casa, não veio ontem, como tinha prometido. De volta da Baixa, após algumas compras, lembrei-me de procurá-la e recordar-lhe a nossa combinação. Fui a uma rua estreita e feia ; subi, por uma escada escura e imunda, a um quarto andar meio arruinado. Bati, perguntei por Matilde e, aberta a porta, vi, em meio dum acanhado compartimento, a avó, megera antipatica, congestionada, que invectivava a neta ausente, vociferando adjectivos mal soantes. Três mulheres e um homem, que deviam ser vizinhos, rodeavam a velha, entrecortando as exclamações dela com indignados comentarios sôbre a fuga da pequena. Porque Matilde tinha fugido, na véspera á noite, com o namorado — um *chauffeur* bem parecido — e deixára à avó um bilhete explicando a fuga, em gatafunhos inverosímeis, que uma vizinha, a custo, soletrára. A velha era ruim, exploradora, insuportavel ; o namorado, modelo de ternura e de assiduidade, conseguira um lugar vantajoso no Porto e não a queria longe dêle. Duas razões poderosas para a desviarem do caminho da virtude . . Haviam de casar « não tardaria muito » — assegurava, num instintivo esboço de desculpa.

Mostrou-me a velha o bilhete, trémula e praguejante, mas sem uma lágrima nos olhos duros, verdes, circundados por um labirinto de rugas, enquanto as

vizinhas secundavam a ira da harpía, classificando de ingrata e descarada a doce, inexperiente Matilde. Desci a escada, confrangida. Pobre rapariga ! Dezassete anos humildes, laboriosos, feiçõesitas mimosas, olhos claros um pouco á flor do rosto, mas meigos, expressivos. Ainda há oito dias me tinha dito, candidamente, que o seu maior desejo era casar, montar um pequeno *atelier* e convencer a avó a voltar para a terra, onde tinha familia, duas geiras e um pardieiro. E, afinal, pôde mais a fatalidade do que os seus honestos designios !

Crédula, apaixonada, cedeu ás exigencias do namorado e com êle partiu para longe, sem saudades da velha desabrida e sugadora que, depois de tanto a mortificar, a apóda agora de desvergonhada. . . E o crime da pobre Matilde foi o de sofrer, amar e confiar. . . Profundamente enamorada e farta duma atribulada vida, não soube fazer calculos, não fixou ao seu amor um preço legal — o casamento — e entregou ao Aca-so, incarnado para ela no airoso *chauffeur* agasalhado em peles, o seu corpinho miudo, ainda ontem immaculado, e a sua alma infantil, que os desenganos vão envelhecer precocemente, dentro em pouco. E sou eu, creio-o bem, a unica pessoa que a lamenta. . .

Segunda-feira, 31.

A nuvem de que Gilberto me falou há algum tempo, paira, na verdade, entre mim e ele. Sinto-a, vejo-a oscilar, cinzenta e turva, envenenando o prazer e arrefecendo a alegria. Por vezes, parece atenuar-se, adelgaçando-se, evaporando-se; é quando no cerebro de Gilberto ou no meu surge a reflexão de que nenhum dos dois suspeitava, ao conhecermo-nos, do lugar escolhido que Luciano ocupava e ocupa no coração do outro. Se não houve intenção malevolente, como póde existir a culpa de que nos acusamos?!

Mas, apesar deste pensamento breve, illusóriamente consolador, que de quando em quando vem suavisar a perturbação dos nossos espiritos, a lembrança de Luciano pesa sobre nós, amortece-nos o entusiasmo e amargura os nossos beijos, inevitavel e irremediavelmente...

Tenho, mais do que nunca, o pressentimento de que sofrerei dentro em pouco o abalo moral dum rompimento com Gilberto, porque adivinho que a sua amizade por Luciano mo arrebatará. Gilberto já está convencido de que eu sou, na realidade, sómente uma dedicada amiga de Luciano e esse facto é um tanto animador; não compreendo, contudo, o estranho prazer que ele parece sentir em pronunciar a cada ins-

tante o nome do seu amigo, sabendo que essas alu-
sões me magoam infinitamente...

— O que não sucedeu ainda, sucederá um dia —
disse-me, ontem. — A simples amizade que, segundo
dizes, cultivas com Luciano, cederá, mais tarde ou
mais cedo, o lugar ao amor... Quando chegar esse
momento, não deixes de fazer-me as tuas confiden-
cias...

— Esse rebaixamento dum sentimento puro não se
dará nunca! — retorqui. — E' já tarde para enver-
dar por um caminho que, decerto, nos traria, a mim
e a ele, o arrependimento, logo seguido pelo té-
dio...

Gilberto parecia pensativo e tornou, a meia voz :

— Ouve. No teu interesse por mim não haverá um
vislumbre de espiritualidade ?

— Há, sim. Nas minhas afeições existe sempre o
que quer que seja de espiritual, de docemente idea-
lista...

E a voz dele, muito perto de mim, segredou :

— E's a mulher mais deliciosamente complicada que
eu conheço...

Janeiro, Sexta-feira, 4.

Fui ontem, antes de visitar Luciano, consultar o Dr.
Russell, que me tranquilizou sobre a origem — insi-

gnificante — das minhas frequentes nevralgias. Enquanto esperava a consulta, aninhada a um canto da sala de entrada, mãos escondidas no regalo, puz-me a observar os outros clientes. Ao meu lado, uma juvenil estudante, ar anémico, livros perto de si, movia, para um e outro lado, uns olhos claros, sonhadores. E naquele olhar transparecia a enternecedora confiança que aos dezaseis anos se tem sempre num futuro côr de rosa, adivinhava-se a esperança ingénua de justas, legítimas alegrias.

Comovi-me ao examinar aquella creança encantadora. Lembrei-me de que talvez os lindos projectos que a sua alma tenra vai afagando, segundo presumi, não venham nunca a realizar-se — porque assim é a vida, hidra voraz, insaciavel, que, uma a uma, devora as nossas ilusões...

Havia um homem banal, com apparencia de negociante rico, que conversava sobre cambios com um sujeito ético e triste. Uma mulher ainda nova, em frente, deu-me que scismar. É impossivel ser-se mais completamente desgraciosa do que era aquella creatura de queixo alongado, olhar mortiço e palpebras enrugadas. Nem ao menos um certo gosto no vestir, um ligeiro sentimento de coquetismo a auxiliavam. Aquele vestido azul-escuro poderia muito bem estar feito e vestido com mais arte; o chapéu, de veludo

negro, pendia-lhe exageradamente para a nuca, deixando a descoberto uma testa horrível — e o cabelo baço, corredio, mal se via, sumido debaixo da aba larga.

Tive pena daquela rapariga tão completamente despojada de atractivos...

— Nesta pobre mulher — disse comigo, observando-a a furto — nenhum homem demorou ainda um olhar de desejo. Está condenada a desconhecer eternamente a tentação das palavras de amor e a sua bôca esteril, ressequida, nunca saberá dizer a impressão dum beijo apaixonado...

Entrou um homem de meia idade, rosto rubicundo, que apertou a mão á mulher feia.

— Como tem passado? Seu marido?

— Está bem, obrigada.

-- E o morgadinho?

— Vai bem, felizmente.

— Muito estimo. Tudo ás mil maravilhas, não? Aquele Manuel é uma joia, isso sei eu...

— E é verdade. Não pode ser melhor para mim; preocupa-se mais com a minha saude do que com a dele... E para o filho? Não vê outra coisa!

E sorria, desvanecida.

Sou, na verdade, uma fraca observadora. Tinha-me enganado completamente. Aquele desageitada ra-

pariga é feliz, tem um excelente marido e um filho muito amado...

Afinal, que inútil pretensão esta de diligenciar esquecer as perturbações da minha vida, tentando scrutar, analisar as da vida alheia! Como se o egoísmo causado pela dor, pela insatisfação ou pelo desânimo não tornasse discutíveis o interesse, a piedade que julgamos sentir pelos males dos outros... Porque se eu profundar o que se passa em mim, com verdade, com justeza, vejo que esta curiosidade doentia com que procuro ler nas feições dos que me rodeiam e se me afiguram sofredores, a especie de magua que creio pungi-los e a minha compaixão por tormentos autenticos ou imaginários do próximo, são apenas o simples reflexo do meu desconforto intimo!

* * *

Luciano anda melancolico, apreensivo. Depois duma conversação de hora e meia, deixei-o, cabisbaixo e de olhar sombrio, novamente mergulhado no trabalho que fui interromper. E a minha tristeza era profunda tambem, ontem, perto das seis horas, quando saí do seu gabinete, após o chá que tomámos juntos — com os corações doloridos e as bôcas emudecidas. Tive desejos de voltar atraz, abraçá-lo e afirmar-lhe

que a minha ternura por ele é infinita; mas lembrei-me de que a palavra *ternura* por si só não o contentaria e de que não poderia, sem mentir, falar-lhe em amor...

Desisti, enervada, esmorecida. Era já noite e fazia frio. Subi para uma carruagem vazia que ia passando; colei-me a um canto, contra o forro acolchoado, e chorei, pensando que surgem, de quando em quando, na vida, complicações desconcertantes que nos roubam a calma e nos desnorteiam o espirito, amargurando e inutilizando as nossas melhores intenções...

Domingo, 16.

Festejou-se ontem, em casa da Luizinha, o aniversário do seu casamento, um desses casamentos que a paixão não aquece mas que nem a maldade nem a intolerancia envenenam. Uma mocidade fresca, vaporosa e alegre enchia as suas salas, que uma claridade loira inundava em reflexos macios.

Ergui-me, de repente, entristecida até ás lagrimas, e afastei-me. Porquê? Não sei, não sei dizer... Introduzi-me na saleta proxima, com o meu passo ligeiro, dançante, que já um poeta cantou; alonguei-me num divam e dispuz-me a meditar sobre os inconvenientes da vida duma divorciada... Mas, á minha direita, por traz dum biombo de seda de ramagens, uma

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

voz de homem, um tanto velada, e uma voz cantante, murmurante, de mulher, distraíram-me de reflexões egoistas :

— Que chusma de idiotas, lá fóra !... Aqui podemos conversar.

— Sim, está-se bem aqui...

— Acho-te hoje melancólica... Que tens?

— Nada...

— Olhas para mim com uma insistencia... Que vês nos meus olhos?

— Vejo-me a mim própria, como num espelho...

— É uma evasiva.

— Não, não é. E tu que vês nos meus?

— Nada, absolutamente. São tão escuros ! Mas têm um brilho singular...

— As únicas duas coisas que as tormentas da vida me pouparam, são o brilho dos olhos e a frescura da bôca...

— E a frescura do coração?

— Oh, o coração ! Partiu-se um dia, meu amigo. Mas não imaginas de que funda ternura são ainda susceptíveis os seus destroços.

— Ah, sim... Eu sei que amaste outro homem. Tenho, até, frequentemente, a curiosidade de saber como o amaste. É pena... No paraizo deste nosso

DUMA MULHER DA EPOCA

afecto vive a serpente do ciume, do mais cruel dos ciumes. O ciume do passado...

Levantei-me e saí. Ouvi um ai de choro, um ai de uma alma de mulher que se debate dentro do circulo de ferro do Irremediavel. Deslizei pelo corredor e fui ter a uma varanda que dá para o pequeno jardim da Luizinha. O luar estava lindo; lembrei-me de Afonso Lopes Vieira:

A dôr e a graça de amar,
O Sonho e a flôr do desejo,
Que mais são que um ai, que um beijo,
Uma lágrima, um luar?

Eu sei quem eram, sei quem são os dois entes sofredores cujas almas se combatiam docemente, doloridamente, ontem, á noite, naquela saleta retirada. Mas nem mesmo a este caderno — que só eu leio — confiaria os seus nomes...

Segunda feira, 17.

Ainda ante-ontem passei a tarde com Gilberto e já hoje tenho um desejo louco de o ver novamente... E penso, penso sempre no melindre da minha situação; desde que me permiti a liberdade de cultivar, embora a occultas, certas afeições ilegítimas, deixei de ser uma mulher honesta, segundo as leis da socieda-

de. A verdade é que, se meu marido houvesse sido correcto, fiel, não estaríamos divorciados como estamos; eu ainda o amaria como o amava no dia em que lhe dei o primeiro beijo e não teria sido estreitada pelos braços doutro homem... Mas assim não foi... e, hoje, que irreverencias formidaveis pratico, furtivamente, contra os principios que um oitavo de humanidade respeita, que outro oitavo desrespeita sem reboço e os restantes seis oitavos fingem respeitar!...

Pecadora... Sim, sou uma pecadora. Mas, meu Deus de ternura e bondade, seria então necessário, para bem te servir, que eu fôsse insensível ás afrontas dum marido pouco escrupuloso? Que arrancasse o coração e aniquilasse as justas aspirações da natureza, renunciando a novos affectos?

Se, em vez de me deixar arrastar pelos impulsos dum temperamento insubmisso, eu fôsse calculadora e ponderada, e contraísse um segundo matrimonio, por exemplo com o detestavel M. de S., que mais duma vez mo propôz — é certo que determinadas pessoas me censurariam acicamente, acusando-me de ultrajar a religião — e Deus sabe se eu sou ou não uma crente sincera! — mas quantas outras bôcas louvariam o meu bom senso e o meu tacto, por ter realizado sem escrupulos a venda legal de mim mesma!... Uns e outros criticam a minha situação de mulher

D U M A M U L H E R D A E P O C A

nova, bonita e livre. Sei que se murmura de mim... Como satisfazer toda essa gente? Como tapar a bôca maldizente à humanidade? Oh, o problema da minha vida!

E para que me divorciei, afinal? Tenho sido, desde então, mais feliz? Não... Valem acaso mais do que o meu ex-marido os homens que tenho conhecido depois dele? Não valem... Mas eu nada sabia da vida... E julgava o mundo infinitamente melhor...

* * *

Gilberto prende-me. Tudo nele me agrada, além do seu espírito agudo, por vezes tão injusto e cruel: até as rugas precoces que lhe descem do angulo exterior dos olhos, sulcando-lhe a pele clara e fina como a duma mulher, até a testa espaçosa, que uma prematura calvicie principiou já a desadornar... Mas a nuvem que as nossas consciencias alarmadas criaram e avolumaram, continua oscilando entre nós dois...

Sexta-feira, II.

Acordei alegre, hoje. Afinal, a liberdade é uma bela coisa e eu sou uma mulher livre. Preparei-me para sair pelas três horas; introduzi-me num vestido de veludo, estreito como uma bainha, coloquei nesta po-

bre cabecita, destinada, por dentro, a exgotar-se em raciocínios inúteis e, por fóra, a sofrer a tirania da moda, uma *toque* que me cobre quasi completamente os olhos e me provoca, geralmente, enxaquecas. Calcei as luvas, puz debaixo do braço o objecto informe que substituiu o antigo guarda-chuva e a que damos, ainda, pela força do hábito, êsse nome — e saí, leve como uma andorínha...

— Que feia! — rosnou uma saloia velha e tisonada, ao passar por mim.

— Que linda! — disseram dois *dandys*, que conversavam á porta duma tabacaria... E eu sei que ia bonita e perturbante, flor de amor, feixe de nervos, que ontem chorava e hoje sorri...

Fiz compras, paguei caro algumas bagatelas de que não precisava. Necessito desperdiçar dinheiro nos dias em que não desperdiço coração... Encontrei o Chico Macedo, mais gordo, mas ainda esbelto; está radiante porque vai casar com uma mulher rica e feia, que o adora. Ser rico, é tudo para êle. Feliz Chiquinho! E infeliz mulher...

Meia noite.

Tenho um novo pretendente, amigo de meu pai. Este têm idéas honestas e burguêsmente pacatas. É viuvo, rico e quer casar... para que as governan-

tes o não roubem. Acho-o um excelente homem e, não sei se por isso mesmo, insuportavelmente fastidioso.

Esta gente cança-me. Sinto a quasi irresistivel tentação de lhe bradar insolencias contundentes. Antes, mil vezes, amar e não ser amada, não obstante todas as magoas e contrariedades que nessas circunstancias podem surgir, do que sê-lo, embora sinceramente, por homens que não nos interessam e não conseguem levar-nos a retribuir-lhes o affecto que sentem ou dizem sentir por nós... Um, dois, três, quatro, cinco... Conto bem sete ou oito homens que me têm feito a côrte, uns com fins respeitaveis, outros com intuitos culposos, sem que ao de leve me atravessasse o espirito o propósito de lhes corresponder... De que vale a uma mulher ser assim apetejada, se geralmente lhe provêm daí o tédio do desinteresse, a dor causada pela ingratição, ou o desespero de colisões tremendas em que o corpo, o coração e a alma se contorcem, se consomem, sem que haja uma solução libertadora para esses conflitos ignorados?

Sabado, 12.

Vejo no jornal a noticia de que Gilberto está doente e admiro-me de que não me avisasse. Julgo que se trata duma indisposição leve e, como devíamos encon-

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

trar-nos amanhã, êste obstaculo á nossa entrevista contraria-me imensamente...

A minha gata aproxima-se, ondeante e de olhar meigo. Vamos daqui a pouco brincar juntas. Eu brinco ás vezes como se tivesse dez anos e, nesses instantes de infantil despreocupação, as misérias do mundo — quadros trágicos dum cinema gigantesco — desaparecem no «écran» nebuloso do meu cerebro...

* * *

Iuciano tem estado tambem doente, mas eu soube que já se encontra quasi bom. Como não posso ir vê-lo por estes dias, escrevi-lhe esta manhã uma carta, na qual, pela centessima vez, lhe asseguro a minha amizade, em palavras brotadas espontaneamente da minha pena sincera. Para o animar, tracei nessa carta algumas frases travessas, em que talvez brilhem os restos do espírito azougado da Fausta doutros tempos, daquelles tempos em que a ambição duma felicidade durável fervilhava na minha cabecinha de amorosa inexperiente...

Pobre amigo! A minha carta, sem duvida, o distrairá um tanto do enfado da sua convalescença.

Segunda-feira, 14.

Está diante de mim uma carta de Gilberto, estranha resposta ao bilhete em que ante-ontem lhe demonstrei a minha saudade e o meu desejo de o vêr novamente são e alegre.

Que carta! Desorientou-me e fez-me chorar; tenho ainda os olhos húmidos ao escrever esta página do meu caderno. Gilberto diz-se ligeiramente neurasténico, combalido pela influenza e indignado «pela minha perfídia». Participa-me que estava junto de Luciano quando este recebeu a minha carta de há dias e que, apesar de não ter podido alongar o mais rápido golpe de vista sobre o conteúdo dessa carta, compreendeu, pela evidente alegria, pelo claro desvanecimento de Luciano ao lê-la, que naquelas seis paginas compactas não poderia haver só palavras de simples amizade.

Nestas linhas agressivas e iníquas que estão na minha frente, Gilberto pôz inteiramente de parte o seu costumado tom irónico. «A senhora não tem consciencia — escreve — ou, se a tem, está desfeita em não sei quantos pedaços... Soube iludir as minhas primitivas desconfianças, que eram, apesar de tudo o que então me disse, absolutamente justificadas; engana, sem remorsos, um homem que a adora e, provavelmente, vangloria-se de ter á sua escolha e conforme o

seu capricho, dois homens como eu e Luciano... Renunció a todas as satisfações que possa dar-me, porque não desejo suplantar no seu coração, se é que o têm, um grande amigo meu que lhe merece a si todo o carinho !»

A nossa alma habitua-se á dor como certos animais de carga ás chicotadas que lhes flagelam o dorso e o ventre; dir-se-ha pouco sensível, em certos momentos, ás desoladoras surpresas que se lhe deparam pela existencia fóra. Vejo agora quanta razão de ser tinha o meu pressentimento de que a amizade de Luciano poderia mais em Gilberto do que os meus beijos... Sinto-me comovida pela lealdade deste homem para com o seu amigo. E as lágrimas que me arrazam os olhos são de enternecimento, apesar de que as falsas conclusões dêle me magôam cruelmente...

Ainda há poucos anos, um caso como êste, na minha vida, far-me-ia revoltar, correr em busca de Gilberto e repetir-lhe, energica e indignadamente, o que já por mais duma vez disse sobre a minha situação para com Luciano. Hoje, a minha pena é, por assim dizer, resignada, passiva, e apenas me leva a escrever-lhe uma carta em que, repelindo as suas acusações e afirmando-lhe a minha inteira sinceridade, lhe confessarei o desejo duma explicação, que julgo devêr dar-lhe de viva voz.

Terça-feira, 15

Encontrei esta tarde, numa rua da Baixa, a Helena de C., que está em Lisboa após três anos de ausencia na provincia, mais gorda, vestindo com simplicidade e tendo no rosto os indícios duma absoluta paz de alma. Mostrou saudades do marido, que anda em viagem de negocios, falou-me nos dois filhos pequenos, que deixára em casa, e discreteou, em seguida, sobre coisas banais.

A Helena, de quem eu nunca fui propriamente amiga, causava-me admiração, em solteira, pela originalidade estroina das suas idéas e da sua indumentária. Incorrigivel em «flirtes», tinha, apesar disso, atitudes másculas, que surpreendiam numa tão linda figura feminina e discutia, ás vezes, altos problemas sociais, com o mesmo entusiasmo doutras mulheres quando discutem modas ou se inebriam na volupia da maledicencia... Eu reprovava secretamente aquelas excen-tricidades. E recordo-me de que aplaudi *in petto* o gesto cauteloso duma senhora íntima da casa do tio Mauricio — onde nos reuníamos todos — que deixou de levar lá as filhas, pouco mais novas do que eu, boni-tinhas e triviais, no temôr de que se contaminassem com a frequencia daquela revolucionária de rosto de anjo e colarinho de homem — que falava de femi-

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

nismo com varões outoniços e morria por um «flirt» com todos os moços, bem parecidos, que encontrava...

Um dia, a Helena, ao subir a ladeira da Vida, tropeçou num átomo de sentimento, deixou cair a bengala e as idéas que a celebrisavam e ficou presa pelos laços do amor a um excelente rapaz, cuja convivência prosaica e assisada lhe afugentou para sempre do espirito as extravagancias postiças que o povoavam. E é hoje, de todo perdidas as suas veleidades de independencia, a esposa submissa, comedida, dum homem de bom coração e de bom senso — a mulher rainha do seu lar, que se limita a espreitar a vida exterior pela nesga do espesso cortinado da sua virtude...

A mim, tão simples, ainda que travessa, na minha primeira mocidade, perturbam-me hoje todos os problemas de sentimento — e ferventes revoltas contra as convenções agítam o meu espirito. E as duas criaturinhas que o zêlo materno desviou do convívio da complicada Helena dão que falar agora, ambas também casadas, pela sua frivolidade e pelo seu impudôr...

Quarta-feira, 16

Giacomo, engenheiro siciliano, um meu ligeiro *flirt* de há quasi oito anos, está de novo em Portugal. Soube, pelo tio Mauricio, a minha direcção e talvez a historia do meu desastroso casamento e escreveu-me

uma carta expressiva e quente. Mas a sua demonstração de interesse deixou-me fria, tão fria como esta tarde agreste dum Janeiro desabrido... A recente injustiça de Gilberto deportou-me para não sei que paragens setentrionais e sómente a doce recordação de Luciano vem temperar, de espaço a espaço, o gêlo desconsolador da minha alma...

* * *

Gilberto ainda não respondeu á minha ultima carta. Vou esta noite vizitar meus pais, a ver se consigo distrair-me e dominar, durante algumas horas, a excitação nervosa que principia a apoderar-se de mim...

Quinta-feira, 17

Já recebi a resposta de Gilberto, que me diz estar disposto a encontrar-se comigo, uma vez que eu o desejo, mas achar inutil qualquer explicação, visto que tenciona «não se deixar iludir de novo por mim».

Não obstante estas palavras em que a injustiça prevalece ainda, a carta deste homem singular não só é muito menos áspera do que a primeira, como tambem a contradiz... «Nunca tive, no fim de contas, a intenção de ofendê-la e muito menos me encontro com o direito de a censurar. Trata-se, apenas, duma atitude

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

que a consciencia me impõe, o que não quiere dizer que não ache a minha amiga encantadôra e não sinta por si um verdadeiro interesse... Tenho muita, muita pena de que as circumstancias me forcem a cortar uma intimidade que só me daria prazer, se não fosse a complicação de ordem moral que bem conhece e que, creio-o absolutamente, do mesmo modo a tem perturbado a si.»

Original homem este que nega e dissimula as suas fraquezas, as suas paixões, e que tráí, por fim, uma alta sensibilidade, mascarando-a inábilmente por traz das palavras medidas, calculadas, que o seu falso cepticismo lhe inspira!

Para quê dispender mais tempo e inquietar ainda mais o meu espirito, insistindo absurdamente na discussão dum assunto que, na realidade, não é discutivel? Gilberto procede com nobreza trocando as minhas caricias pela paz da sua consciencia. E, sem que eu saiba porquê, dissipou-se em mim, de subito, todo o apetite de voltar a falar-lhe. Não sei se esta minha disposição durará muito... mas, no entanto, vou escrever-lhe, a dizer que desisti de tornar a vê-lo. E julgo finda de vez a aventura...

Mais uma página da minha vida — lida e rasgada; mais um capítulo da minha historia — passado e vivido... E que incidentes novos, breves alegrias e lon-

gos tormentos me preparará ainda o Destino ? O eterno, desesperador ponto de interrogação que se esboça no porvir de cada um dos entes inúmeraveis que se agitam, lutam e sofrem neste mundo, nunca me pareceu tão misterioso e implacável como agora, na minha melancolia de vencida da vida, no meu doloroso cansaço de amorosa estéril e desafortunada...

Terça-feira, 23

Esta tarde, em casa do tio Mauricio, tive um momento de verdadeira angustia. Tudo nervos, finalmente... Pobre da mulher nervosa, delicada harpa-cólia cujas cordas subtilíssimas vibram com intensidade á mais leve aragem de jubilo ou tristeza que por elas perpassa!

Três ou quatro pessoas, na sala, falavam sobre trivialidades, mas, na saleta contígua, os dedos prodigiosos de M. de M. tiravam do velho Steinway uns sons impressionantes. Era um *impromptu* de Schubert, em si menor, de frases caprichosas e passagens cromáticas, que desde a minha infancia conheço. Tocava-o frequentemente a minha querida *mademoiselle* Dupont, que já não existe, nublando a minha habitual alegria e a minha sensibilidade numa acentuada impressão de tristeza. Lembro-me distintamente de que, sempre que o ouvia, as minhas mãozitas débeis

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

largavam o livro de contos maravilhosos ou a boneca de olhos de esmalte e cabelos de estopa que sustinham, numa abstracção completa de tudo quanto não fôsse aquela musica enervante. Um dia, depois de a têr ouvido, abri um volume de versos escolhidos, que os meus olhos infantis percorreram, curiosos. Li um pouco mais de metade de «A andorinha ferida», de Julio Diniz, e fui convulsionada por um ataque de chôro. Só a *mademoiselle* conseguiu aquietar-me, acariciando-me e afirmando-me que os queixumes — expressos em verso — da pobre avezinha, não passavam duma fantasia de poeta e que, por consequencia, *il ne fallait pas y songer* . . .

E, há cerca de duas horas, escutando mais uma vez esse *impromptu*, com a dupla recordação de Gilberto e Luciano fixa no espirito e perto de mim o susurro duma conversação banal, a custo dissimulei as minhas lágrimas rebeldes . . .

Quinta-feira, 25

Como em todas as minhas crises de desalento, o instinto leva-me a recorrer ao affecto de Luciano. Apesar dos momentos dificeis, dos relampagos de febre que perturbam sempre toda a amisade amorosa, que preciosas consolações tenho colhido na intelligencia calma e nobre daquele excelente amigo !

Tenho saudades de Gilberto, ou, antes, das suas caricias. Mas penso, contudo, que se ele, em vez de se apartar de mim, tivesse demonstrado egoísmo e autoridade, impondo-me um rompimento com Luciano, eu não teria ânimo de trocar uma amizade segura por um amôr duvidoso, substituindo uma nascente inexgotavel de terno conforto pela chama trémula duma paixão em verdade repreensivel e mais do que provavelmente passageira...

Sabado, 27

Estou recordando, ainda impressionada, a minha sensação de ontem á noite. A viela imunda, sinistra, alongava-se até um pequeno largo escuro, de altas paredes humidas, que o tempo escalavrou, salpicando-as de manchas esverdeadas. Aqui e ali, recantos negros, sombras estranhas que sugerem horror... A atmosfera pesada daquele bairro abjecto tornou-se-me insuportável. E, arrependida da fantasia que me levava, vestida de escuro, na cabeça um largo chapéu que mal deixava entrevêr-me o rosto, a visitar aquelas ruelas infames, semeadas de homens de olhar oblíquo e apparencia repelente, e ladeadas de prostitutas bocejando, sentadas e insensíveis ao frio, ás portas das suas lojas, segurei-me ao braço de Luciano, quasi

sufocada por eflúvios nauseantes que pareciam emanar daqueles entes lamentáveis...

Batiam as onze horas numa igreja longa. Toda a tradição sangrenta do velho antro, povoado pelas mais íntimas mercenárias do amor e pela pior espécie de rufiões, toda a tragédia vivida nas baiucas daquele labirinto de crime, reconstitui, compungida. Luciano, como é sentimental e delicado, não se sentia em melhor disposição...

— Estes passeios não são para nós, minha amiga — disse-me, nervoso — Vamos embora, vamos embora já...

Fugimos dali a passos largos e só respirámos fundo na primeira rua honesta que encontramos...

Como é horrível aquele meio ! O luxo e a elegância aristocratizam o vício, perfumam, dissimulam, por vezes, a decadência moral... Mas a miséria depravada, a rudeza espontânea dos instintos, o vestígio do golpe traiçoeiro, não molestam apenas as almas impecáveis ; ferem, também, a sensibilidade dos pecadores requintados, sensibilidade exacerbada, que não suporta êsses aspectos inferiores e brutais...

Domingo, 28

Vi ontem, á tarde, de relance, contornando uma esquina, o meu ex-marido. E toda a noite pensei no

DUMA MULHER DA EPOCA

que poderia ter sido a minha vida se, menos cega pelo orgulho e mais indulgente pelas fraquezas dos outros, eu não tivesse exigido a anulação, perante a lei, do meu casamento... Só hoje, que aprendi a observar o mundo e os homens, hoje, que a experiencia criou em mim uma dolorosa perspicácia, compreendo que é melhor, incomparavelmente melhor, perdoar as faltas alheias, por mais graves que sejam, do que necessitar que os outros nos perdôem aquelas que praticamos...

Foi com indiferença que vi passar ao longe o homem a quem, por capricho da sorte, couberam as minhas primeiras caricias — tão puras, tão desartificiosas!...

Em meio de tantos raciocínios desoladôres, que desoladôra é a prova de que todo o amor humano, ainda o mais feroso e o mais profundo, esfria e morre com o tempo ou com o afastamento!...

* * *

Há na vida horas tristes em que a nossa alma sente só, inteiramente só, não obstante os mil protestos de affecto, interesse e ternura que cáem sobre nós, em lisongeiro dilúvio... Atravessó neste momento uma dessas horas em que o único refugio da minha alma é a minha alma... Sofro desde que pela

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

primeira vez mergulhei na vida e dêsse penar nasceu esta amarga filosofia, filosofia de mulher garrida, escrava inquieta do Amor.

Para afugentar estas crises de desânimo, tenho cultivado as artes, praticado o bem e tentado refugiar-me na Religião. Mas, como artista, os meus talentos são infimos e a caridade — que eu considero um dever moral de todos aqueles que conhecem as agruras da miséria propria — não ocupa exclusivamente o meu espirito e muito menos desde que, algumas vezes, uma ingratição malévola e consciente me tem ferido...

A Religião? Oh, eu creio, eu creio! No entanto, não logro sufocar as minhas tentações mundanas e, irresistivelmente, peço a Deus que me anime o coração com a ardencia do amor profano — em vez de lhe pedir que me inunde o espirito com a doçura infinita do amor divino...

Fevereiro, sexta-feira, 2

Admiro-me, hoje, de ter chegado a supôr que esqueceria facilmente Gilberto. A verdade é que não posso libertar-me dos pensamentos obsecantes que para ele me impellem. Soube interessar-me profundamente, soube prender-me; havia entre mim e ele, apesar dos nossos pequeninos duelos de ironia,

DUMA MULHER DA EPOCA

de alfinetadas reciprocas, não sei que atracção mutua, que inconfessado e intimo equilibrio.

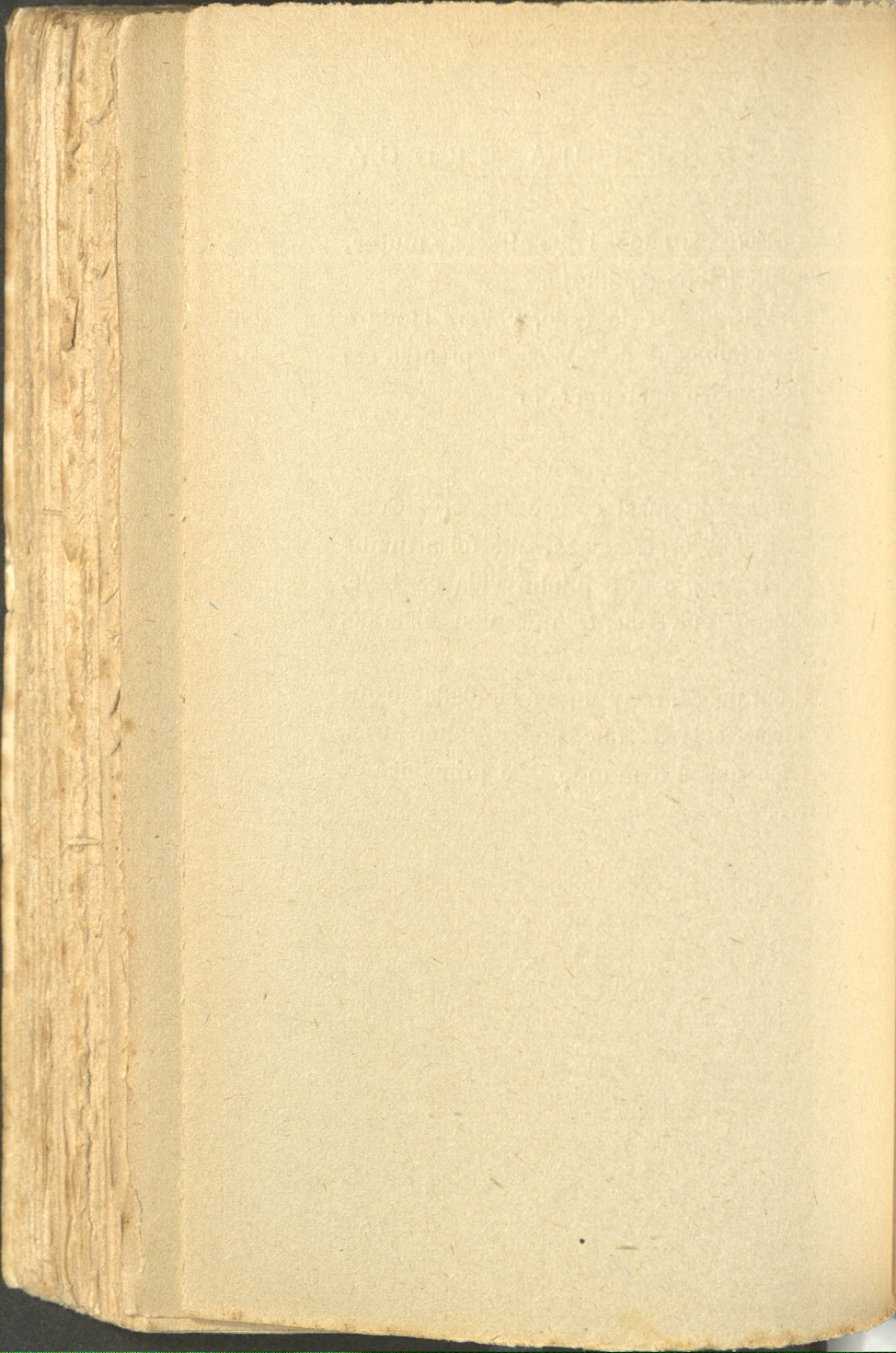
E quem sabe se, apesar de tudo, voltará ainda a refulgir a centelha rubra que de nós se desprendia em momentos de comunhão suprema?...

Domingo, 4

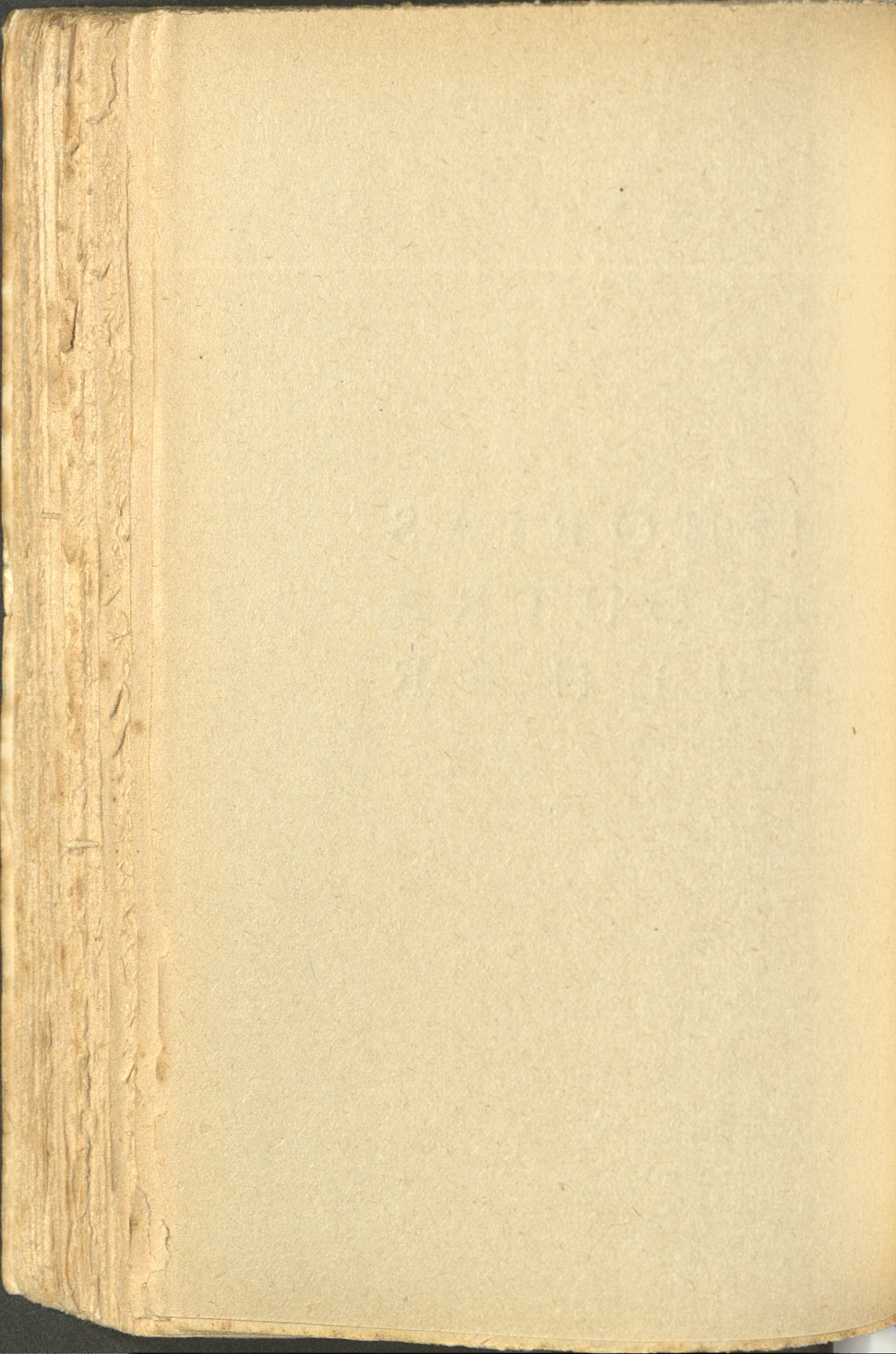
Ólho para o passado quasi com desespero. Comparo a senda florida, esperançosa, que foi a minha vida até aos vinte anos, com a minha vida de hoje, estrada abrolhosa e pulverulenta que vou pisando, afadigada...

E, mais do que nunca, me punge a saudade do que fui, a dôr irremediavel de não poder voltar atrás, agora que sei o que é o mundo — e principiar de nôvo a viver...

F I M D A
N O V E L A



MEMORIAS
DE OUTRA
MULHER



AS IMPRESSÕES DE SILVINA, VIÚVA

19 de Abril.

Há quasi três mêses que não comunico ao papel as minhas impressões. Tão angustiosas têm sido elas, que me não tenho sentido com forças e sangue-frio suficientes para me sentar a escrever. Estou viúva — viúva aos vinte e quatro anos, dois mêses depois de casada! — e ainda mal recomposta das comoções que tão violentamente me abalaram antes e depois da morte do meu querido Carlos. A minha pobre alma martirisada, só nestes últimos dias tem alcançado alguma tranquillidade, depois dos constantes, indizíveis esforços que tenho feito para tentar compenetrar-me de que é preciso reagir contra a onda de mágua que me envolve.

Tenho chorado dias e noites a fio, mas as lagrimas, em mim, longe de me causarem alívio, como se diz, geralmente, que causam, concorrem para um maior abatimento de todo o meu sêr. Há quatro dias que não choro e, por isso, me sinto mais corajosa. Meus

pais trouxeram-me para sua casa logo após a morte de meu marido. Mas eu, consultando-me intimamente, julgo que teria sido preferível deixarem-me só, entregue á minha dôr, naquela residência quási deserta, a obrigarem-me a conviver com êles, que, apesar de carinhosos, condoídos e contristados, não pôdem apreender o meu verdadeiro estado de espírito...

Aquelas oito noites que antecederam a morte do Carlos, noites agitadas em que o querido doente desejava forçosamente erguer-se, proferindo, em repentes de delírio, frases truncadas, extravagantes, geradas pela febre intensíssima, aquelas noites angustiosas de torturante expectativa, depois de dias de relativa quietação, prostraram-me a ponto da própria Morte pouco mais me impressionar, porque tendo o espírito enfraquecido, a energia exgotada, os nervos desfeitos, já mal podia avaliar do que em volta de mim se passava. Estava mentalmente inerte quando para aqui vim e só passados dois dias pude atentar na minha infelicidade e dar largas ao pranto.

Tenho pedido a Deus que me não abandone, que me dê forças para resignar-me á minha sorte. Sinto-me mais animosa e apenas se me humedecem agora os olhos, ao pensar que sou ainda tão nova e já viúva. Tenho, no entanto, a convicção de que esta mágoa nunca passará.

23 de Abril.

Este dia tão lindo parece ultrajar o meu luto. A bem dizer, este luto já me não aflige tanto como nos primeiros dias; dir-se-ha que me fica bem, até. Estive observando-me ao espelho, há pouco, e notei que as amarguras me não desfeiam e que a expressão triste dos meus olhos fatigados proporciona á minha beleza imperfeita um vago e espiritual encanto. Desloquei para a testa um dos aneis do meu cabelo, tão maltratados durante todo este tempo, mas logo a seguir me envergonhei do meu prematuro gesto de coqueteria. Agora, porém, estou a pensar que não há motivo para que não vá prestando mais alguma atenção á minha tualéte. Na minha idade! E isto não quiere dizer que a recordação saudosa do meu querido Carlos me deixe um só instante; nunca me deixará, estou mais do que convencida disso. É que era meu marido, o meu querido marido, tão novo e tão carinhoso! Varrêram-se-me do espírito, logo que o vi doente, certos pequeninos ressentimentos a seu respeito. Quem me déra vê-lo vivo e são, continuando a causar-me os mesmos pequenos dissabôres e motivando arrufos passageiros, que davam, inevitavelmente, origem ás mais ternas reconciliações!

25 de Abril.

Que vergonha! Surpreendi-me, há instantes, a cantarolar baixinho — muito baixinho, é certo — enquanto dava uma vista de olhos por vários objectos que me avivam lembranças da minha vida de solteira e conservo numa gaveta do toucador do meu quarto de donzela. Felizmente, estava só; se alguém presenciasse esta indesculpável leviandade, que juizo faria dos meus sentimentos?! Esqueci-me momentaneamente da minha triste situação! Meu querido Carlos, que a tua alma me perdôe esta abstracção que me envergonha! Tenho lágrimas nos olhos... Porque foi que esta manhã cobri o meu rosto com uma ténue camada de impalpável pó de arroz de Clamy, como despreocupadamente fazia, nos dias felizes?...

26 de Abril.

Sinto-me cada vez mais descontente comigo mesma. Saí ontem, com minha mãe, a fazer necessárias e determinadas compras, e por muitas vezes ouvi áqueles que por mim passavam elogiar a minha frescura, que, decerto, sobresáí notavelmente em meio do luto, apesar do véu — aliás pouco espesso — me cobrir o rosto... Pois bem! Não obstante ter concorrido com as palavras de minha mãe, que parecia in-

dignada pela falta de respeito que alguns homens manifestavam pelos meus tristes trajés, senti-me intimamente aflagada por aquelas frases banais de louvor á minha mocidade. Meu querido Carlos, perdôa á tua dedicada mulhersinha a vaidade de se achar bela no luto que por ti está usando ! São idéas profanas, certamente, mas que afinal em nada diminuem a intensa dôr que ainda experimento pela tua morte... Demais, a consciencia de que procedia mal dando ouvidos ás palavras trivialmente absurdas dalguns passeantes, provavelmente ociosos e inúteis, perturbou-me tanto, tanto, que me esquici de comprar o frasco de essencia de Gabilla que tinha, principalmente, motivado a minha saída !

29 de Abril.

O Carlos fazia hoje anos, se fôsse vivo. Este dia tem sido de lágrimas para mim... Pobre querido ! Levou para a sepultura o delicado fio de oiro que lhe coloquei ao pescoço, poucas horas depois do nosso casamento... A ternura com que êle beijou então a sua Silvininha !... Quem me déra agora um beijo dêle, quem mo déra ! Carlos, meu querido Carlos, a tua alma, vagueando ainda, naturalmente, pelo espaço, não procurará ás vezes a tua mulhersinha ?

O que acaba de se passar comigo, arripia-me... Tinha deixado a pena e apoiado os cotovêlos na secretária, descançando a cabeça nas mãos. Pensava profundamente no Carlos, com o torturante desejo de saber qual seria a disposição do seu espírito na misteriosa vida de além-túmulo, quando senti que uma força estranha, desconhecida, me forçava a levantar a fronte, pouco a pouco, deslocando-me das mãos... Pareceu-me que um sôpro levíssimo, frio, perpassava pelo meu rosto afogueado e os meus lábios, inconscientemente, esboçaram um beijo, que se perdeu no ar... Foi sem dúvida êle que veio *vêr-me*... Tenho a certeza disso.

2 de Maio.

Estou agitada, desejosa de voltar á vida, ansiosa por que o tempo decorra... Desde quarta feira, á tarde, quando tive a sensação de que o Carlos me visitava, que estou assim. Adivinho que êle não quiere que eu me atormente mais, que deseja *vêr-me* reagir, sorrir de novo. E estou diligenciando, efectivamente, alcançar êsse fim. Na verdade, aos vinte e quatro anos, nada feia, confiando ainda no Bem e na Humanidade, não terei o direito de buscar consolações?!

Por julgar acertada esta ordem de idéas, tenho dado

DUMA MULHER DA EPOCA

pequenos passeios, feito visitas, procurado conviência, e este movimento tem-me sido, na realidade, muito salutar. Engordei um pouquinho — oh ! muito pouco ! — e tenho, consequentemente, uma apparencia mais fresca do que nunca.

Soube, ontem, que a D. Josefina, aquella viúva madura e espessa que foi nossa vizinha na Estrela, casou há dois mêses e essa noticia deu-me que pensar... E se eu tornasse a casar, tambem ? Porque não o farei ? Se me eram tão queridas essas horas de ternura em que esquecia os diversos incidentes prosaicos da minha vida de casada, por que razão não hei-de dedicar-me de novo a um homem que, sem apagar no meu espirito a recordação do Carlos — recordação inextinguível, a meu vêr — o venha materialmente substituir ?

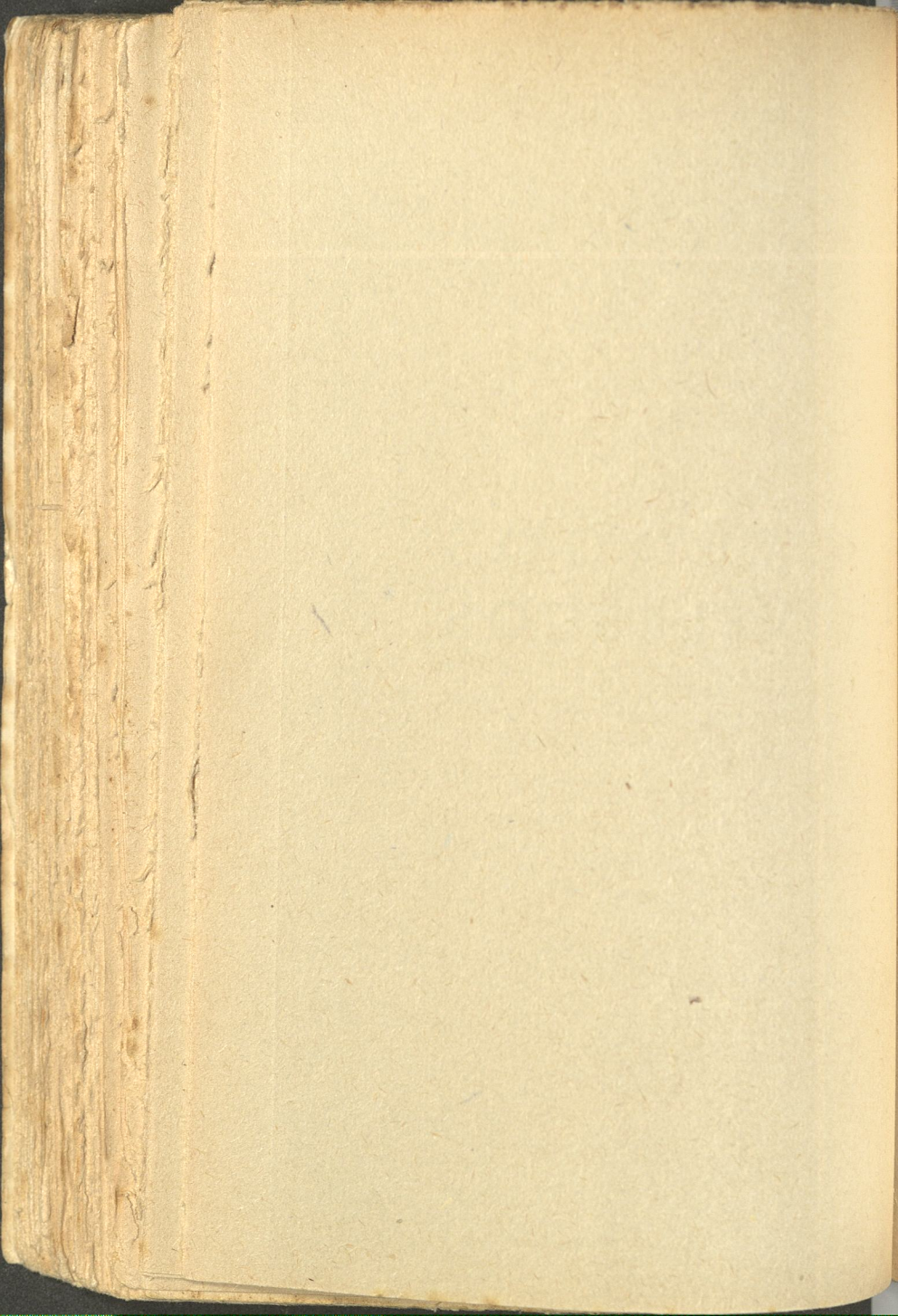
.....
Este pequeno espelho que a minha mão esquerda, neste instante, segura e que reflecte o meu rosto de fino oval, anima pensamentos que eu nunca ousaria confiar fôsse a quem fôsse... Toda a gente censuraria a maneira relativamente fácil por que me tenho ido resignando ás actuais circumstancias da minha vida, o que não impede que a minha consciencia se sinta quasi tranquila, visto que tenho a convicção de que o Carlos não deixará de me inspirar, da Eterni-

D I A N A D E L I Z : M E M Ó R I A S

dade, ânimo e firmeza. Esta manhã despertei com um irresistível desejo de amar e vivêr... E fico esperando, cheia de fé, uma nova e doce fase da minha existencia, fase que, pressinto-o, não deixará de vir...

Lisboa, 1923.

DIALOGOS
NOVELESCOS



D I A L O G O

ENTRE A MATERIA
E O ESPIRITO DUMA
MULHER BONITA

O ESPIRITO, *trovejando* :

Vejamós ! Que novo delicto perpetraste esta tarde ?
Ha mais alguma fraqueza indesculpavel a juntar a
tantas outras que tens tido ? !

A MATERIA, *um tanto fatigada* :

Pois bem, confesso ! Pequei mais uma vez e, como
das outras vezes, não me sinto arrependida. Peço-te
que não sejas intolerante para comigo ; tive hoje tan-
tas voltas a dar, tantas compras a fazer, tantos bei-
jos a receber e a retribuir, que me sinto extenuada.

O ESPIRITO, *colerico* :

Sempre essa falta de firmeza que me vexa, que me
deshonra ! Sempre esse maldito vicio de seduzir os
homens, de querer ser amada não por um só, que a
isso fecharia eu os olhos, mas por dez, por vinte, por
mil, por todos !

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

A MATERIA, *indolente* :

Meu Deus ! Se eu acho isso tão natural ! E, de pois, não é bem o que dizes ; não sou eu que quero seduzir os homens ; eles é que me exigem que eu os ame. Que culpa tenho eu de possuir uns olhos fosforescentes e uns cabelos encaracolados ?

O ESPIRITO :

Embevecida com os teus atractivos, esqueces-te de examinar os teus defeitos. Essa boca é demasiado rasgada, esse nariz não tem, certamente, a pureza de forma do de Lais.

A MATERIA, *num riso brando* :

Mas se *eles* gostam assim ! Que hei-de fazer ? ! Tu sabes bem se *eles* gostam ou não ! Creio que já passaste uma vista de olhos ás inumeras cartas amorosas que tenho recebido até hoje de mil adoradores e que conservo, cuidadosamente, naquele cofre que está sobre o toucador.

O ESPIRITO :

Nunca pensaste que *eles* mentem, na sua maioria ?

A MATERIA :

Que importa, se eu tambem lhes minto quasi sempre ?

DUMA MULHER DA EPOCA

O ESPIRITO :

Vamos a saber : quem é o teu heroi de hoje ?

A MATERIA :

Um Galeno do seculo, feio como um tartaro e perspicaz como La Bruyère.

O ESPIRITO, *revoltado* :

E' incrível ! Um materialista ! Nunca poderei harmonizar-me com o espirito dele !

A MATERIA :

Eu sei isso ; foi por essa razão que não te consultei antes de aceitar os seus galanteios. Trata-se, desta vez, duma ligação absolutamente material, que eu aceitei, por estar desejosa de sair da dieta espiritual e romantica a que me condenou aquele ingenuo vate que sabes, dieta que parecia eternisar-se e que por fim me aborreceu.

O ESPIRITO :

Eu preferia esse, na sua afeição pura e candida...

A MATERIA :

E eu suportei-o tanto tempo só para te dar prazer. Agora entendo, porém, que é chegada a ocasião de pensar em mim.

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

O ESPIRITO, *reflectindo* :

O que nos convinha a ambos era um homem que a ambos contentasse e cuja materia estabelecesse um certo equilibrio com o proprio espirito. Só assim se acabariam todas essas vergonhas por que me fazes passar.

A MATERIA, *entusiasmada* :

Quem mo dera! Julgas que não penso tambem nessa solução, imaginas que me não preocupo contigo?! Mas onde está essa preciosidade, onde pára essa Fénix que ainda não logrei descobrir? Queres tu encarregares-te de a procurar?

O ESPIRITO, *envergonhado* :

Não... Olha : parece-me que para esse efeito tu tens, realmente, mais habilidade.

A MATERIA, *desapontada* :

Julgava que para essas descobertas eras tu o mais competente de nós dois !

O ESPIRITO :

Deves compreender que eu só não basto. Parece-me, até, que sem ti muito pouco conseguiria. Para as primeiras impressões, tu ; para depois, cá estou eu e, em seguida, ajudando-nos mutuamente, talvez possa-

DUMA MULHER DA EPOCA

mos obter a felicidade. Como temos vivido até hoje, isto é, descontentes ora um ora outro, é que não podemos continuar. Tu tens procedido até agora vergonhosamente, vexando-me quasi todos os oito dias. Eu, ao menos, nunca te ofendi e, pelo contrario, muitas vezes tenho dado ensejo a que te sintas lisongeada.

A MATERIA :

Apezar de todas as bonitas coisas que tens proferrido, eu mentiria se te não dissesse que me acho bem no pecado, se te não afirmasse que o pecado me parece muito humano, muito natural. Não vejo por que razões devas envergonhar-te de coisas que me não envergonham a mim. Da minha parte, confesso-te que ás vezes me sinto receosa quando te vejo a caminho duma mentira escusada ou duma hipocrisia inútil; fico doida de alegria quando consegues evitar essas pequeninas baixesas e quando succede não poderes furtar-te á tentação do delicto, oh! — então cabe-me a vez de me envergonhar!

O ESPIRITO, *tartamudeando* :

Mas... não vejo necessidade de recriminações desse genero. Defeitos, temo-los ambos e eu não me supponho impecavel ao censurar os teus erros. (*firme*)
Alem disso, os delictos da matéria são geralmente

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

muito mais perniciosos á humanidade do que os do espirito; quantas lagrimas, quantos rancores, quantos crimes elles teem causado! Não estarás de accordo?

A MATERIA, *insinuante* :

Estamos de accordo em muito mais coisas do que parece. (*felina*) Ora dize, dize lá: no teu intimo não desculpas inteiramente, muitas vezes, aquilo a que chamas os meus erros?

O ESPIRITO :

Sempre te tenho dito que não transijo com as tuas fraquezas.

A MATERIA :

Transiges, transiges... As tuas repreensões são motivadas, principalmente, pela tua obediencia aos preconceitos; quasi nunca pelo teu verdadeiro sentir.

O ESPIRITO :

Chamas preconceito a coisas necessarias e justas...

A MATERIA :

Sim... coisas necessarias e justas, contra as quaes todos nós nos revoltamos, em segredo. Tu não me enganas sempre que o queres, fica sabendo. Mais ainda: não só não reprovas intimamente muitos dos meus

DUMA MULHER DA EPOCA

actos, como até os achas naturalissimos, mesmo quando me censuras acremente e me diriges palavras violentas. Ora confessa, confessa isto mesmo, que agora ninguem nos ouve...

O ESPIRITO, *desviando o assunto* :

Pelo que observo, já te não sentes fatigada. Vejo-te tão viva!...

A MATERIA :

A prova de que o estou é que vou repousar. Vem comigo, vamos dormir, sim? Que belo sono faremos, muito amigos, sem discutir, sem nos zangarmos! Quando conseguiremos nós viver em harmonia, mesmo acordados?

O ESPIRITO :

Quando tivermos encontrado a *rara avis* de que ha pouco falámos: o homem de espirito e materia equilibrados, que nos venha equilibrar aos dois.

A MATERIA :

Quem mo dera! Vamos procura-lo já amanhã?

O ESPIRITO, *ironico* :

E o Galeno?

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

A MATERIA, *com vivacidade* :

Não gosto dele, não gosto ! Foi apenas um desfas-
tio. Anseio pelo outro tanto como tu !

O ESPIRITO :

Sim ? Vamos dormir.

A MATERIA :

Vamos, mas amanhã principiamos a procurar, sim ?

O ESPIRITO :

Sim. Vamos dormir.

Lisboa, 1923.

CLOTILDE
CLARINHA
CLARISSE

Quatro horas da tarde. Clotilde, Clarinha e Clarisse, sentadas em bancos rusticos, á sombra dum enorme castanheiro, na Quinta das Pedras Negras, perto de Belas, conversam, descuidosas. As duas últimas, são hospedas, durante oito dias das suas férias, de Clotilde, que deixou no ano antecedente o colégio. Clarinha e Clarisse, quinze e de-sasseis anos, são primas; ambas têm olhos claros e risonhos. Clotilde é morena e viva, dezoito anos, olhos de zingara, diabólicos.

CLOTILDE — E a «Mademoiselle» ainda está rabujenta?

CLARISSE — Ai, menina! Cada vez pior! Agora até diz coisas feias, quando a D. Aurora não póde ouvi-la. No último dia que lá estivemos lhe ouvi eu dizer, por entre dentes: — *Sacredieu!*

CLOTILDE (*escandalisada*) — Ah!

CLARISSE — E não quere, agora, nem por som-

bras, que a gente chegue á janela, nem mesmo do lado do jardim! Está insuportável!

CLARINHA — Sim, ela não quiere que nós cheguemos á janela, mas morre por espreitar a filha do Moreira, quando o namorado, á noitinha, se põe aos beijos a ela...

CLOTILDE (*interessada*) — Quem é o namorado da filha do Moreira?

CLARISSE — E' um estudante da Politécnica, chamado Valente...

CLOTILDE — Valente? Espera lá; é um alto, muito trigueiro?

CLARISSE — Sim, sim! Tem cabeça de bico!

CLOTILDE — Bem sei quem é. Dansei com êle um *cotillon*, o ano passado, nas Caldas.

CLARINHA — Tem um ombro mais alto do que outro.

CLOTILDE — Para pôr defeitos em cada um ainda não vi como vocês! Pois eu acho-o muito simpático e muito bem educado. O que eu não sabia é que êle namorava aquele pão sem sal da filha do Moreira.

CLARISSE — Eu não dava um passo por êle. Tem uma cabeça assim... não sei como... muito exquísita. Eu só gostaria dum rapaz bem parecido, que vestisse bem e não tivesse mau génio...

CLOTILDE — Naturalmente eras capaz de gostar dum manequim de cêra, como o Luiz Lopes.

CLARISSE (*picada*) — Chama-lhe manequim de cêra... Tomáras tu que êle te fizesse a côrte...

CLOTILDE (*desdenhosa*) — Eu?! Eu não gósto de bonecos de montra. A gostar, era dum homem de carne e ôsso!

CLARISSE (*trocista*) — E de cabeça de bico!

CLARINHA (*conciliadôra*) — Acabem lá com isso. Olhem: o que eu acho é que em a gente tendo de gostar, gosta, pronto! Seja feio ou seja bonito! Eu, por exemplo, não gósto de homens baixos nem de homens loiros, mas tenho a certeza de que se me aparecêsse um, baixo e loiro, que soubesse cativar-me e convencêr-me, caía no laço, sem querer saber de mais nada!

CLOTILDE — Eu gósto dos homens muito magros e muito trigueiros...

CLARISSE — Mas é o teu tipo... Não devias gostar...

CLOTILDE — Mas gósto. Gósto assim como o doutor Girão.

CLARINHA — Quem é o doutor Girão?

CLOTILDE — É um amigo do padrinho, que vem ás vezes cá á quinta.

CLARISSE — Que idade tem êle?

CLOTILDE — Já passa dos trinta.

CLARISSE — Ih! Trinta anos! É quasi velho!

CLOTILDE (*irritada*) — Tu não sabes o que dizes! Só queria que o visses — ainda hás-de vê-lo — e que me dissesses depois se dava ou não dava um marido ideal!

CLARISSE — Ora! Nós, em solteiras, sabemos lá se um rapaz é ou não é um marido ideal! Só depois de casar é que essas coisas se sabem. Antes disso... Êles enganam a gente, com aquelas palavrinhas sentimentais! O Valente, que está sempre a rir e aos beijinhos á namorada, é capaz de se tornar sêco e mal humorado, se viér a casar com ela... Foi o que succedeu ao marido da tia Amélia, disse-mo ela mesma.

CLARINHA — A filha do Moreira fez mal em dar aquella confiança ao rapaz. Eu é que não consentia uma coisa daquelas... Até me arripio toda!

CLARISSE — Eu tambem não admitia aquilo. É de mais!

CLOTILDE — Vocês não admitiam?! Eu sempre queria vêr... Gostando-se muito dum rapaz, faz-se tudo quanto êle quiere... A não sêr assim não é amôr a valêr...

CLARINHA — Pois tu deixavas um homem dar-te um beijo antes de casar?!

CLOTILDE — Porque não? É uma coisa tão natural!...

CLARISSE — Ó Clotilde, pois tu não tens vergonha de dizer isso?!

CLOTILDE (*rindo a bom rir*) — Eu, não! (*Clarinha e Clarisse riem tambem*).

CLARINHA (*baixando a voz*) — Querem vêr que já experimentaste?!

CLOTILDE (*muito vermelha*) — Schiu!

CLARINHA (*cheia de curiosidade*) — Pódes contar, que nós não dizemos nada a ninguem.

CLOTILDE (*que está morrendo por fazer as suas confidencias*) — Nada, nada!

CLARINHA (*quási suplicante*) — Conta!... Conta lá! Nós não dizemos nada seja a quem fôr!

CLOTILDE — Vocês juram?

CLARINHA e CLARISSE (*em côro*) — Juramos!

CLOTILDE (*baixinho*) — Pois é verdade. Já experimentei...

CLARINHA (*no mesmo tom*) — Quem foi? Foi o tal doutor Girão? (*Clotilde meneia a firmativamente a cabeça*) — Eu já calculava! Como foi?

CLOTILDE — Ora, foi ao pé do muro, ali adiante, junto da nespereira... Êle tinha vindo visitar o padrinho e eu ía acompanhá-lo até ao portão.

CLARISSE — E como foi que êle fez?

CLOTILDE — Foi de repente... Eu tinha parado, a olhar para o céu... a vêr um bando de passarinhos... e êle, zet! Deu-me um beijo na face esquerda...

CLARINHA — Eu faço idéa do susto que tivéste!

CLOTILDE — Qual história! Não tive susto nenhum. Êle é muito simpático. Foi só uma certa confusão...

CLARISSE — E já tornou a fazer o mesmo?

CLOTILDE — Só na segunda-feira é que volta cá; isto foi na quinta. Agora, que vocês cá estão, não póde sêr, mas depois é natural que sim... O que teve graça é que eu, com a surpresa, deixei cair uma rosinha que levava na mão; êle abaixou-se para me apanhar mas — não sei como aquilo foi — saltou-lhe do bolso um postal com o retrato duma rapariga com tipo de estrangeira. Eu, para disfarçar a confusão em que tinha ficado, perguntei-lhe quem era. — Fez-me lêr: — *Un bon souvenir de votre amie Margueritte* — e disse que era uma rapariga com quem costuma passear muito, quando vai á Belgica... Parece que é professora, não sei bem... Tambem me disse que eram simples camaradas e que nunca lhe tinha dado um beijo. — Nunca lhe deu um beijo? — perguntei-lhe eu. E êle respondeu-me, assim muito frio: — Não. Para quê?!

DUMA MULHER DA EPOCA

CLARINHA — Ah! E tu?

CLOTILDE — Eu fiquei intrigada e disse-lhe:—Então... e agora em mim... para quê?!

CLARISSE — Ah! E êle?

CLOTILDE — Sorriu... e não respondeu.

Lisboa, 1923.

UM CHÁ DA
MEIA-NOITE,
NAS AVENIDAS
NOVAS

Salão burguês, banal e confortável. Onze e meia da noite. Algumas senhoras ensossas e uma picante; um escritor modernista, dois militares reluzentes e de cabeça ôca, um antigo conselheiro, já corcovado e de cabeleira branca e mais dois vagos sujeitos que ninguém sabe quem são. Ambiente familiar.

A DONA DA CASA (*meia-idade, aprumada, falar meigo, em voz baixa á senhora picante*) — O conselheiro é muito distinto, não é?

A SENHORA PICANTE (*no mesmo tom*) — Assim, assim. Os colarinhos é que não estão grande coisa...

A DONA DA CASA — Coitado... Ele é viuvo...

A SENHORA PICANTE — Mas não tem uma governante em casa?

A DONA DA CASA — Parece que sim. Em geral todos os conselheiros viuvos têm governante.

UM DOS MILITARES (*que ouviu a frase, desageitadamente e em voz alta*) — O primeiro foi o Acácio.

O CONSELHEIRO — Quem é o Acácio?

A DONA DA CASA (*atrapalhadamente*) — O Acácio Rodrigues, um sujeito que morava ali defronte e morreu a semana passada. . .

O CONSELHEIRO — Não conheci.

A SENHORA PICANTE — Era bom rapaz. . .

O Conselheiro *espirra com estrondo*. O outro militar *ampara precipitadamente uma jarra que estremeceu com o espirro e está sobre a mêsã a que o Conselheiro se encosta*.

A DONA DA CASA (*a um dos sujeitos vagos*) — Oh, sr. Menezes, que vento! Era melhor fechar a janela, não acha? (*O interpelado vai, pressuroso, fechar a janela*).

O OUTRO SUJEITO VAGO (*ao escritor modernista*) — Você já encontrou aquele fim de capítulo que ia procurando, ontem, á tarde, no Chiado?

O ESCRITOR (*com pose*) — Sim, já. Foi curioso; encontrei-o precisamente no momento em que um cauteleiro pisava uma senhora que ia a passar. A pobre criatura deu um grito doloroso e ergueu os olhos ao céu; eu, sem querer, ergui também os meus e fixei-os num para-raios. Uma inspiração súbita. . . Até ali, não sabia bem se o capítulo devia terminar com a heroína emmudecida, entregue a um silencioso desespero, ou se devia mostrá-la fisicamente exal-

tada. Decidi, naquele momento, fazê-la soltar um grande grito...

A DONA DA CASA (*com ar de aprovação*) — Muito bem pensado... (*ao militar que lhe fica mais perto*) Olhe, Major, porque não chega a cadeira mais para diante! Vem-lhe frio daí, da fenda da porta... (*Para o escritor*) Então sempre acabou o capítulo com o tal grito?

O ESCRITOR — Sim, minha senhora, com o grito. (*Procurando na memoria*) Não me lembro bem de cór...

UMA DAS SENHORAS (*num vago receio*) — E' muito grande?

O ESCRITOR — Não, minha senhora. Nem eu sei dizer senão as ultimas palavras.

UM DOS SUJEITOS VAGOS (*venenosamente*) — Diga lá, homem; naturalmente não chegamos a vêr isso impresso...

O ESCRITOR (*com dignidade, depois de ter para o sujeito vago um rápido olhar de desdem*) — ...E Leonorela...

A SENHORA PICANTE — Leonor quê?!

A MULHER DO ESCRITOR (*que tem estado calada até então*) — Leonorela. E' assim mesmo; é o nome da protagonista.

A SENHORA PICANTE — Ah!...

O ESCRITOR (*continuando*) — ...E Leonorela, agitando enlouquecida os braços, os braços longos e flexíveis como bambús, soltou um grito, um grito enorme, perfurante, colorido de rubro. E êsse grito elevou-se nos ares como um aerostato de dôr, zigagueou, espiralou, contorceu-se e foi cravar-se, como uma flexa, no infinito...

O CONSELHEIRO — Magnifico!

A DONA DA CASA — E' de um grande efeito.

A SENHORA PICANTE (*entre-dentes, para a que lhe fica ao lado*) — Que chorrilho de tolices!

UM DOS MILITARES (*para a mulher do escritor*) — Seu marido é um idealista, minha senhora.

A MULHER DO ESCRITOR (*convicta*) — Sim, êle lá tem as suas idéas, isso tem...

(*Uma criada traz o chá. Todos se servem. A conversação esmoreceu.*)

A DONA DA CASA (*para o conselheiro*) — Um pouco mais de assucar, conselheiro.

A SENHORA PICANTE (*baixinho, para a confidente de sempre*) — Parece impossivel que ainda haja conselheiros; já não são homens, são múmias...

UMA OUTRA SENHORA (*para o auditorio*) — Está-me a lembrar o chá que tomei, noutro dia, em casa da mulher do Moreira Alves. Sabía a mofo que era um horror!

A SENHORA PICANTE — Eu já lá comi uma vez uns bolos que pareciam petrificados. Comi, não; roí... Tive a impressão de seixos antediluvianos!

A DONA DA CASA (*meigamente*) — Coitada! Ela está insuportável, de presunçosa.

A OUTRA SENHORA — Admira não ter aparecido hoje por cá...

A DONA DA CASA — Foi a um concerto; mas é capaz de aparecer ainda, na volta para casa... Aqui entre nós, não faz grande falta; tem, ás vezes, *gaffes* de abismar...

A SENHORA PICANTE — Aquela vez que ela disse ao conselheiro a sua opinião sobre a idade dos homens...

O CONSELHEIRO — Bem me lembro: disse-me que os homens se tornavam detestáveis a partir dos cincoenta, sem se lembrar de que eu já tenho setenta e oito! Pois não pareço mais novo! Eu não me importei... Ela disse-o; as outras não o dizem, mas pensam-no...

A DONA DA CASA (*com ar escandalizado*) — O conselheiro!

TODAS AS SENHORAS (*em coro*) — Por amor de Deus, senhor conselheiro!

A SENHORA PICANTE — Toda aquela familia é inconveniente; a mãe, as irmãs, as sobrinhas... Mas

DUMA MULHER DA EPOCA

a Moreira Alves é ainda mais inconveniente do que todas elas juntas... Poucoquinho, mas é.

UMA OUTRA SENHORA — Pretenciosíssima...

A DONA DA CASA — Duma affectação irritante...

O CONSELHEIRO (*irónicamente*) — Em conclusão, uma indesejável...

(*M.^{me} Moreira Alves aparece á porta, trivial e sorridente. Todos se levantam; as senhoras com ar alvoroçado*).

M.^{ME} MOREIRA ALVES — Fui hoje ao concerto da Maria Moniz, mas não quiz deixar de passar por cá...

A DONA DA CASA (*com vivacidade*) — E fez muito bem! Estavamos agora, justamente, a lamentar a sua falta...

A SENHORA PICANTE — E' que a M.^{me} Moreira Alves, bem sabe, é insubstituivel nestas reüniõesinhas...

(*M.^{me} Moreira Alves sorri, lisongeada. A conversação generalisa-se... Do seu cantinho, o conselheiro sorri, com finura*).

Lisboa, 1927.

O CRITICO...

— Talento! O Alfredo N. tem lá talento! Aquilo é talento, porventura?!... Os dois últimos livros?... Um fiasco rematado! A última peça?... Uma perfeita banalidade!

Estávamos, eu, a avó e o sr. Martinho Leal, sentados em tripós, na praia. Era numa noite de Setembro e ouvia-se uma guitarra melancólica, que um bnhista romântico ía tangendo, à beira-mar, rodeado por quatro ou cinco amigos, um dos quais cantarolava uma quadra popular.

— No entanto — objectei — o Alfredo N. dispõe dum vasto vocabulário, duma certa elegancia de forma...

— Ora! Tudo aquilo representa um esforço violento que êle faz, permanentemente, com o fim de imitar Fialho...

— Isso lá... — retorqui — Preferir ou seguir uma determinada escola... não me parece coisa das mais censuráveis... Desde que não se plagie as idéas

nem os termos... Qual é o escritor-inovador que não deixa escola? E não sucede, até, serem certos estilistas originais igualados, e mesmo excedidos, por sucessores seus? Flaubert, por exemplo, não tem discípulos ilustres?!

— Sim, às vezes sucede isso... Mas com o Alfredo N. não se dá êsse caso. Só tem audácia e vaidade. Nenhum talento. Talentos! Onde estão êles, hoje em dia?! O F. de M., o J. G., o... enfim, todos êsses que por aí andam, não passam duns odres de vaidade e inépcia, sem méritos de qualidade alguma! Eu estou actualmente preparando um opúsculo — o primeiro — em que me proponho abrir os olhos à turba cretina que está vitoriando tantas nulidades e patentear bem claramente as deficiências dêsses pretensos génios... E depois, à custa de quantas baixesas grande parte dêsses rabiscadores consegue nomeada! Reclamos disfarçados e não disfarçados, humildes pedidos de recomendação, críticas lisongeiras escritas por êles próprios, etc., etc... Um nojo, tudo isto!

E o sr. Martinho Leal teve um gesto de supremo tédio e esmagadora superioridade.

Eu principiava a sentir-me enervada. Estes críticos *snobs* e de má língua, que acham dum requintado *chic* e altamente atilado o sistema de deprimir quem

muitas vezes possui méritos autênticos ou quem tem, pelo menos, o merecimento de trabalhar, são-me particularmente antipáticos. Demolidores sistemáticos do trabalho alheio, bom ou mau, nada fazem, nada produzem e falta-lhes, geralmente, a mínima autoridade para julgar êsse trabalho. Dão, em meu entender, mostras de covardia ao atacar escritores e artistas, abrigando-se por detrás da muralha do direito à crítica — e livres, ao mesmo tempo, dos ataques da crítica dos outros, porque nada conseguem obter de si próprios, a não ser o veneno expellido em jactos sobre os que não são seus afeiçoados ou seus dependentes. . .

São comparáveis a certos músicos mediocres, que depreciam a técnica e o sentimento dalguns artistas que os excedem imensamente em valor. Assemelham-se a alguns *dilettanti* ignorantes que, não tendo soltado nunca da garganta senão sons roufenhos, pateiam impiedosamente a mais leve alteração da voz dum cantôr ou cantora, sem se lembrarem de que êsse artista é, provavelmente, muito mais sensível e susceptível de perturbações físicas e morais do que êles. Egoístas comodamente postados *de palanque*, a sua maior preocupação consiste, freqüentemente, em denegrir em arte e em moral o próximo, por *chic* ou por inveja.

Não resisti a dar-lhe uma liçãozinha.

— Então, então, sr. Leal! — disse-lhe, em tom amável. — Nada de exagêros! Com os seus talentos, — tive a coragem de pronunciar estas palavras — com a sua clara intelligência, tem o dever de ser indulgente para com as inferioridades dos outros!... Olhe que os homens de reconhecido valor, como o senhor, só imparcialmente e sem intensões aggressivas devem julgar os mediocres... O J. G., ao contrário do que o senhor me disse há pouco, tem realmente obras de feliz ironía e espirito incontestável... Já leu o *Bezerro de Ouro*, o último livro dêle?

O sr. Martinho Leal enguliu em sêco.

— Não, êsse ainda não li...

— E a *Vitória do Amor*, o penúltimo?

—... Também não... Mas tenho lido outros. Aquela crítica ao *Sonho Azul* do Alberto de Matos, um homem de tanto merecimento e que, demais a mais, já morreu, é rancorosa, está repleta de má vontade...

— Rancorosa? Mas eu já li essa crítica e não vejo em que ela seja rancorosa! O J. G. reconhece bem claramente o talento do Matos, não regateia louvores a alguns trabalhos dêle e apenas discorda de certas teorias reveladas nêssas paginas, no que está em plenissimo uso dos seus direitos de crítico que, por

seu lado, se não esquiva à crítica dos outros, porque bastante produz... Em todos os tempos as obras científicas e literárias têm sido discutidas e apreciadas, favorável ou desfavoravelmente, em vida dos autores e depois da sua morte... Mas o senhor já leu essa crítica? Recorda-se bem da sua feitura?

O sr. Martinho Leal tossiu ligeiramente.

— Não li... isso é verdade... Mas sei como está feita... porque sou amigo do Oliveira de Melo que acudiu, no *Orgão da Justiça*, a defender a memória e a obra do Alberto de Matos... Demais, eu conheço muito bem o J. G... Quem êle é, sei eu!

— Então já deve ter-lhe notado, certamente, a sua tão rara erudição, admirado o seu tão perfeito conhecimento dos clássicos...

— Eu não digo que êle seja um ignorante... Mas olhe que, pelo lado moral, deixa tambem muito a desejar... Lembrar-me eu de que está ligado, há tantos anos, a uma mulher que já tinha andado, em público, de braço dado com o Filipe Cardoso!

Puz-me a rir.

— Mas, deveras, acha isso um grande desdoiro para um homem?

— Se até dizem que ela lhe é infiel!

— Pois olhe que se o é, êle não o suspeita. Eu tambem o conheço um pouco... o bastante para es-

tar certa de que não é homem que se sujeite a sêr enganado por uma mulher, sendo conhecedor do procedimento dela !

A avó bocejava, ao meu lado, na obscuridade da noite.

— Mimi, olha que já é tarde e está frio... E o sr. Leal vá-se chegando, tambem, que a esta hora ninguem póde estar na praia !...

E, para mim, de novo :

— Olha a raposa, que te escorregou para a areia...

O sr. Martinho Leal apanhou-me o abafo, puxando, na altura dos joelhos, a fina calça branca e abaixando-se com uma certa elegância. A praia, na verdade, estava quási deserta. Havia humidade e já passava das onze.

Despedimo-nos do sr. Martinho Leal, que se curvou gentilmente e insistiu em acompanhar-nos até ao jardim. E eu, dando o braço à avó, para ajudá-la a transpôr um montão de pedras, sobre o qual tínhamos inevitavelmente de passar, sorri, intimamente divertida, ao lembrar-me de que o alto cargo oficial do severo crítico e moralista lhe tinha sido concedido, segundo indícios palpáveis e comprovados, em resultado da intervenção generosa dum antigo conselheiro de Estado, que lhe requestára com retumbante exito a mulher, e que da pena que ameaçava agora traçar, num opús-

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

culo fatal, a condenação suprema dalgumas outras penas muito mais hábeis, haviam brotado em tempo, num jornal sem cotação, dois ou três artiguinhos crivados de êrros de gramática...

Lisboa, 1923.

MILÚ, A INGÉNUA

Milú — gentil diminutivo usado pela mais graciosa das burguezinhas ricas — tem dezoito anos, loiros e risonhos como o sol de Abril, e é simultaneamente travessa e sentimental. Apesar do seu character vivo e caprichoso, possui a adorável e rara qualidade de ser ingénua.

Há oito dias, estavam eu e ela em Lisboa; fui fazer-lhe uma visita e anunciar-lhe a minha partida para o Alentejo. Milú recebeu-me no seu pequenino quarto mobilado a plátano e guarnecido com cortinados de tule-creme, mostrando uns grandes ares preocupados e perplexos.

MILÚ (*depois de nos abraçarmos*) — Ai, Mimi, tiveste uma grande idéa em vir. Estava mesmo precisada de ti!

EU (*pressurosa*) — O' filha, estou á tua disposição. Conta lá o que te preocupa.

MILÚ (*gravemente*) — Então, ouve. E' a respeito da vida aborrecida que eu levo. Tu sabes que eu gosto muito do José, que o adoro, que quero casar com êle, etc. Toda a gente sabe isso. Mas sabes tambem

que êle só daqui a dois anos deixa a Escola Médica e que isto de passar ainda vinte e quatro meses a escrever e a receber aquelas cartinhas que tu conheces, sem qualquer outra espécie de distração, a não ser uns bocadinhos de tagarelice com êle, é uma coisa que me vai maçar atrozmente. Todos sabem que eu não danso em parte alguma, porque o José não dança e não me deixa dansar com outros. Não vou ao teatro senão quando êle vai, porque, de contrário, escandalisa-se e diz que não comprehende como uma noiva se sinta bem em divertimentos onde o seu noivo não esteja. Cá em casa são doidos por êle, e dão-lhe razão em tudo. E eu, francamente, não me sinto com coragem para passar os meus dois ultimos anos de solteira assim nesta insipidez. Quero divertir-me um pouquinho, acabou-se! Parece-me que tenho direito!

EU — E então? Já descobriste alguma fonte de distrações compatíveis com a tua situação de noiva...?

MILU — Sabes de que me lembrei? De arranjar um amiguinho daqueles de que falam os romances e como a Isabel diz que há em Inglaterra. Ela ainda se escreve, até, com dois dêles. Lá, as raparigas convivem com os rapazes, á vontade, mesmo sem haver namoros, e êles tratam-nas, a elas, como irmãs. São os seus confidentes e divertem-se assim grandemente.

EU — Já percebi, mas isso é muito difficil de encontrar... Já arranjaste?

MILÚ — Não foi bem isso que arranjei, mas, em todo o caso, estou contente. Foi em casa do tio Eduardo. E' um amigo dêle. Mas olha que podia ser meu pai!

EU — E' velho?!

MILÚ — Não, velho não é; é... assim, assim. Mas, já vêes, comparado comigo...

EU — E' bonito?

MILÚ — Qual bonito! Para que havia de ser bonito, não me dirás?! E' até muito feio, mas engraçado e simpático a valer. Tem o cabelo grisalho, ondeado e puxado para traz e nunca deixa as polainas. Tem até melhor figura de que o José.

EU — E o que te diz êle?

MILÚ — Ora! Diz que eu sou um amor, uma bonequinha e mais coisas... Quando vamos a casa do tio Eduardo, vai sempre para o pé de mim conversar e, como o José nunca lá vai, delicio-me ouvindo-lhe dizer coisas bonitas.

EU — Então, deves estar satisfeita! De que conselho é que precisas? Não entendo!

MILÚ (*indecisa*) — E' que êle... escreveu-me (*olhando para todos os lados, receosa*) escreveu-me, ontem. Cá em casa não sabem, é claro; julgam que

a carta foi do José. Nem eu quero que saibam, se não havia o bom e o bonito, porque ainda que eu jurasse que não há aqui mal nenhum, não me davam crédito. Eu estou mas é muito preocupada por não saber o que lhe hei-de responder. Preciso de que me ajudes!

EU — Estou pronta, mas primeiro preciso ler a carta dêle.

MILÚ — Vou buscal-a! (*Vai espreitar á casa contigua, fecha novamente a porta e dirige-se para a pequena secretária. Está um calor sufocante. Refresco-me com o leque. Uma rosa chá, a murchar, debruça-se melancólicamente dum solitário. A vizinha do segundo andar gorgéia uma canção andaluza, acompanhando-se a um piano escandalosamente desafinado*).

MILÚ (*dando-me a carta*) — Lê lá!

EU (*lendo*) — «Minha amiguinha: Depois da nossa conversação de ante-ontem não pude furtar-me á tentação de lhe escrever. E aqui me tem a dizer-lhe que estou ansioso por principiar a cultivar consigo uma afeição intensa mas suave; quando mais não seja, uma simples *amitié amoureuse*...»

MILU (*interrompendo*) — Isso aí é que eu não percebo bem... Tu entendes?

EU — Um pouco. Mas deixa vêr o resto. (*Conti-*

quando a lêr) «Vamos arranjar um lindo canteiro para cultivar essa planta tão rara? Depende só de si! Mas precisamos fazer uma cultura inteligente, de maneira que toda a planta daninha de sensaboria, que costuma nascer nesta especie de culturas, seque e se queime logo ao desabrochar. Quere experimentar? E' boa jardineira? Diga-mo, sim? Para a nossa cultura aí vai o primeiro beijo...» (*interrompendo-me*) O quê?! Ele escreve isto?!

MILU (*a rir*) — Isso é brincadeira! Que te parece?

EU — Parece-me que não se pode ser mais galantemente atrevido... Vamos ao final. (*Continuando*) «Plante-o onde mais gostar...»

MILU (*a rir*) — Póde ser na extremidade das minhas unhas rosadas... artificialmente!

EU (*continuando*) — «Escreva-me para o Hotel Borges...» (*dobrando a carta*) O resto já não interessa.

MILU (*ansiosa*) — Então? que hei-de eu responder?

EU (*pensativa*) — Não sei! (*ficamos a olhar uma para a outra, silenciosas, como duas bonecas de Saxe*) Olha, Milu, eu, no teu lugar, escrevia uma carta a desculpar-me, dizendo que havia certas razões que me não permitiam cultivar a tal *amitié amoureuse*, que era ainda muito nova, que tinha noivo, etc., mas que não deixava de o estimar como a um bom amigo...

MILU (*contrariada*) — Isso não quero! Não tinha graça nenhuma! Voltava outra vez á mesma monotonia, não?! Eu quero divertir-me um bocado, ás escondidas, já te disse. E tambem já te disse que elle parecia meu pae! Que mal há nisto?!

EU (*gravemente*) — Pois olha, não sei que devas dizer-lhe, a não ser que lhe respondas no mesmo tom da carta dêle. Mas isso não o podes tu fazer de maneira alguma!

MILU — Porquê?

EU — Fica-te mal. Não é proprio da tua idade nem da tua posição.

MILU (*amuada*) — Pois fica sabendo que já não preciso dos teus conselhos! Sei muito bem quem me ha-de aconselhar!

EU — Quem é?!

MILU — A tia Clara. Eu gostava de responder ao meu amiguinho ainda antes de sair de Lisboa, mas, visto isso, escrevo-lhe de Entre-os-Rios. Tambem vamos para lá, eu e a mamã, já na segunda-feira. A tia Clara já lá está e arranja-se tudo! (*carinhosa*) Mas deixa estar que não fico zangada contigo!

EU (*com alivio*) — Acho tudo muito bem! Mas porque é que tu dizes que a tua tia Clara é que é capaz de te aconselhar nestas coisas?

MILU — Ora! Porque ella ás vezes conta-me o que

DUMA MULHER DA EPOCA

fazia quando era solteira. Chegou a ter cinco namorados ao mesmo tempo! Uma vez até fumou um cigarro no pavilhão da quinta do tio Eduardo!

EU (*ironica*) — Então estás salva! E, se me dás licença, vou cumprimentar tua mãe e retirar-me, depois. Preciso fazer os meus preparativos de jornada, como tu.

(*Levanto-me. A rosa-chá deixa cair as primeiras pétalas. O calor aumenta. A vizinha de cima torna agora irreconhecível o mais insipido dos fados de sala. Saímos do quarto.*)

* * *

Recebi, ontem, um lindo postal, datado de Entre-os-Rios, em que a minha querida Milú me escreve, compungida:

«Querida Mimi: Afinal, a tia Clara repreendeu-me asperamente por causa da tal carta que tu sabes; fez-me rasgar, disse-me que eu não tinha juizo e ameaçou-me de que contaria á mamã qualquer outra coisa deste genero que se passasse comigo e de que tivesse conhecimento. Estou tristissima. Um abraço.
Milú.»

Lisboa, 1923.

O PROBLEMA

Dinora, em frente ao grande espelho oval, dava um geito ao penteado, inspecionando, ao mesmo tempo, o estado do seu *maquillage*.

Margarida conservava-se sentada no amplo *fau-teuil*, perna traçada, um dos cotovelos fincado no joelho, olhar vago, ar absorto. *Zázá*, a cadelinha negra, deitada aos pés da dona, seguia com os olhos vivos um minuscuro insecto que volteava pelo ar. Na estante do piano via-se, aberta, uma peça de Moszkowski e a um canto do sofá jazia, esquecido, um livro de Blasco Ibañez, cuja capa mostrava uma tricromia, exótica.

Dinora punha uns ligeiros toques de carmim na face delicada, tendo tirado da pequena bolsa de brocado uma primorosa caixinha, auxiliar preciosa da sua coqueteria de mulher bonita. Ao vêr reflectida no espelho a atitude pensativa da amiga, sorriu.

— Tu hoje pareces muito preocupada, Margarida — disse — Deves ter que desabafar. Eu vim passar o dia contigo, não só para me distrair mas também para te servir de alguma coisa e, no meu papel de confiden-

DUMA MULHER DA EPOCA

te, cá estou esperando as tuas revelações... Apesar da incredulidade dos homens no que respeita á discreção da mulher, não resta duvida, de que qualquer de nós tem sabido ser para a outra uma verdadeira caixinha de segredos impenetravel para os estranhos, uma espécie de cofre de ferro, forrado com o mais macio dos veludos. O ferro para os outros, o veludo para nós.

Margarida aprovava, meneando a cabeça. De repente, desatou a rir.

— E olha que não teem sido banaes muitas das confidencias que eu te tenho feito — respondeu —. Só a ti as faria, porque és a unica das minhas amigas que pode comprehender-me.

— A nossa antiga convivencia tem grande parte nesta mutua confiança. Ora espera: ha quanto tempo nos conhecemos nós?

— De cabeça não posso fazer a conta, minha querida. Nem sei mesmo se conseguiria fazel-a com lápis e papel... Conheces a minha inteira incapacidade para a aritmetica, incapacidade que, afinal, nunca até hoje me prejudicou. Não sei, francamente, com que fundamento Sydney Smith afirmou, numa carta celebre a Miss Lucy Austin, que a vida sem a aritmetica seria uma coisa horrorosa...

— Horrorosa de prosaísmo foi essa a afirmativa

que ele fez e que só uma pena masculina poderia traçar. Isso para mim é absurdo. No tempo de Adão e Eva com certeza não havia aritmética e, no entanto, eu estou convencida de que nossos pais se sentiam muito melhor, na sua ignorância, do que nós nos sentimos neste século de cinematógrafos, telefones, aeroplanos e máquinas de somar.

— Não sei se teu marido, na sua qualidade de homem moderno, aceitaria com prazer essa tua opinião...

— E que me importa que êle a aceite com prazer ou não? Mas, voltando a ti, Margarida, acho-te, como já disse, uma expressão desusada, inquieta. De que se trata?

Dinora deixára o espelho e viera sentar-se no sofá, perto da amiga. Um pouco curvada, percorria com uma das mãos, finas, esguias, o lombo sedoso de Zázá, que brincava, agachada, com um pequeno novelo de lã vermelha, encontrado a um canto.

Margarida teve uma expressão de preocupada, olhando para o tapete. Parecia que lhe custava falar. Dinora, intrigada, parára de acariciar a cadelinha e não desfitava aquela mulher caprichosa, cujas estranhas idéas a interessavam sempre tanto. Margarida, por fim, decidiu-se:

— Ouve lá: ha dois homens que me cortejam agora, ao mesmo tempo, rodeando-me de atenções e

inundando-me a casa de cartas e de flores. Não se conhecem um ao outro e, no entanto, dir-se-ia que porfiam em cativar-me...

— A grande coisa! Provavelmente estás cheia de dúvidas por não saberes qual dêles deve ser o escolhido, não? Não te conhecia essas hesitações!

— Não é isso. Não fales antes de tempo, por Deus! Ouve o resto. Um desses homens é intelectual; possui um espírito de *élite*, requintado, romântico. O outro, é um homem de belo físico, sem complicações psicológicas, cuja alegria, natural e viva, não deixa de ter o seu encanto.

— Mas, amas algum dos dois?

Margarida hesitava. Baixou a voz.

— Dinora, tu não classifiques de monstruosidade o que vou dizer-te. Sucedeu-me hoje uma coisa que nunca me havia sucedido: amo ambos, sem dúvida alguma, com a mesma intensidade.

— !!!

Margarida continuava:

— Toda a mulher cria, no seu intimo, um tipo ideal de homem e eu, como as outras, construí, dentro do meu espirito, um ideal complexo, mixto de qualidades e defeitos, que me daria completa felicidade se porventura eu o encontrasse. Mas, minha querida, fiz ante-ontem vinte e nove anos e já me convenci de

que só um homem que possuísse, reunidas, as características de três ou quatro poderia dar inteira satisfação ás exigencias deste meu insubmisso feito. Obstinando-me em esperar por esse galã fenomenal, arriscar-me-ia a ir envelhecendo, sempre insatisfeita com os episodios mais ou menos excentricos da minha vida. Dá-se o caso de encontrar, hoje, dois homens de caracter diverso, cujas qualidades e cujos defeitos formam exactamente o conjunto de que eu necessito. Quando oiço as palavras brandas e fantásticas dum, ocorrem-me logo, como complemento, as frases alegres, precisas, do outro ; quando mantenho um dialogo vivo, terrestre, com aquele que te descrevi em segundo logar, sinto imediatamente a falta da imensa ternura espiritual do primeiro.

«Logo que descobri que gosta va muito de ambos, enfureci-me contra mim propria e quiz convencer-me de que necessitava fazer uma escolha ; mas tive de confessar, intimamente, que qualquer dos dois, isolado, me causava a impressão d'um espelho baço em que a minha imagem não pudesse reflectir-se. O que quere dizer que ao fino cristal que um representa é preciso adaptar o aço forte representado pelo outro. Só assim eu poderia obter um espelho solido e cristalino, onde a minha vaidade, o meu espirito e o meu coração se mirassem conjuntamente, com prazer.

— Margarida, tu tornas-te imoral e arripias-me, — disse Dinora.

Margarida ria, nervosa ; Dinora prosseguiu :

— Como querias tu que eu não classificasse de monstruosidade uma conclusão como a que acabas de tirar ? E' admissivel que uma mulher inteligente e de gostos elevados, como tu, se embrenhe em tão abominavel teoria ? ! Tens de renunciar a essas extravagancias, minha querida, e é triste que seja eu, que sou muito inferior, sob todos os pontos de vista, quem tenha de dar-te conselhos razoaveis.

— Tu não me disseste, um dia, que achavas naturalissimo que um homem amasse, ao mesmo tempo, tres ou quatro mulheres, das quais uma poderia ser bela, outra inteligente, outra . . .

— Mas isso são *eles* !

— São eles ? ! E nós não devemos ter os mesmos direitos ?

— Olha, Margarida, tu chama-me burguesa, como aquela *madame* Ferreira dali defronte ; classifica-me de pobre de espirito, como a filha do bacalhoeiro da esquina ; apoda-me de banal e vulgar, como quizeres, mas não tentes convencer-me de que uma mulher póde, dentro das leis do sentimento, dividir o seu amor por dois homens. Isso é impossivel e tu tens ou de escolher um dos dois ou de renunciar a ambos.

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

— Pois eu acho o meu raciocinio justissimo. O que me preocupa e me deve ter dado o ar perplexo que tu ha pouco notaste, é não encontrar a maneira de resolver este problema, de pôr em pratica, com tacto e habilidade, a teoria que tanto te scandalisa.

— Se essa teoria é absurda, Margarida! Nem tu a poderias pôr em pratica! Reflecte, pensa bem.

Margarida deitára para traz a cabeça fina e perversa, fitando no tecto os grandes olhos. Zázá, enroscada no tapete, dormia tranquilamente, já indifferente ao esvoaçar do pequenino insecto e ao novelo vermelho, abandonado a meio da casa. Dinora, fazendo girar com o indicador um cestinho de prata que estava sobre a pequena mesa redonda, perguntou, repentinamente, após alguns momentos de silencio:

— Então, Margarida, em que pensas?

— No que me disseste ha pouco. Com poucas palavras me convenceste! Tens razão. Estive fazendo a minha escolha.

— Catavento! Mas ainda bem que concordas comigo. Por qual te decides? Pelo *bel esprit*?

— Não, pelo outro. Deve ser mais divertido.

E indo sentar-se ao piano, principiou a tocar, de cór e com ar travesso, um *fox-trot* buliçoso.

Lisboa, 1923.

F O L H A S D E O U T O N O

(D I Á L O G O E N T R E
O C O R A Ç Ã O E A R A Z Ã O
D U M A M U L H E R)

A R A Z Ã O

— Porque choras ?

O C O R A Ç Ã O

— Porque morreu o meu maior amôr.

A R A Z Ã O

— Ah !... Que alívio para mim ! E de que morreu ?

O C O R A Ç Ã O

— Á mingua de emoções...

A R A Z Ã O

— Quem o matou ?

O C O R A Ç Ã O

— O hábito e o cansaço.

A R A Z Ã O

— E sentes uma tão profunda mágoa ? ! Devias

exultar, como eu exulto, por ficares liberto dêsse sentimento absorvente, sufocante, que plenamente te preencheu, em tempo.

O CORAÇÃO

— Pois se a unica razão de existir, para aquela cujo delicado côrpo completamos, é o amôr, e se sempre a minha influênciã sobre ela tem sido incomparavelmente maior do que a tua, se nêste momento as lágrimas lhe brotam dos olhos lindos com a mesma abundancia com que dantes os beijos lhe brotavam da bôca vermelha, como não hei-de chorar, tambem torturado, ao reconhecêr-me na mais completa impotencia de fazer refflorir êsse amôr?!

A RAZÃO

— Mas se sofreste imensamente, enquanto êsse amôr viveu, como sofres agora, que já não o sentes?!

O CORAÇÃO

— E como póde a razão mais lúcida explicar os mistérios dum coração de mulher?

A RAZÃO

— E' verdade isso que dizes, embora um tanto humilhante para mim... Mas ainda bem que já posso falar, reflectir, trabalhar, o que não succedeu enquanto

DUMA MULHER DA EPOCA

durou em ti êsse sentimento cuja morte deploras e que me aniquilava, imperando despóticamente no sêr encantador de que fazemos parte... Estou radiante!

O CORAÇÃO

— E estou inconsolável. Lembrar-me de que tanto vibrei, de que tão intensamente vivi, de que fui susceptível das maiores dedicações, dos mais estranhos sacrifícios, dos mais loucos impulsos, e encontrar-me agora vasio, árido, espreitado de perto pela dúvida e arrefecido pela ingratidão, não será doloroso, indissimelmente doloroso ?!

A RAZÃO

— Não sei...

O CORAÇÃO

— E, é desoladôr. Tu dissêste-me, há pouco, que sofri durante o tempo que viveu o grande affecto que nêste momento chóro; sofri, sim, mas quem me déra outra vez êsse sofrimento ! Porque é muito melhor sofrer por amôr do que sofrer pela ausência de afeições. Antes mil vezes as perturbações duma paixão do que a impressão desconsoladôra do vácuo, da aridez... Que pêna, que pêna imensa a de não poder dar nova vida a um affecto morto, fôsem quais fôsem as consequências dessa ressurreição !

A RAZÃO

— Vejo, com efeito, que a recordação dêsse sentimento extinto te agita ainda, mas lembra-te de que, tendo sido o teu maior amôr, não foi o teu único amôr... Recordo-me bem doutros que mais ou menos te têm perturbado; sei de mil febres amorosas, de curta duração mas de grande violência, que me obscureciam e manietavam, sem que eu pudesse reagir...

O CORAÇÃO

— E' certo, tudo isso tenho sentido. E é tão triste vêr crestados pelo sôpro ardente da Vida, cortados pela foice cruel do Desengano, os tenros e viçosos rebentos dum coração todo amôr, todo ternura!...

A RAZÃO

— E talvez, tambem, todo capricho... (*O coração finge não ouvir. Silêncio prolongado*).

.....

O CORAÇÃO

— Tantos sonhos lindos arrebatados pelo vento agreste da desilusão...

A RAZÃO, *num repente de gaiatice:*

— Que te constipou...

DUMA MULHER DA EPOCA

O CORAÇÃO, *amuado* :

— O momento não é para gracejos.

A RAZÃO

— Deixa essas reflexões pessimistas. Largos anos de mocidade te esperam ainda e, se bem que a meu pesar, novos amôres te esperam também...

O CORAÇÃO, *esmorecido* :

— Talvez... para terem o mesmo fim... para acabarem, murchos, sêcos, dispersos pelo vento!

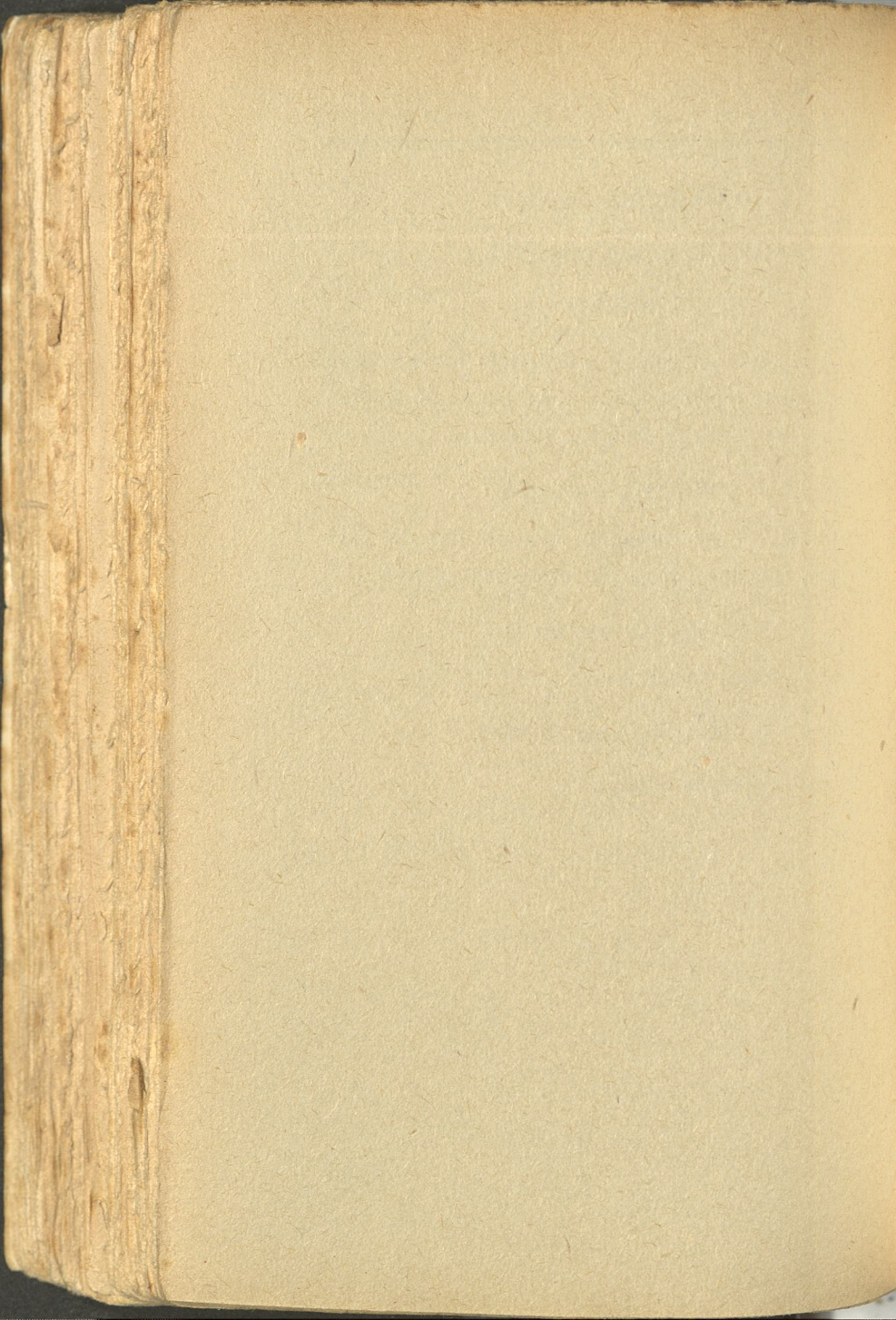
A RAZÃO, *pensativa* :

— Como folhas de outono.

O CORAÇÃO, *num suspiro* :

— Como folhas de outono...

Lisboa, 1923.



C A R T A S
F E M I N I N A S



O V E N E N O D A I N V E J A

Minha querida Lúcia: — Inquietou-me deveras a tua carta de ontem.

Recebia-a esta manhã, precisamente quando iniciava os meus trabalhos quotidianos de toucador. Entre parêntesis: não te admires de que eu classifique de *trabalhos* os cuidados de *toilette*, que todas nós reconhecemos como uma obrigação fundamental inerente à nossa qualidade de mulheres. Eu penso até, que se lhes deveria chamar *trabalhos forçados*. E isto por inúmeras circunstâncias que não irei desfiar agora, visto não ser êste o momento próprio para falar dessas coisas tremendas a que os homens chamam futilidades e que, sendo o nosso pedestal, são também o nosso calvário.

Foi, pois, entre um raio de sol e uma nuvem de pó de arroz, que eu mergulhei a vista na tua prosa afflictiva. A carta vinha toda impregnada dessa «espécie de neurastenia» de que te queixas e que é, em ti, afinal, uma doença crónica, de repetidas, repetidíssimas

crises, como essa que te acabrunha agora. Afirmas não encontrar, por mais que interrogues o teu espirito, causas para tão intenso sofrimento; eu, que tão bem te conheço e há tantos anos, pensei, pensei — e julgo tê-las encontrado. Médica espiritual da tua psicologia ingrata, apresso-me a dizer-te que o teu mal é, talvez, susceptível de cura.

Investigando mentalmente, recordando factos, reunindo indícios, conclui, minha adorável Lúcia, que essas crises agudas coincidem sempre — é infalível — com qualquer triunfo, grande ou diminuto, de alguma amiga tua; um ligeiro ou sensível progresso de ordem material, um átomo impalpavel de felicidade; um passeio ao Bussaco, um vestido modelo; bagatelas, enfim, que assumem, para ti, proporções esmagadoras.

Interroguei-me, inquieta. Não, não devia tratar-se de mim. Na minha vida não houve, ultimamente, a menor alteração. Não tive herança alguma, não adquiri novas *toilettes*, ainda êste ano não viajei... Se tens, minha querida, qualquer apreensão sôbre o alfinete cravejado de pedras rôxas, que noutro dia viste na banda do meu casaco, calma o teu sobressalto: trouxe-o de Paris, o ano passado, mas é falso, falsissimo; custou-me trinta francos numa lojinha encantadora do *Passage Jouffroy*.

Lembrei-me, então, das nossas amigas comuns. Recordei-as, uma a uma, passando-as em revista mental. E no meu cérebro, ofuscado, surgiu o clarão da evidência. Julieta mandou vir, há pouco, dois vestidos da Régny; Almira renovou o mobiliário da sala de visitas; e, para que a tua desdita chegasse ao cúmulo, o marido de Terezinha subiu um ponto na hierarquia burocrática.

Como deves ter sofrido, minha pobre Lúcia! Ante êsse feixe de más notícias, a tua alma sangrou, decerto, tanto como o corpo de S. Sebastião sob a chuva de fléchas que lhe valeu a palma do martírio e a bemaventurança eterna. Compreendo, compreendo. Mas é forçoso readquiríres o sangue frio. Domina êsses nervos. Está um dia lindo. Se soubesses que delicioso perfume chega, até mim, vindo das madresilvas do terraço! Isto é... enganei-me... Parece-me que os vizinhos são quem verdadeiramente gosa o perfume das minhas madresilvas. E talvez, até, elas já estejam sêcas... Perdôa. Não me lembrava de que não tens flores nem terraço. A gente, ás vezes, comete destas *gaffes*.

Tranqüilisa-te. O que precisas, antes de tudo o mais, é convencer-te de que o facto de invejares assim furiosamente todo o mundo, tem, como consequência única, o prejudicar-te, amarelecendo-te as faces, ca-

vando-te os olhos, roubando-te o sono — e fazendo sorrir os outros.

O velho proverbio «Nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dêle morou», só na primeira parte pode considerar-se exacto, porque é certo que os invejosos não florescem. «Quem ao pé dêle morou» quer dizer, porém, os invejados. E os invejados florescem lindamente, formidavelmeate, como roseiras em Maio, como cravos no S. João.

Dir-se-ia que o fluido malévolo que em tôrno dêles paira, tem, ao contrário do que poderia supôr-se, propriedades adubantes, fecundantes, para desespero do próximo ruim, que desejaria vê-los sequinhos, mirrados como ramículos de carqueja velha.

Reflete, interroga as tuas reminiscências, recapitula as tuas sensações e serás forçada a concordar comigo.

Urge, pois, estrangulares a maldita serpente da inveja, que te corróe o espírito, que te arruina corpo e alma — sem prejuizo para mais ninguem. Foi para ti um agudo golpe a exhibição dos dois modelos da Régny em que Julieta — feliz Julieta! — envolve, alternadamente, o corpinho ondulante? Pois bem, toma a desforra: corre a qualquer loja de modas de terceira ordem, escolhe um tecido de algodão de oito mil réis o metro, mas cujo estampado seja lindo; faze tu própria um vestido, segundo qualquer figurino gracioso

so; veste-o com naturalidade e elegância; sorri, procura ser benevolente. O que é a vida senão uma longa série de sacrifícios?

Se souberes ser encantadora, simples, suprimindo pela graça o que te falta em opulência, até a própria Julieta se convencerá de que não vale a pena encomendar vestidos da Régny.

Almira renovou, ostentadamente, a sua sala de visitas? Os polimentos reluzem? As côres dos tapetes e dos estofos são frescas, vivazes, recordando a cada instante o Alcobia e o Castanheira? Tu, que não podes fazer outro tanto, não debes considerar-te em pior situação. Povôa de flôres as tuas jarras, substitue os cortinados por outros mais garridos, arranja um novo e vistoso bibelô. Em tua casa haverá mais encanto do que em casa de Almira, que está longe de ter bom gôsto e tem sempre viuvos, desolados, os seus jarrões custosos.

Há ainda o salto, aliás bem pouco extenso, com que o marido de Terezinha atingiu mais um grau do petipé resvaladiço da repartição. Mas como não depende de ti fazer com que a teu marido suceda outro tanto e o despeito que te devora é sentimento infundido, o mais acertado será resignares-te e esquecer — como as nobres heroínas dos romances a fascículo.

Estou vendo, daqui, surpresa nos teus olhos vade-claros, nêsses olhos que investigam furiosamente a vida alheia, inventariando-a sem piedade. Adivinho que pensas, nêste instante: — «*E' que eu naici para viver em cenários de alto luxo, para envergar vestidos preciosos, para me cobrir de joias esplendentes, para levar uma vida de princesa milionária; nada disso possuo; e não me resigno a saber que outras, que não valem mais do que eu, têm tudo ou parte disso...*» Pensas assim, não é verdade, Lúcia?

Mas quási todas nós nascemos — ou julgamos ter nascido — para a grandeza e para a beleza. E como somos geralmente impotentes para alcançar a grandeza e a beleza pelo seu lado material, resta-nos um recurso, filão maravilhoso de alegrias sãs e legítimo orgulho. Êsse recurso consiste em *sentir e praticar* coisas belas e elevadas, cultivando em nós mesmas a ternura, a generosidade, a indulgência, o amor pelos que sofrem. Isto é belo, é grande; e é, também, útil e fecundo.

Experimenta. Procura aplicar à tua alma envenenada o antídoto salvador que te aconselho. Eu sei que semelhante propósito é difícil de realizar por quem, como tu, se preocupa mais com a vida exterior do que com a vida íntima. Não posso deixar de sorrir ao supor-te torturada pela recordação do Rolls-Royce de

Almira, a tentares interessar-te pela mulher da *cave*, que é pobre, está doente e tem quatro filhos pequenos, ou pela ninhada de gatitos sem dono que solta, no quintal próximo, uns miaus aflictivos... Exclamarás, então: — «*Meu Deus! Como custa ser boa!*»

O hábito pode muito, porém, neste mundo de fraquezas. E eu julgo que, exercitando a tua fôrça de vontade, conseguirás preocupar-te muito menos com os triunfos fictícios de algumas mulheres, se te propuzeres vencê-las, por tua vez, à custa de muita despretenção, de muita generosidade, de infinita gentileza...

Demais, passar uma existência inteira a invejar e detestar os outros, deve ser muito fatigante.

Estuda bem a tua alma, minha querida Lúcia. Estou certa de que, se porfiares em seguir os meus conselhos, conseguirás exterminar a «espécie de neurastenia» que te empalidece a epiderme, te rouba o repouso noturno e faz sorrir maliciosamente as tuas e as minhas amigas...

Lisboa, 1929.

F O R T E . . .

Minha querida Tia :

A sua carta, que recebi por intermédio da madrinha Amélia, cheia de meigas censuras, aquelas cujo segredo é só seu e parecem acariciar-me ao mesmo tempo que me causam remorsos por ter passado — quasi um ano! — sem lhe escrever, teve, como vê, uma rápida resposta. Aí, nesse Algarve de clima suave e temperado, na sua vida calma, tranquila, nunca poude, decerto, suspeitar que terríveis commoções têm agitado, de há um ano para cá, a existência da sua Lili, pois para si, santa guiadôra da minha infância turbulenta, eu nunca deixei de ser a Lili de cabelos encaracolados, viva, travêssa, á qual, depois de morta a minha pobre Mãe, de quem mal me lembro, ensinou carinhosamente a dizer as primeiras orações !

Tenho sofrido muito, muito ! Mas agora já vou esquecendo, a pouco e pouco, os meus sofrimentos, embalada por um atecto intenso, animador, que os

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

compensa tanto quanto possivel. E vou, pois, contar-lhe tudo.

A minha Tia sabe bem que eu, casando aos dezanove anos incompletos, quando fazia da vida uma idéa errada, na minha inteira inexperiência das coisas do mundo, obedeci mais aos conselhos da familia, aos desejos de meu Pai, do que propriamente á inclinação da minha alma. Levei nove anos de vida tranquila mas banal, sem alegrias de coração, embora tambem sem grandes desgostos, na convivencia de meu marido, homem correcto e de character digno, mas tão frio, tão concentrado, que muitas vezes se me gelou nos lábios o beijo terno de esposa amorável, que corria a dar-lhe quando êle entrava em casa. Descaíam-me os braços que ia a erguer para um affectuoso amplexo...

Todos os meus caprichos eram satisfeitos, compradas todas as joias que eu desejava. Nunca me faltou dinheiro para dispender em bagatelas, destas que fazem o encanto de todas as mulheres novas e garridas. Frequentava todos os teatros, assistia a todos os concertos mundanos e não raras vezes as portas de nossa casa se abriram a visitas elegantes que tomavam chá ou jantavam e com as quais se improvisavam pequenas recitas e outros divertimentos. Mas o meu espirito continuava insatisfeito, descontenten-

te, ambicionando sempre qualquer coisa de ardente, de grande, que parecia não chegar... E, no entanto, eu não sentia sêde de aventuras, não desejava realisar na vida qualquer romance lido na adolescencia; era fiel, escrupulosamente fiel, a meu marido. Lembro-me bem de que uma vez, tendo ouvido, durante um baile dado em casa duma amiga minha, alguns galanteios ousados da parte de um homem que tambem frequentava a nossa casa, lhe voltei desabridadamente as costas, depois de lhe ter formalmente proibido que voltasse a vizitar-me...

Mas um dia, veio, minha Tia, em que amei, amei violentamente, com todo o entusiasmo da minha alma impetuosa... E houve, então, uma luta atroz entre o coração e a consciencia dos meus deveres de esposa. Pensei, lutei! A minha consciencia era tão firme e o sentimento da minha dignidade tão profundo que me convenci de que, devendo tôdas as minhas comodidades, todo o meu luxo, tôda a consideração que disfrutava, a um homem de bem, que depositava em mim uma confiança ilimitada, seria uma mulher indigna, merecedora do maior desprezo, se o enganasse, enlameando o nome que êle me déra e dando largas á minha paixão por outro, ao mesmo tempo que representaria uma torpe, repugnante comédia, continuando a viver sob o mesmo tecto dêsse homem!

— Nunca farei tal! — disse comigo. E empreguei, então, esforços sobre-humanos para sufocar aquêlê amor que criára em tão pouco tempo tão sólidas raizes. Foi inutil... Se a consciencia se impunha, o coração ordenava... E tive de ceder a essas simultaneas influencias.

Uma manhã, depois duma noite de febre, de receios, de mil angústias, tendo tomado uma resolução, entrei no gabinete onde meu marido trabalhava. Sentei-me ao pé dêle e, agarrando-lhe uma das mãos, expuz-lhe, num grito de alma, tudo o que se estava passando no meu íntimo. Disse-lhe que tinha por êle o maior respeito e uma verdadeira estima; que sentia o mais vivo reconhecimento por todas as suas condescendencias e generosidades, mas que um amor subjugante por outro homem, amôr que em vão quizera reprimir, me arrastava impetuosamente, numa onda de desvario, e que preferira sujeitar-me à mágua, à vergonha de lho confessar, a iludi-lo, a atraioá-lo, abusando da sua bôa fé.

Acabei a minha confissão sufocada em choro e quasi arrependida de ter falado. Meu marido ficou frio, impassivel, e só um *rictus* da sua bôca contraída denunciava a dôr que, decerto, o estava dominando. Levantou-se e disse apenas, mostrando-me a porta: — «Disponha as suas coisas e sáia hoje mesmo desta casa!»

Quiz beijar-lhe as mãos, pedir-lhe que atentasse em que só o meu grande respeito por êle e a impossibilidade de resistir ao meu ardente affecto por outro me tinham levado áquele procedimento. Retirou as mãos e nada mais quiz ouvir, saíndo do gabinete.

Voltei para o meu quarto com os olhos cheios de lágrimas, mas com a consciencia liberta do terrivel pêso que a estava esmagando havia cinco mêses. Reuni numa pequena mala dois dos meus vestidos mais simples e mais usados, algumas roupas e diversos objectos sem importancia. Tirei os brincos de brilhantes que trazia e meu marido me havia dado e coloquei-os sobre o toucadôr; abri novamente o guarda-vestidos, despedi-me com o olhar do seu rico conteúdo que nunca mais tornaria a vestir e chamei uma criada a quem recomendei que entregasse a mala à pessoa que, por minha ordem, a fôsse buscar...

Saí, comprei o *Diario de Noticias* e procurei os anuncios de quartos para alugar. Lembrei-me, depois, de que só tinha comigo cinco mil réis e fui a casa da madrinha Amélia, contando-lhe, logo que entrei, o que tinha sucedido e pedindo-lhe emprestados cem mil réis, que depois pagaria como pudésse. Ela, coitada, deu-mos logo, sem uma palavra de censura e com as lágrimas nos olhos. Nessa mesma tarde consegui encontrar um pequeno quarto, modestissimo, onde me

alojei. Lembro-me de que estava tão alquebrada de corpo e espírito que dormi profundamente nessa primeira noite passada num humilde quarto andar, num pobre leito de ferro...

No dia imediato e nos que se lhe seguiram consultei desesperadamente os jornais, procurando trabalho, ansiosa por conseguir um logar que me garantisse o sustento. Tudo isto com os olhos turvos de lágrimas, minha querida Tia, mas orgulhosa por não ter sido ou não me considerar infame e cheia de esperança pelo meu amôr...

Ao fim de quatro dias achei ocupação diária num consultório de beleza, para ajudar a fazer tratamentos estéticos. Seis horas de trabalho cada dia, noventa mil réis por mês.

Que pungente foi esta determinação do Destino! Noventa mil réis mensais para todas as despesas duma mulher, duma rapariga que antes dispendia, só com os seus gastos particulares, cerca de quatrocentos, sem incluir as *toilettes*, especialmente custosas! Mas puz-me ao trabalho, sem perder a coragem. Arranjei uma lição de piano, duas noites por semana, e ainda passei a aproveitar alguns raros momentos de ocio, bordando *napperons* e fazendo alguma renda inglesa para uma retrozaria da Baixa.

Só depois de me ter certificado de que estas ocu-

pações, que ainda conservo, me permitiam equilibrar-me na vida, embora com dificuldade, escrevi ao causador da minha mudança de situação, que ainda não conseguira saber de mim e acorreu com alegria ao meu apelo.

Quantas censuras — quantas! — me dirigiu por eu não o ter procurado logo depois de haver deixado a casa de meu marido ! Declarou-me que não consentiria que eu trabalhasse ; disse-me que eu não poderia habituar-me a vida tão fatigante ; afirmou-me que não toleraria que eu vivêsse assim em tanta pobreza, tendo vindo dum meio regalado que, por causa dêle, deixára. Fui inflexível e proibi-lhe que tocasse de novo no assunto, jurando-lhe que de modo algum deixaria de trabalhar e ainda menos aceitaria das mãos dêle qualquer auxilio material, fôsse qual fôsse. . .

Beijou-me as mãos, com os olhos húmidos, e não disse mais palavra. Hoje somos felizes e quando á tarde, ás vezes extenuada, deixo o consultório e me encontro com êle, compreendo bem até que ponto chega a nossa mútua afeição e sinto-me mais do que compensada dos meus tormentos, das minhas lágrimas e das minhas humilhações. Bemdigo, então, aquela hora de valor e franqueza que me preservou duma vida de indignidade, de hipocrisia.

As minhas antigas amigas fingem não me vêr

DUMA MULHER DA EPOCA

quando o acaso as faz cruzar comigo e até alguns amigos de meu marido deixaram, grosseiramente, de me cumprimentar. Que me importa?! Em meio da minha voluntária pobreza, na minha situação irregular, mas conhecendo como conheço a conducta de algumas dessas mulheres e a vergonhosa tolerancia de alguns dêsses homens, sinto por toda essa gente a maior indiferença e ergo bem a cabeça quando por ela passo, pensando sempre, para meu suficiente amparo moral, o que já lhe disse, minha querida Tia: fui peccadôra, sim! — mas não desci a representar um papel ignóbil, repugnante, junto daquele a quem não podia ter amor, mas a quem tinha o dever de respeitar. E espero que o divorcio requerido por meu marido me permita, daqui a algum tempo, regularisar esta situação.

Aqui está tudo. A falta das minhas noticias, minha bôa, minha carinhosa segunda mãe, foi devida ao meu receio de afligil-a contando-lhe estas passagens da minha vida, que não podia, porém, continuar a occultar-lhe. Perdôe essa falta áquela que lhe beija enternecidamente as mãos e que para si será sempre a

— *Lili*.

Lisboa, 1923 (?)

EGOISMO...

Minha querida Almira: — Li conscienciosamente a carta em que te queixas de Vasco, o qual, depois de jeremiar longo tempo sobre a garridice e a inconstancia das mulheres, acabou por proibir os teus inocentes *flirts* com X. ou Y., personagens insignificantes que tu só utilisas quando êle está ausente e para passar o tempo.

Mas dize-me, querida caprichosa: se Vasco é um homem, como queres tu que êle não seja um egoísta? O egoísmo é tão completamente inseparável do caracter masculino como o pó de arrôz o é das nossas faces de cidadinas decadentes... E assim, ou tu renunciarás, na vida, aos encantamentos — e desencantamentos — do Amôr, o que não é provavel, visto seres, incorrigivelmente, uma acrobata audaciosa da Emoção, ou forçoso será que te habitues ao despotismo amoroso de Vasco ou doutro como êle, despotismo a que terás o talento de não obedecer, dando-lhe, no entanto, a ilusão de que obedeces...

Vais dizer-me que há homens que não são egoís-

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

tas... E preparas-te para me citar o marido — altruista e não egoísta — de certa amiga nossa, a Lila, essa que tem a obsessão das complicações de ordem pseudo-sentimental e as inventa quando elas não existem na realidade... Mas é engano, minha querida! Os homens como êsse marido complacente não são verdadeiros homens e a prova de que o não são é que tanto tu como eu os desprezamos... A verdade é que o egoísmo do homem, ás vezes tão crú, tão difficil de suportar, representa, em geral, uma modalidade do seu brio; nós é que o interpretamos mal e nos revoltamos sem razão...

Não, não me disponho a vociferar mal contra os homens, como tu desejarias que eu fizésse — porque não gosto de que êles vociferem contra nós. Resignemo-nos a aceitá-los como são, que é o modo melhor de os convencermos a aceitar-nos como sômos... E por isso te aconselho, minha querida Almira, a submeter-te, ainda que aparentemente, á tirania do egoísta encantadôr que é o teu Vasco. Posso afirmar-te que te seria intolerável outro homem, menos brioso e mais condescendente, que surgisse no horizonte do teu Capricho...

Lisboa, 1924 (?)

A I D A D E D O H O M E M

Decididamente, minha querida Aninhas, as nossas opiniões divergem sempre que se trata da melhor idade do homem — que, por seu turno, filosofa sobre a melhor idade da mulher... Tu preferes o entusiasmo, o *entrain* dos 25 anos; eu opto, sem hesitar, pela calma, pelo *raffinement* dos 40. Não me refiro, certamente, aos quarenta anos apopléticos de teu tio Gaspar, nem ás quarenta e cinco mirradas primaveras de teu padrinho Luiz — como, sem duvida, tu não pretendes exemplificar a tua preferênciã, apontando-me certos rapazes-velhos a que a doença física ou moral rouba a frescura, a vivacidade do corpo ou da alma.

Os homens não são apenas máus e péssimos, como já alguém disse — porque tambem os há bons. Poucos, é certo — e tão poucos que nem tu nem eu conhecemos um só!... Mas, enfim, há-os. E se aos 25 anos o homem é bom e generoso, aos quarenta a sua bondade e a sua generosidade, fertilisadas pela experiênciã da vida, pelo conhecimento e pela com-

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

preensão da dôr humana, muito mais se desenvolveram e frutificaram.

Se é tolo, as lições da vida ter-lhe-hão atenuado, muito ou pouco, a primitiva estulticie e, seja como fôr, vale com certeza mais do que antes ; se é espi-rituoso, a sua *verve*, ilustrada pela pratica do mundo e pela observação dos factos, terá adquirido mais fi-nura e maior maleabilidade.

Se é amoroso — de largo proveito lhe terá sido uma mocidade vivida em honra de Eros e mais am-plos se tornam os seus talentos de galanteador. Quando máu, é possível que os anos lhe tenham que-brado os impetos ruins e, quando péssimo, ficará sendo apenas máu. Assim, querida Aninhas, em mi-nha opinião os homens de 40 anos, são, em todos os casos, preferiveis aos de vinte e cinco, a idade in-grata de Adão...

Lisboa, 1924 (?)

CONVICÇÃO DE MULHER...

Os vitrais de colorido sombrio davam uma penumbra voluptuosa, vedando aos raios gloriosos do sol a entrada naquele ninho de uma mulher de gosto. Titere côr de rosa de um Destino caprichoso, Tereza escrevia, com uma pequenina ruga entre as sobran-celhas, finas e negras como traçadas a nanquim:

«..... Tenho ainda a dizer-te que João Emilio, homem em voga com quem tivéste já ocasião de conversar, se lembrou de me fazer a côrte — ao fim de três anos de nos conhecermos — e demonstrando um grande entusiasmo. O interesse — não ousou dizer o amôr — de João Emilio é quasi disputado por muitas mulheres, algumas das quais me excedem, incomparavelmente, em beleza e intelligencia. Por isso, muito me admiro de que êle, mentalidade elevada e homem atraente, esteja crivando de atenções apaixonadas uma criaturinha como eu, possuidôra apenas de algum espirito, de uns longes de elegancia e de uns cabelos ruivos com os quais a maior parte dos homens antipatiza... E' verdade que tenho uns olhos

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

rasgados, uma bôca expressiva e um pescoço de lírio — mas é também incontestavel que um narizito irregular me descontenta e que estas impertinentes sardas resistem a todos os pretensos remédios de perfumaria, transparecendo, teimosas, sob a velutina rescendente...

Quanto a cultura intelectual, estou, como sabes, em condições de compreender uma ou outra alusão á longevidade de Matusalem, ao prato de lentilhas de Esaú e aos talentos poéticos de Byron, Camões e Dante — cujas obras grandiosas aliás nunca li. Mas, se tu souesses como me sinto véxada, humilhada, inferior, junto da Maria Moniz, que cita grêgos e troianos (o Alvaro Lima afirma que ela o faz para «épater le bourgeois» e não sabe o que diz, mas eu não o acredito) e da Nelinha Sampaio, que traduz Ibsen e sabe, só pela descrição de um quadro, se êle é de Van Dick ou de Botticelli! E é por mim que João Emilio, sábio e artista que discute letras, ciencias e modas com o mesmo seguro gosto, se mostra quási apaixonado!

Mas, o que talvez te surpreenda ainda mais, minha querida e discreta confidente, é que eu não amo João Emilio nem descubro em mim o mais leve indício de que possa vir a amá-lo. Passou o ensejo propicio para isso. Nos primeiros tempos em que o conheci e

quando apenas lhe merecia a amabilidade trivial de todos os indiferentes bem educados, que fundo e secreto entusiasmo tive por êle! Houve momentos em que, involuntariamente, exteriorisei o que em mim se passava — mas êsse homem privilegiado, que reúne uma estranha agudeza de espírito a uma rara cultura, cuja frequente exhibição me deixa por vezes aterrada, tinha então outro alvo dos seus manejos amorosos... E, embora não fôsse amôr aquela minha obsessão, alguma coisa soffri, pela inferioridade que, pensava eu, me fazia passar despercebida ao seu olhar. Ainda, nessa época, a sua característica imodéstia, o seu mal escondido reclamismo, a sua vaidade ostensiva não tinham sido observados, como depois o fôram, pela minha perspicácia de mulher...

E agora, os seus galanteios, que tanto apeteci, dão-me a impressão de um licôr caro — que tenha perdido o aroma e o vigôr... Habilissimo em submeter corações de mulher, não pôde conquistar este coração de boneca — dizem — mas de boneca viva e palpitante... Se é certo que a ocasião, só uma vez na vida de cada um de nós pode entrevêr-se, deixou João Emilio fugir, á cerca de três anos, o momento feliz para dobrar-me á sua fantasia de D. Juan moderno, déstro e prudente...»

.....

D U M A M U L H E R D A E P O C A

Convicta, Tereza fechou a carta, sem perder a ruga pequenina que lhe plissava a fronte de inconstante. Mas Satan, o eterno tentador, sorriu nas trevas, cheio de esperança...

Lisboa, 1924 (?)

O ANIVERSÁRIO

Minha querida Leopoldina :

Esta minha carta, vai, sem dúvida, surpreender-te, porque há mais de oito meses que não te dou notícias minhas. Tenho estado preguiçosa para escrever e só um grande desejo de comunicar, de transmitir a uma confidente discreta as minhas mais modernas impressões me leva a fazel-o. Perdôa-me o egoísmo. Calculo que a tua vida não terá sofrido qualquer alteração e que os teus filhos continuarão também nas invejáveis condições de saude e alegria em que mos descrevias na tua ultima carta ; por isso me apressei a falar de mim, deste *Eu* soberano, dominador, despota, que absorve quasi todos os meus pensamentos. Creio que devem ser assim todos os mortaes enamorados de si mesmos, como eu.

Porque não o confessarei? E' que, efectivamente, querida Leopoldina, eu adoro-me a mim propria, admiro-me incessantemente neste meu conjuncto de qualidades e defeitos, de encantos e imperfeições. De

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

que serviria uma falsa modestia? Fico extasiada seja ao observar o meu narizito arrebitado, seja contemplando o meu pé delicado, esguio; quando considero os meus cabelos rebeldes e quando os meus labios espessos e vermelhos se refletem no espelho, num meio-sorriso provocador, de cambiantes ironicos. E tenho especial predilecção por este sorriso que me levou mezes a ensaiar e que tantos cuidados dava a meu marido, aquele bom e pacifico Alberto, morto ha já quatro anos e de quem me lembro sempre com uma enternecida saudade. Mas, basta de divagações! Vou começar as minhas confidencias propriamente ditas.

Já numa das minhas cartas anteriores eu te tinha dado a entender que uma ligação oculta estava preocupando o meu cerebro e ocupando o meu coração. Não te dei então, porém, os pormenores que hoje estou disposta a dar-te. A história da ligação a que me refiro é esta:

Fez agora, na vespera do Natal, um ano que eu conheci, em casa de minha tia Berta, o Miguel G., heroi deste período da minha vida, período ainda não finalizado, contra o que eu ainda ha bem pouco tempo supunha. Conheci-o nessa noite, pessoalmente, porque de nome já de ha muito o conhecia, tendo lido dois volumes de poesias suas, que me deixaram encantada

pela sua belesa, levemente satírica, quasi impercivelmente mordaz.

As salas da tia Berta estavam cheias de visitas, principalmente meninas que ora desafinavam em *romanças* de Tosti, ora recitavam, com inflexões falsas e affectadas, algumas das mais absurdas poesias modernas. Eu, com os meus trinta e quatro anos e na minha condição de viuva, fazia parte dum grupo formado, no vão duma janela, por duas outras viuvias ainda novas e uma dama solteira, passante dos cincoenta, cuja maledicencia me desnorteava. O Miguel, que minutos antes me fôra apresentado, acercou-se de mim e travou conversação.

Entre parentesis, minha querida e modesta amiga, devo dizer-te que julgo ter estado capitosa nessa noite, com a minha *toilette* lilaz e com os meus bandós negros que, apesar de classicos, tão bem emolduram o meu perfil irregular. O general B., homem ainda apumado e cheio de vida, dirigia-me, por vezes, olhares significativos e o Raul S., um rapazinho romantico, que estuda direito, não me desfitava, ficando verdadeiramente desolado quando lhe afirmei que as conveniencias, em geral, e a *pruderie* da tia Berta, em particular, não me permitiam dansar. Perante isto, atravessou, com ar desapontado, a sala, em direcção á Carlota M., uma solteirona bonita e garrida, com a

DUMA MULHER DA EPOCA

qual deve ter sido mais afortunado do que comigo. Mas, mesmo assim, me relanceava de vez em quando um rapido olhar.

E' curiosissima a predilecção que alguns rapazes de vinte anos têm pelas mulheres de mais de trinta. O que os atrairá em nós? Uma experiencia já formada sobre a vida ou uma capacidade de compreender e sentir as paixões maior do que a das raparigas muito novas, capacidade de que nós, sem duvida, dispomos depois dos trinta anos?

Empenhámo-nos, pois, eu e o Miguel, numa conversação sobre literatura, assunto 'obrigatorio sempre que se fala, com pouca intimidade, com um homem de letras. Não suponhas que se trata dum Antino jovem, belo, são e perfeito; o meu poeta já não é muito novo, não se póde chamar elegante, é sofrivelmente feio, um tanto dispeptico e fuma en-demoninhadamente, o que lhe agrava a inseparavel bronquite que o atormenta. Nada disto me assustou, contudo, nem alienou uma só parcela da simpatia que eu sentira por ele antes mesmo de o ter conhecido pessoalmente. E' facto provado que, para as mulheres do meu genero, os homens de talento nunca são velhos ou feios, nem têm, tambem, estado civil determinado. Longe de ser um céptico, é um sentimental de espirito amavel e de caracter muito diferen-

te daquele que os seus versos fazem supôr, o que, afinal, não admira. Tu conhecestes bem o A. C. e deves lembrar-te do seu desaforado e chocante cinismo, completamente oposto á ternura, ao espirito cândido das suas quadras, que nós, com tanto prazer, decorávamos.

A proposito do Eça, eu disse ao Miguel quanta estranheza me causara o facto de ter achado a descrição fisica e moral de Fradique Mendes, na «Correspondencia», quasi de todo identica á que Teofilo Gautier faz de Baudelaire, no prefacio de uma edição das *Flôres do Mal* e, muito interessada no dialogo, dirigi-me á biblioteca de meu tio, a vêr se encontrava os dois livros. Quando abria uma das estantes, ouvi passos e voltei-me. Era êle, que me tinha seguido dísfarçadamente e me vinha afirmar uma subita e profunda simpatia. Gostei da aventura e sorri, envaidecida, o que o animou e levou a propor-me uma *camaraderie* oculta, uma espécie de *amitié amoureuse*, cujas leis nunca seriam — oh, nunca! — desrespeitadas. Aceitei imediatamente, com alvoroço, porque bem sabes que morro por desfeitear sua Grandeza o Preconceito, ainda que apenas o possa fazer ás escondidas — por causa da tia Berta e doutras circumstancias que tu conheces bem.

A nossa aliança foi iniciada cinco dias depois, com

DUMA MULHER DA EPOCA

um jantar deliciosamente campestre, nos arredores de Lisboa, durante o qual o meu poeta se mostrou comedido e discreto até ao ponto de me irritar os nervos.

Mas o frio e a chuva apertaram, com o ano novo, e eu, viuva, livre, independente, entendi que podia, sem grandes inconvenientes, receber em minha casa o Miguel, umas vezes por outras e com tódo o recato. Vieram, então, as tardes passadas na minha salinha, tomando chá e saboreando cigarrilhas egipcias. Mas, com a continuação, enfastiei-me destes *lête-à-lête*. Principiei a achar monótono o ar de continua adoração do Miguel e, uma tarde, surpreendi-me a bocejar durante a sua vizita. Pensei em que sempre tinha ouvido dizer que os beijos podem, pela sua variedade, formar uma verdadeira e melodiosa escala — deve ser a de lá menor — e que, afinal, os dêle se pareciam todos uns com os outros. Senti-me desgostosa e essa impressão, atenuada por quasi trez meses de afastamento, no ultimo estio, voltou a acentuar-se quando, em fins de Setembro, recommçámos a frequentar-nos. Deliberei, pois, pôr termo a este estado de coisas e assentei comigo em que era inevitável um rompimento.

Dezembro começou; pouco depois, meus tios foram chamados ao Algarve, por causa da herança dos Saraivas, e eu tive a fantasia de escolher a noite de

Natal, aniversario do meu primeiro encontro com o Miguel, para lhe anunciar a resolução que havia tomado e propôr-lhe uma separação amigável. Disse-lhe para ir a minha casa nessa noite e esperei-o meia-deitada no sofá, tendo junto de mim a pequenina mesa de chá e o calorifero.

Soavam onze horas quando êle entrou; sentou-se junto de mim, beijou-me e conversámos. Pois bem, minha querida Leopoldina, talvez aches extraordinário o que vou dizer-te, mas posso afirmar-te que o meu poeta se me afigurou, naquela noite, muito mais cativante do que antes. Achei-o mais vivo, mais espirituoso; o seu olhar brilhava e os seus beijos tinham um sabor desusado.

Senti-me feliz por ser amada tão profundamente e sem que conseguisse explicar a mim própria uma tão estranha e subita reviravolta, de todo se me foi a idéa de romper e invadiu-me um repentino e intenso desejo de prolongar indefinidamente esta afeição. Quando ele me perguntou, carinhoso, se, passado um ano, nos reuniríamos tão terna e amoráavelmente como naqueles momentos, respondi-lhe, sem hesitar, que sim — e creio que, realmente, isso sucederá, convencida como estou que só de agora em diante saberei ama-lo como ele merece.

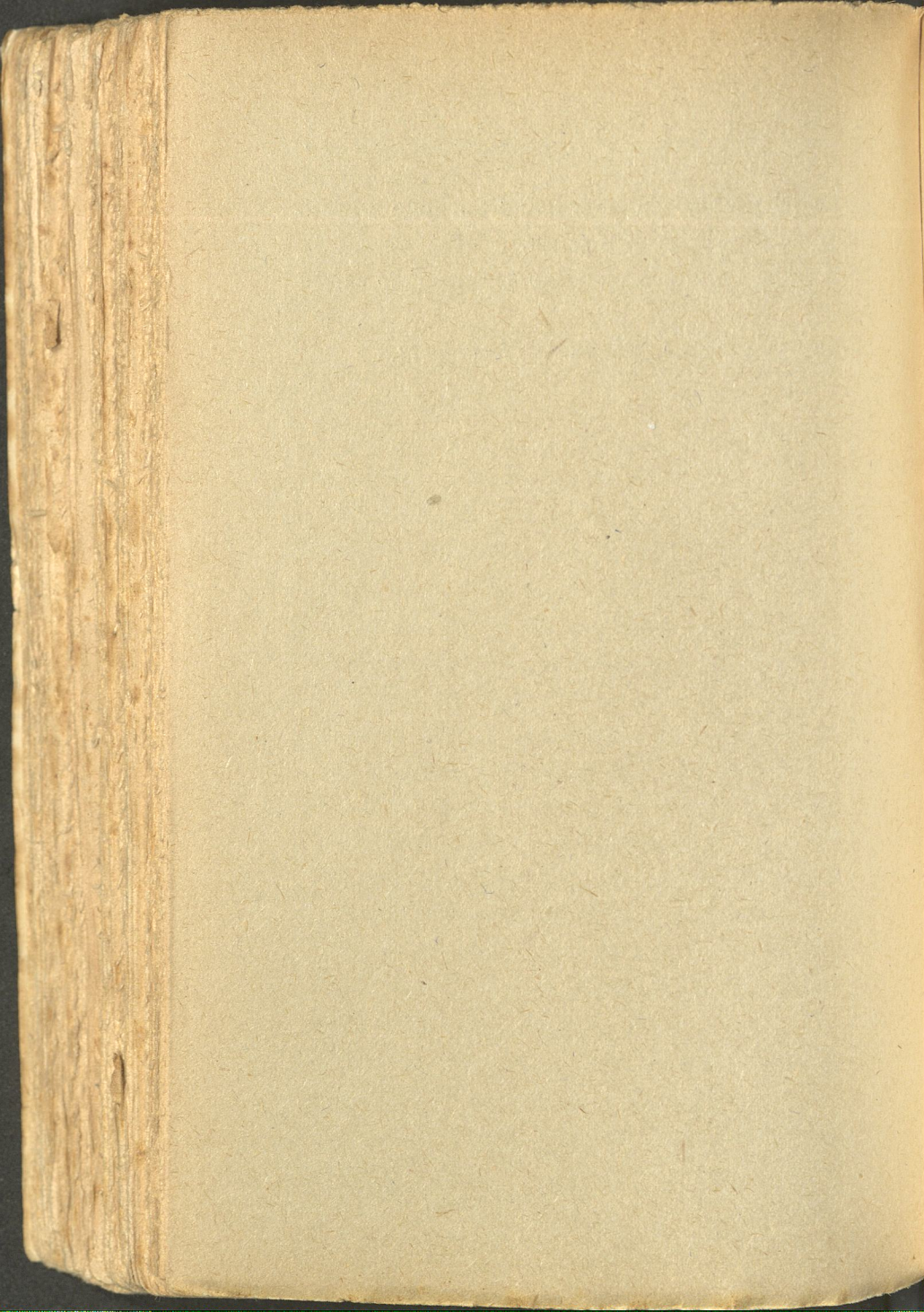
E foi isto o que me resolveu a escrever-te, nesta

D U M A M U L H E R D A E P O C A

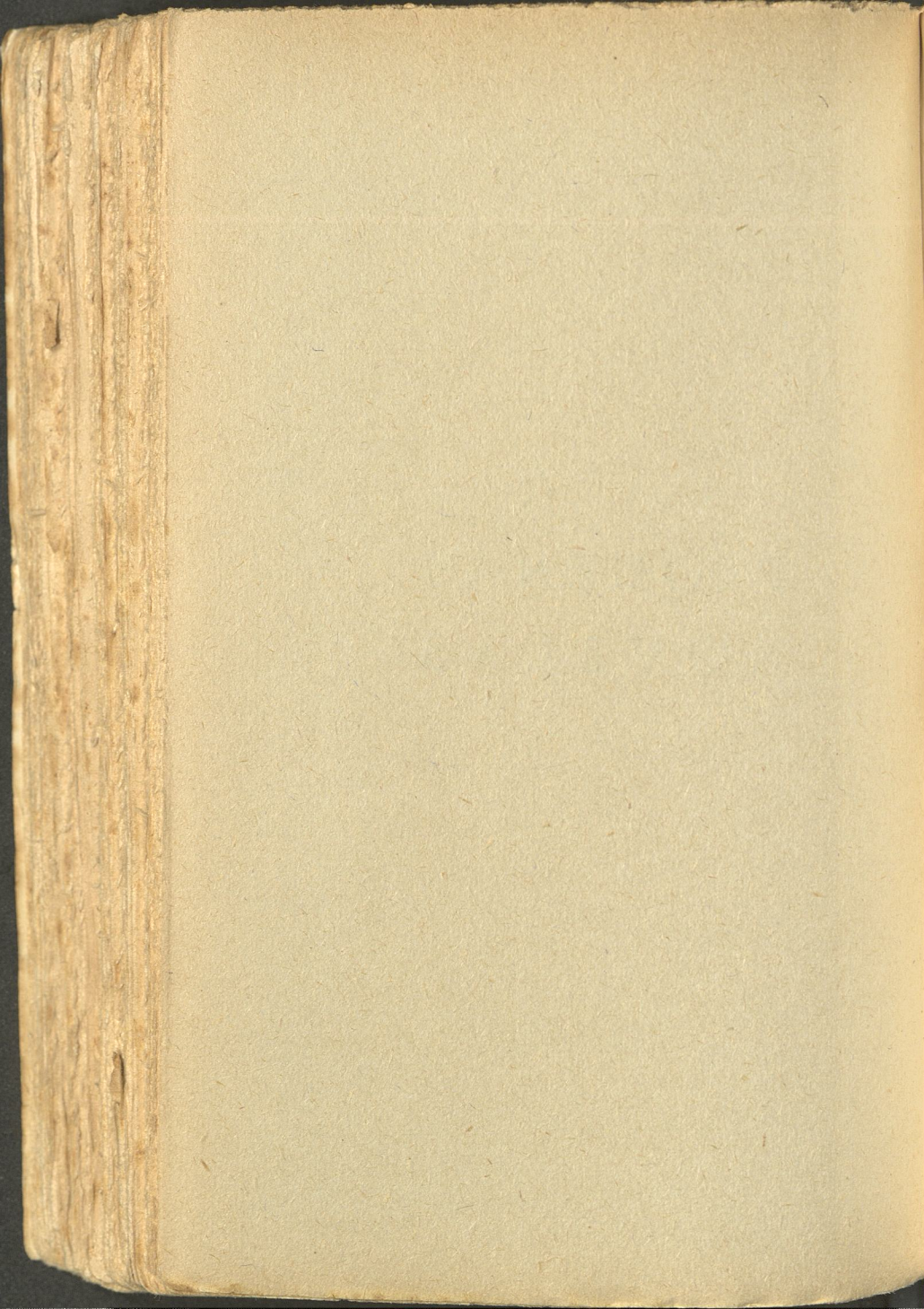
irreprimivel necessidade de expandir contigo a inesperada modificação do meu sentir, á qual, provavelmente, como eu, tu não conseguirás encontrar explicação.

Abraça-te a tua feliz amiga — *Henriqueta*.

Lisboa, 1923.



PEQUENAS
NOVELAS



O T U T O R

Antes de sair do quarto, naquela noite inolvidável, demorei-me muito tempo em frente do espelho. Recordo-me de ter ageitado a gravata e alisado com a mão os meus cabelos grisalhos. Encontrei poucas rugas no meu rosto; verdade seja que o quebra-luz, côr de laranja e preto, era muito benevolô e pouco transparente...

Minha irmã, saíra, havia pouco tempo. No outro extremo da casa, sózinha no salão de música, Lídia tocava piano. Pareceu-me que executava a «Marcha Heroica»; marcha de acordes vibrantes, intensivos, que animava os meus nervos doentes, excitando-me, electrizando-me. Caminhei para a porta, resolutô. Brotavam-me no cerebro, espontaneamente, todas as palavras que, dali a alguns minutos, deveria dizer: — «Ouve, Lídia: tu tens visto em mim, até hoje, apenas o teu tio e tutor. Vais fazer vinte anos e há oito que vives nesta casa. Pela tua cabecinha inexperiente nunca passou a ideia de que eu sou

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

um apaixonado da graça e da beleza e que, ao vêr que te metamorfoseavas de criança gentil em mulher adorável, tinha forçosamente de transformar-se em paixão exaltada o meu antigo affecto calmo, quasi paternal. Ha meses que penso fazer-te esta confidencia, submetendo-te o meu destino, tornando juiz desta paixão outonal a tua mocidade radiosa. Resolvo, hoje, dizer-te tudo. Que irá succeder? Serei sempre, para ti, o tutor que já fez quarenta anos, que te conheceu pequenina, que tem alguns cabelos brancos, algumas rugas e não poucos desenganos do mundo? Ou quererás lembrar-te de que, fazendo-me a dádiva inebriante da tua alma em flôr, serias, ao mesmo tempo, uma rainha a quem eu beijaria os pés em horas de comoção profunda, uma boneca com quem eu brincaria, infantilmente, ás vezes; um idolo a quem eu adoraria de joelhos, em momentos de amorosa devoção? A minha idade dobra a tua, é certo; mas tambem é verdade que devo morrer muito antes de ti. Poderias, talvez, depois de haver feito a ventura suprema dos meus últimos anos, gozar ainda uma segunda vida, conhecer novos amores. Não sou, bem vês, muito egoista... Seja o que fôr que penses, peço-te que me digas com a tua ingénua e habitual franqueza, porque eu aceitarei sem discutir, esmagado pela dôr ou entontecido pelo júbilo, a sentença que tu proferires».

Disponha-me a dizer tudo isto...

Deslizei pelo corredor; entrei no salão de música. Lídia já não tocava a «Marcha Heroica». As suas longas mãos premiam o teclado, plangentemente, numa canção russa, melancólica e derrotista. Fraquejou-me o ânimo, ao ouvi-la... Fechei devagarinho a porta; Lídia não me vira entrar.

Avancei, pé-ante-pé, e coloquei-me quasi por trás dela; continuava a tocar, sem dar por mim. Quiz interrompê-la, obrigá-la a cessar aquela música depressora, que gelava todo o meu *entrain* inicial. Mas não logrei pronunciar uma palavra e conservei-me imóvel, fitando imbecilmente uma jarra de velho Japão, que luzia as exóticas pinturas sobre uma estante baixa, entre duas janelas. Consegui desviar dali os olhos, que se fixaram logo, sem razão aparente, no fecho de platina que segurava, na delicada nuca de Lídia, as duas pontas do seu colar predilecto. Tornei, depois, a olhar para o jarrão; pareceu-me que as figuras que o adornavam iam crescendo, aumentando, até tomarem proporções inverosímeis. O quimono de uma delas já excedia, em muito, a superficie da jarra...

Lídia voltou a página. Fitei, de novo, o fecho do colar; de pequenino e cilíndrico tornara-se volumoso, irregular, de formas extravagantes... E eu não estava ébrio; o que me alucinava era o desespero ínti-

mo de sentir que a minha resolução de falar se desvanecia numa onda de cobarde timidez. Compreendi que se não falasse naquela noite não falaria nunca — e teria de perder Lídia, a imperatriz dos meus sonhos, que dentro em pouco abriria às tentações do mundo a sua alma a florir.

Os meus olhos subiram da nuca de Lídia ao jarrão; o quimono, de uma atenuada côr de rosa, tornára-se de um vermelho-sangue...

Lídia cantava agora uns versos franceses, adaptados à canção do Volga. E eu tive, então, a certeza enlouquecedora de que não falaria — nem naquela noite nem nunca —, de que Lídia seria de outro, sem suspeitar, em toda a sua vida, do amor insensato que eu lhe tinha. Fiz um esforço supremo, adiantei um passo — e entreabri os lábios. O meu olhar encontrou, nesse segundo, o espelho oval da parede fronteira. A luz do salão não era mentirosa, como a do meu quarto... Vi numerosas rugas em tórno dos meus olhos, vi como a fadiga me vincára as feições. Nunca tinha visto tão nitidamente, nem mesmo nos dias de mais claro sol, a devastação irremediável que me desesperava agora... Soltou-se-me dos lábios um gemido; fugi para o meu quarto, como louco. Ouvi ainda um grito da assustada Lídia.

.....

DUMA MULHER DA EPOCA

Não falei nunca — e Lídia vai casar. Envelheci ainda mais, tornei-me misantropo. Ela própria achame insuportável. Rasguei o quebra-luz côr de laranja e preto que havia no meu quarto. Trago o meu coração prêso às grilhetas do raciocínio e quando êle, insubmisso e revolucionário, se debate, corro ao espelho. Logro, assim, dominar este escravo com alma de Espartaco que mora no meu peito. O espelho é, hoje, o meu fiel, o meu único amigo...

Lisboa, 1929.

O REGRESSO

Na semi-sombra do patamar silencioso, a mão de Filipe avançou, lentamente, para a campainha. Ele pensou ainda em retroceder, já depois de ouvido o som penetrante ; mas logo uma cabeça feminina, a um tempo rude e hipócrita, surgiu atrás de meia porta subitamente aberta.

— A senhora está ?

— Está, sim, senhor. Era favor dizer o nome.

— Filipe de Macedo.

Dentro caíram as cinco horas de uma tarde invernal. Filipe sorriu, reconhecendo o relógio. A criada, no seu passo abafado de fantasma, voltou para introduzi-lo. Ao penetrar na pequena sala cinzenta e côr de rosa, que tão familiar lhe fôra, Filipe encontrou Camila aninhada entre almofadas, fumando, com o elegante desprendimento de sempre, um daqueles cigarros de ponta vermelha que êle tantas vezes lhe vira aproximar dos lábios.

— Por cá, Filipe ?

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

— Admira-se ?

— E' natural, não lhe parece ? Sente-se aqui. Tenho muito prazer em vê-lo, creia !

— Devéras ?

— Deveras.

— E' muito generosa.

— Que attitude esperava você que eu tomasse ? Queria que o fléchasse de recriminações, que lhe manifestasse rancôr e despeito ? Não sou rancorosa, meu amigo. Quando há perto de ano e meio, você me annunciou que ia casar e que a nossa ligação terminava, senti, é factó, um certo abalo — naturalissimo ao fim de uma *entente* amorosa de três anos... Mas, passada a tormenta, ressurgi para a vida — *l'amour s'en vient, l'amour s'en va* — e aqui me tem, calma, feliz e curiosa por saber o que o trouxe.

— Feliz ? Você é feliz, Camila ?

— Actualmente, sou. E creio que tenho tanto direito a sê-lo como você ou qualquer outra pessoa. Mas não falemos de mim. Que foi que o trouxe cá ?

— A minha doença.

— Nunca estudei medicina, meu amigo.

— Mas póde curar-me.

— Duvido. De que sofre ?

— Tédio da vida. Cure-me, Camila!...

— Tédio da vida ? E casado há tão pouco tempo ?

— Minha mulher é um anjo, mas já não me interessa nem mesmo como enfermeira. Conheço de cór todas as suas bondades e todas as suas puerilidades. A si, posso dizê-lo. Eu comparo o espirito dela, liso e transparente, ao vidro de uma janela: a gente ólha distraidamente para a rua através desse vidro, sem sequer pensar nêlo, nem considerar a sua utilidade.

— Mas olhe que se o vidro quebra e entra a nortada...

— Não me parece provável.

— Isso depende da temperatura que haja em casa. Nunca fiando, meu amigo.

— Eu confio absolutamente. Em minha mulher, tudo é calmo, simples, natural. Não há, no seu modo de sêr, nada que me estimule, que me perturbe, que me dê essa efervescencia cerebral que me é indispensável na vida, no amôr... Muitas vezes me tenho lembrado de si, Camila, dos seus caprichos, dos seus silencios misteriosos, dos seus relampagos de nervosa alegria, das suas ironias aceradas, dos seus assomos de paixão...

— Prodigiosa memória!

— Não ria assim, Camila. Veja que não consegui abafar por mais tempo o desejo de tornar a vê-la. Bem sei que fui ingrato para consigo, mas...

— Acho bem que tenha vindo vêr-me, mas supo-

nho que não lhe passará pela cabeça a idéa de reatar...

— Porque não ?

— Você está mais doente do que eu pensava, Filipe! O cerebro turvou-se-lhe. Então não sabe que amôr uma vez deixado é amôr envenenado ? Eu não poderia voltar a sêr para si o que já fui. Teríamos ambos a sensação de tomar um licôr dessorado, um licôr que houvésse perdido tudo: a força, a côr, o perfume... Não, Filipe, não ! Além do quê, você é casado ; deve-se a sua mulher.

— Mas oiça, Camila...

— E' assim, acredite, é assim ! Demais, visto que você appareceu, julgo ter o dever de avisá-lo de uma coisa...

— De quê ?

— Disto, que eu penso poder ser grave para si : há, entre os meus amigos, alguém que está apaixonado por sua mulher.

— ? !

— E' verdade. Um homem novo, interessante de fisico e de espirito, que pensa nela há muito tempo já.

— Quem é ?

— Não posso, evidentemente, dizer-lhe o nome. Compreende, decerto, que dêvo ser discreta. O que

posso dizer-lhe mais é isto : sua mulher sabe que êsse homem a ama.

— Sabe ?

— Sabe, sim. Êle declarou-lhe o seu affecto, quatro ou cinco mêses antes dela casar consigo. Simplesmente, já estava noiva e cumpria-lhe esquivar-se.

— Está bem certa do que diz, Camila ?

— Absolutamente certa. Bem vê, se o não estivesse não ousaria falar-lhe no assunto. Ora, aqui entre nós, Filipe, parece-lhe coisa de espantos que se você traísse o seu estado de espirito junto de sua mulher, ela se recordasse de que há um homem que a adora e pensasse que, se o tivésse desposado, seria talvez mais feliz ?

— Mas ela não póde adivinhar o que eu penso. Exteriormente, continuo sendo o mesmo.

— As mulheres adivinham sempre essas coisas, meu ingénuo Filipe. Por exemplo : Você supoz, quando me annunciou o nosso rompimento, que essa noticia vinha colher-me desprevenida ? Não vinha, não. Eu tinha já pressentido em redor de nós qualquer coisa de vago, de indefinido, de dolorosamente impalpável, mas que existia. Somos assim, que quere ?

— Pois julga que minha mulher ? ..

— Julgo, julgo ! E julgo mais que não há mulher alguma que não sinta prazer em sêr amada, mesmo

de longe. E julgo ainda que, nesta época de facilidades sentimentais e práticas, do descontentamento ao divorcio vai um passo. E do divorcio a novo casamento...

— Você tornou-se má, Camila !

— Eu ? ! Que idéa, meu amigo !

* * *

A perspectiva afunilada daquela rua solitária era cinzenta, tristonha, fechada por nuvens côr de chumbo. As casas burguesas, de ar tranquilo, dir-se-iam todas semelhantes e as cortinas das suas triplices filhas de janelas pareciam iguais. O «taxi» corria, corria pelo empedrado fóra. E logo outro surgiu em sentido inverso. Filipe debruçou da portinhola a cabeça suspeitosa. «O outro, êsse que amava sua mulher, saberia onde êles residiam ? Quem sabe se se atreveria a vir rondar a casa ?... Ou seria tudo mentira da Camila ? Ela estava mudada. Dantes parecia adorá-lo. Agora... As mulheres, as mulheres ! Saiba-se lá, nunca !»

Á luz baça do crepusculo, Filipe desceu do «taxi» e transpôz a larga porta de sua casa. Encontrou sua mulher bordando *Richelieu*, plácida, sem pó de arrô, um anel de cabelo caído na testa erguida para o beijo habitual.

— Já ?

— Já, sim. Passei uma tarde fastidiosa. O mundo exterior fatiga-me cada vez mais... Paz, só junto de ti, na nossa casa. Vais vêr que, de hoje em diante, voltarei sempre cêdo.

Cá fóra chuviscava. Filipe acercou-se da janela e atentou nos vidros, embaciados por dentro, salpicados por fóra. Volveu depois os olhos para sua mulher, cuja cabeça juvenil, inclinada sobre o bordado, lembrava uma flôr pendida. Começou, involuntariamente, a vê-la sob um aspecto novo, vagamente inquietante. Aquele cerebrosinho calmo, vulgar, que êle supunha conhecer tão bem, seria, afinal, susceptível de raciocínios complicados ? Recordou as palavras de Camila. E, pela primeira vez, o acicatou o receio de, num momento infeliz, surpreender embaciada, salpicada como os vidros da janela, aquela alma simples e transparente, através da qual ele costumava olhar, entediadamente, para o mundo...

* * *

— Está lá ?

—

— Sou eu, querido ! Camila... Como vais ? Tenho, tenho muitas saudades. Vens, dentro de cinco minutos?... Sim, podes vir. Esteve aqui até há

D U M A M U L H E R D A E P O C A

pouco uma visita um tanto incómoda. Vi-me obrigada a inventar uma história qualquer, para afugentar o importuno...

—

— Deu resultado, deu. Teve infinita graça...

—

— Sim, logo te conto. Não te demores, meu amôr.

Lisboa, 1928.

O TRANSEUNTE

Não era bonita ; mas, como tinha uns olhos lindos e um cólo redondo, conseguia agradar. Seus pais não eram ricos ; contudo, ela vivia mimosa e vestia com luxo.

Honestissima, duma virtude zelada dia a dia por uma família previdente, de moral apertada e critério preconceituoso, passava ás vezes por *cocotte* aos olhos pouco perspicazes de certos homens grosseiros — porque eram excessivamente garridos os vestidos que usava e acentuado com exagêro o *rouge* que trazia nos seus lábios de virgem.

O olhar doce e o fresco sorriso captavam-lhe as simpatias masculinas ; sabia-o, narcisava-se ao espelho, achava belo até, por vezes, o seu rostinho feio e insinuante — mas sempre a entristeceu o ser baixa e trigueira . . .

Havia nela um fundo romantico, um vago e secreto desejo de aventura, a custo acomodado ao bom senso burguês que lhe fôra sugerido, pouco a pouco, pela mãe

DIANA DELIZ : MEMORIAS

— uma provinciana inculta e virtuosa —, por algumas tias solteiras e inflexíveis e pelo pai, burocrata exacto e cumpridor. Quando a galanteavam, sorria, inocentemente vaidosa, feliz por ver-se requestada. Mas inventariava também teres e haveres de qualquer pretendente mais sério que se lhe dirigisse com fins himenescos — procurando secretamente informações e policiando com argúcia o alvejado. Dona dum coração sensível e duma vaidade razoável, bistrava conscienciosamente os olhos, punha um geitinho tentador na sua boca tão grande como sorridente e dava esmolitas mínimas a todos os pedintes que lhe solicitavam caridade...

Realizaria as suas aspirações na vida prática, um homem rico e vulgarmente sensato ; herois dos sonhos que lhe perpassavam, numa ou noutra tarde de preguiça romântica, pela cabecita crespa, eram-no certos tenores de voz aveludada, os «ases» dum qualquer torneio hipico e até atletas, disformes de corpo e incompletos de alma, dos que se exibem nesses tabladinhos execráveis de coliseu...

Demorava-se nos institutos de beleza e nas casas de modas — feiazinha gentil que quere vencer na vida — e era rápida nos seus programas de ordem prática. Crente e religiosa, adorava também os perfumes de preço.

* * *

Casou. Casou numa manhã de outono com um homem pobre de espírito e avultado de bens, que lhe proibiu o *rouge*, lhe mediu a altura das saias e lhe impoz o dever de sair pouco, fazendo-a renunciar a diversões mundanas. E ela habituou-se gradualmente a uma nova vida, filosofando, resignada, sobre o irremediavel e calando no seu intimo uma vaga saudade do *rouge* e dos vestidos curtos de solteira...

Mas, como não teve filhos, depressa o tédio a dominou. E passava horas por detrás da janela do seu gabinete de vestir, bordando bagatelas e observando, pela fenda das cortinas de tulle, os transeuntes habituais ou ocasionais da rua tranquila em que morava.

* * *

Todos os dias passava ali um homem de figura esguia, distinto de aspecto, que trazia sempre no rosto pálido uma expressão de tristeza impressionante. Ela pensava muito nesse homem; e o seu geito romantico levou-a a sentir uma funda simpatia — despertada pelo mal imaginário ou verdadeiro do transeunte desconhecido.

Que sofrimento entristeceria assim o rosto alonga-

DUMA MULHER DA EPOCA

do daquele homem? Mal de amôr, uma doença incurável ou simplesmente enfado de viver? Se fôsse enfado de viver... Tambem ela o sentia, algumas vezes...

Foi-se-lhe tornando indispensável o ver todas as tardes aquele homem desconhecido que passava na rua. Por preço algum ela se denunciaria, abrindo a janela, fazendo com que ele a visse; a honestidade própria e os preconceitos do meio em que vivia tinham creado no seu espírito raizes vigorosas, que a sua fantasia não affectava naquele romance incolor e ignorado, nascido do vazio duma existencia inutil.

A hora a que passava o desconhecido melancólico era espiada com ânsia no relógio que mostrava, sobre a «psyché», uma forte matrona de bastão e com um mocho aos pés — Minerva aburguesada, simbólica, presidindo a um lar tambem simbólico e burguês. E eram então abandonados os pequenos labores que mal preenchiam as longas horas de tédio, eram afastadas as sedas de bordar, atirado fóra o dedal de prata e assentado por entre as cortinas um *lorgnon* impaciente. O desconhecido aparecia, caminhando no seu passo regular, com a mesma tristeza na face glabra, até se sumir na esquina. E ela ficava imóvel, pensativa, durante uns segundos; estendia de novo a mão fina para o eterno bordado, escolhia as sedas, procurava o de-

dal. E dava uns pontos distraídos até que o marido entrasse para jantar e continuasse a conversação de sempre — impressões sobre negocios de que ela nada entendia nem queria entender, projectos sobre a forma de aumentar a já sólida fortuna, essa fortuna que ela considerava inutil, visto que não lhe era permitida a vida mundana, visto que lhe era interdito o *rouge* e lhe eram proibidas as saias curtas. . .

Uma vez, não se sabe porque influencia magnética, os olhos do transeunte desconhecido ergueram-se, com o mesmo véu de tristeza a ensombra-los, para a janela por detrás da qual ela espreitava. E ela recuou precipitadamente o busto, deixando cair o *lorgnon*, afogueada, atemorizada, como se êle pudesse vê-la, adivinha-la através das cortinas. Decorriam os meses. Saia pouco e mesmo assim á pressa, para voltar cêdo, a tempo de vêr passar esse homem de quem nunca soubera o nome. Evitava, sempre que podia, receber vizitas àquela hora, defendendo o seu unico prazer, o prazer diário de seguir com um olhar de ternura compassiva alguém que não suspeitava sequer a sua existencia. Mas, um dia, necessitou de comprar chapéus, alguns desses chapéus escuros e discretos que usava desde que casára. E como de costume, saiu o mais cêdo que pôde, para que cêdo fôsse tambem o regresso, pois não queria deixar de vêr, nessa tarde, o

DUMA MULHER DA EPOCA

homem glabro e pálido que passava na sua rua tranquila...

Desceu do auto à porta duma casa de luxo, cujas vitrinas ostentavam modelos sumptuosos, dêsses que todas as escravas da Moda ambicionam para coroar as cabecinhas frivolas.

Desceu do auto — e estremeceu: junto duma porta estava o homem desconhecido e pálido, conversando com dois amigos. Mas, quanto ela o estranhou! Ao falar, perdia a sua expressão grave e triste, essa expressão que tanto a impressionára, que lhe fizera viver horas de sonho e lhe romantizára a existencia árida. Era cinico o rictus da sua boca e atrevido o olhar que ela se habituára a ver ensombrado de melancolia. E, para cúmulo, no momento em que ela, de olhos baixos, transpunha a porta, uma frase de galanteio, mas de galanteio digno de rufião ébrio, partiu dos lábios do homem pálido.

Ela entrou, balbuciou umas palavras vagas e saiu pouco depois, sem saber a côr dos chapéus que escolhera. O homem pálido já não estava à porta. Ela aninhou-se no auto e sentiu frio, apesar da primavera reinar e o sol estar já doirado e quente...

Chegou a casa, pensativa, entristecida, com a fadiga moral de quem sentiu uma derrocada, uma derrocada dentro da própria alma. Foi à janela, cerrou mais

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

as cortinas, trouxe para o meio da casa o pequenino *fauteuil* côr de rosa, em que habitualmente se sentava a olhar para a rua.

Com os braços pendidos e a cabeça encostada ao espaldar, quedou-se pensando, cismando, duas lágrimas a rebrilharem nos seus olhos lindos de feiazinha gentil. . .

E nunca mais — nunca mais — voltou para junto da janela, à tarde, a assestar por entre os cortinados um *lorgnon* impaciente.

Lisboa, 1928.

OPINIÕES SOBRE
DIANA DE LIZ



DIANA DE LIZ E SEU LIVRO «PEDRAS FALSAS»

«Diana de Liz» fué uno de los seudónimos que usó en vida aquel espíritu — incalculable tesoro — que se llamó Maria Eugenia Haas da Costa Ramos, seudónimo que apenas lanzado a la publicidad en las columnas de la Prensa obtuvo una grata y amplia resonancia. Desde el primer momento pudo advertir-se que se trataba de una inteligencia poderosa al servicio de una sensibilidad y de una cultura poco comunes. «Diana de Liz» no surgia, como tantos otros escritores, en busca de su fórmula de expresion. Al contrario. Esa fórmula, correcta y sugestiva, reveladora de una fecunda y original personalidad literaria, estaba ya conseguida. No venia la escritora a buscarla, sino a ofrecerla. Nada de escauceos, ni de ensayos, ni de tanteos en la práctica. «Diana de Liz», generosa, altruista, consciente de su responsabilidad, se lanzaba al tumulto de las letras después de haber labrado, en los silencios doctos de su retiro, su alma, su emoción y su estilo.

Pedras falsas es una colección de trabajos en los que la ternura y la ironia — cualidades que los dioses otorgan a sus elegidos — se dan la mano de continuo para trazar normas de crítica comprensiva sobre motivos de inquieta agudeza mental. Esos trabajos dialogados o en tono epistolar, o bien con aire de crónica, y a veces encuadrados en el difícil género de la

novela corta, valiendo por sí, por sus méritos intrínsecos, constituían — ¡ oh dolor del pasado ! — la iniciación de una realidad inmediata, más alta, vigorosa e incontrastable, que la muerte canceló al derrumbar en flor la vida que los inspiraba. Porque conmueve pensar lo que pudo una niña casi y lo que hubiera podido, máxime cuando alentaba y cuidaba ese espíritu un corazón tan noble como el del ilustre novelista Ferreira de Castro, si la fatalidad no hubiera interrumpido para siempre el trabajo y el idilio de esas dos vidas, tan paralelas y tan jugosas en su amor y en sus obras respectivas.

Insistimos en que *Pedras falsas* con ser un manual de arte literario, vaticina lo que su autora era capaz de ganar en tales menesteres. Una prosa limpia, ágil, ornamentando ideas — mejor, ideales — de clara prosápia. Y, sobre todo — a lo hondo de esa prosa, que se vertebra, con denodoso empaque — estilo —, lo más característico de la personalidad de Diana de Liz: su ternura y su ironía. Ni ésta tan acerba que hiera, ni aquélla tan lírica que embriague. No. Una y otra ecuánimes, inteligentes, finas. Como de mujer, al cabo. Pero de mujer que sin renunciar a su feminidad, más bien esgrimiéndola como condición típica, conoce su derecho de intervención en los temas que informan lo subalterno y primordial de la sociedad circundante.

En el prólogo, Ferreira de Castro define la personalidad de Diana de Liz y la importancia de sus obras. Prólogo sincero, empapado de emoción y de lágrimas. Quien convivió tantas horas felices al lado de aquel egregio espíritu no ha podido, a través del tiempo, mitigar sus más íntimos duelos, y así, ahora en ese prólogo lo recuerda y lo siente con plurales angustias.

— De *El Sol*, de Madrid —

DIANA DE LIZ VISTA POR MARTA M. DA CAMARA

Aí por 1924, numa tarde luminosa e enternecidamente poética de Setembro, uma destas tardes em que o céu entorna sobre a terra, prodigiosamente, as suas ultimas migalhas de oiro, eu tive ensejo de conhecer essa gentilissima figura de mulher que foi Maria Eugenia Haas da Costa Ramos.

Foi-me apresentada por meu pai, na sua casa da rua Nova do Loureiro. Tenho presentes na memoria, como se essa visão fosse de ontem apenas, a graça da sua figura, a dôce melancolia dos seus olhos enormes e profundos e, sobretudo e acima de tudo, um ar supremo de desprendimento e modestia que eram o maior penhor de conquista para quantos a abordassem.

Quando ela saiu, meu pai teceu-lhe os maiores elogios em palavras que conservo na memória: «A Mimi Haas é um talento. As suas crónicas publicadas no *Correio da Manhã* sob a epigrafe de «Pedras Falsas», são verdadeiras joias do maior apreço... E' tão grande o seu valor como a sua modestia!»

Dobou o tempo, passaram-se os anos neste torvelinho insano que nos arrasta insidiosamente e com tal perversidade que nos faz parecer, por vezes, eterno o espaço de uma hora, para se assemelhar á fulguração de um instante quando olhamos para traz a interrogarmos, surpresos, sôbre a rapidez da Vida...

Da última vez que estive em Lisboa, aí por 1931, eu soube que desaparecera prematuramente do número dos vivos o vulto inconfundível de Diana de Liz, que ficará sendo, indiscutivelmente, como um dos maiores valores literários femininos da nossa terra.

Casualmente, e na própria rua Apeles Espanca, onde os lindos olhos de Maria Eugénia se apagaram de vez, renunciando ás visões d'este mundo, eu tive conhecimento da triste notícia.

E' estranho : aquele acontecimento, participado em meia dúzia de palavras, ficou ecoando nos meus ouvidos como o estrondo de uma derrocada...

Volvido um ano ou pouco mais, surge á luz da publicidade, na ingrata feira da literatura, o volume das *Pedras Falsas*, de Diana de Liz.

Nunca poderei esquecer a persistência com que os meus olhos leram e releram e teimosamente se fixaram sobre as cinco folhas do seu Prefácio, que são o melhor acompanhamento, a mais delicada e sentida sinfonia de abertura que poderia dar-se á obra verdadeiramente magistral e de tão grande significado literário.

Ferreira de Castro, erguendo bem alto o calix da sua amargura, fê-lo num gesto inesquecível que foi a melhor homenagem do coração amante e saudoso de um homem.

Ferreira de Castro falou de maneira que nos obrigou a chorar com êle uma dôr verdadeiramente sobrehumana ! Dez paginas que são a mortalha de flores mais mimosa, mais enternecida e mais linda que jámais se desfolhou sobre a campa de uma mulher.

Não é preciso conhecer as ciências nem falar as línguas estranhas para entender aquele brado que é de entendimento universal, cujo sentido cabe dentro de todas as religiões e no limite de todas as almas :

«O' vós todos que passais, atendei e vêde se ha dôr igual á minha...»

De facto, é difficil encontrar uma antecâmara de dôr onde se sinta mais intensa, perduravel e cruciante a mágua da Saudade !

Ainda pertenço ao grupo, cada vez mais restrito e feliz, das mulheres que acreditam no vinco da superioridade que sublinha a intelligencia do homem e o põe, para nossa ventura, em plano superior donde possa debruçar-se sôbre a nossa vida, realizando a imagem da árvore que dá sombra, do manto que abriga, da voz que comanda, do braço que protege... Como mulher, sinto que esse vinco de superioridade nos foi equiparado por um dom de presciencia, uma especie de sexto sentido que afina pela sensibilidade de cada alma feminina. E porque assim o creio, foram bem sentidas as lagrimas silenciosas que me arrancou o prefacio de Ferreira de Castro.

Há nada que comova mais uma mulher como vêr chorar um homem ?

Atravez de essas paginas senti ainda como devia de ter sido difficil o arrancar da vida de quem na vida tinha raizes tão profundas !

Não há nada melhor do que sentirmo-nos amados, é certo, mas haverá dôr mais cruel do que partir para a viagem de onde se não volta, deixando no mundo, a sofrer, a melhor parte do nosso coração, debatendo-se como uma aza prêsa e constantemente lacerada na ansia de voar ?

Pedras Falsas, quer nos seus «Dialogos Novelescos», quer nas suas «Cartas Femininas», quer nas suas «Pequenas Novelas», quer nas suas espirituosas «Crónicas», é a obra de um altissimo interesse, que fica como monumento indestrutivel á memoria saudosa de Maria Eugenia Haas da Costa Ramos.

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

A Ferreira de Castro devemos a publicação de este volume encantador. A ternura com que o fez e as palavras de carinho e de saudade de que acompanhou tão interessante realisação, são bem a mais delicada e completa homenagem do coração amante de um homem a esse altíssimo espírito da mulher — «o unico brinde que a vida lhe fez!»

MARTA DE MESQUITA DA CAMARA

— Do *Primeiro de Janeiro*, do Porto —

DIANA DE LIZ APRECIADA POR UM EMINENTE CRITICO ESPANHOL

Diana de Liz es el nombre ya epitáfico de una mujer de espíritu delicado y sensible, que pasó ligera por la vida, soñando, amando y escribiendo cosas que nunca sintió prisa en publicar y que, en su mayoría, le han sobrevivido inéditas. Páginas finas y bellas, en las que iba cuajando la escritora y que ella nunca quiso tomar muy en serio, cual si instintivamente repugnase toda actitud profesional. No obstante sentir la brevedad de su vida, amenazada por un mal romántico y terrible (*), no la sobresaltaba la prisa por la notoriedad y parecía asustarla más bien esa cosa falsa e imponente que se llama la gloria. Últimamente, su vida estuvo toda entregada al amor, que acababa de revelársele absorbiendo todas las energías de su alma apasionada y tierna. Amor tanto más vehemente, cuanto que tuvo la rara fortuna de que le fuera revelado por un alma digna de la suya, por un hermano de ensueño, que en ella encontraba la compañera largo tiempo esperada, la realización de su mejor poema. Desde entonces, ella vivió para el amigo, se eclipsó más todavía, no obstante los alientos que

(*) Destas palavras e de outras que se encontram mais adiante, pode-se deprender que Diana de Liz sofria de alguma doença pertinaz e incurável, como a tuberculose. Trata-se dum ligeiro equívoco do eminente crítico espanhol que assina este artigo, pois Diana de Liz esteve doente apenas durante os sete dias que antecederam a sua morte, ocorrida a 30 de Maio de 1930

de él le llegabam. ¿Qué eran, después de todo, el arte, la obra literaria, ante esa obra viva de su amor y ante la inminencia de la muerte que iba a poner fin a ese amor mismo? Diana de Liz, indolente para la gloria, consumió los últimos años de una vida menos larga que su juventud calentando en el rayo solar del amor los otoñales fríos de su primavera enferma. Y en brazos del amor murió, al fin, dejando esparcidas en torno suyo estas hojas de su lírico almendro, que su compañero de la breve jornada recoge hoy piadosamente.

*

Ferreira de Castro, el escritor de alma exaltada e inquieta, fué el hombre que tuvo la suerte de ser amado por esta mujer de elección. Y él es quien ahora recoge estas hojas dispersas de la amiga perdida, para formar con ellas un libro y ponerlo sobre su tumba; su primer libro, que ella no verá ya, y que hace pensar en un juguete sobre el sepulcro de un niño que no los tuvo en vida. ¡No importa, y no por ello es menor la belleza necesaria del acto votivo! De éste modo, Diana de Liz tendrá su libro, y además quienes no la conocieron en vida podrán saber qué alma tan fina, qué gran escritora acaso se perdió para el Mundo. Así no parecerá tan malograda. Y, sobre todo, él, el amigo que tuvo el dolor de sobrevivirle y de encontrar desiertas para siempre por su ausencia las horas, hallará una nueva consagración a su vida en esta piadosa tarea de ir recogiendo estas hojas caídas y formando con ellas un ramillete de libros para su muerta amada. Fortuna de haber unido la vocación con la profesión. En manos de otro hombre, esa labor de una mujer escritora se habría quizá para siempre perdido. Pero ahora el amante superviviente

cuida de prestar a la compañera perdida la forma de inmortalidad que le es posible y la salva del olvido en su obra. Y, al mismo tiempo, la vuelve a encontrar él mismo en estas páginas, que son suyas, y en que perdura su alma, en que vibra su voz y hasta se percibe la finura de su mano en la letra. ¡Páginas póstumas que son como un legajo de cartas !

*

Imagino la voluptuosidad dolorosa con que el espíritu del escritor, viudo de su ilusión más cara, se habrá posado sobre estas reliquias, intactas hasta ahora, en la expectación de esos aniversarios que creemos aplacan las vehemencias. Mejor acaso que ella no hubiese dejado nada. Ahora hay que volver de todas las fugas y enfrentarse con la realidad. Y el amigo habrá vuelto a sentir esa violencia del dolor reciente, que le hizo buscar un alivio falaz en el desplazamiento físico, mover el cuerpo, ya que no podía mover el alma, crucificada en el «punchum fixum» de su pena, y correr desalado de Lisboa a Madrid y de Madrid a París y a Londres, haciendo todo el circuito del dolor.

Apuntes para la biografía de Ferreira de Castro. Junio de 1930, en Madrid. El novelista cruza el Viaducto cargado con su pena recién nacida, con su equipaje de dolor, que no ha podido perder en el camino. Viene a traérmela a mí — al amigo leal, al colega que sabe apreciar el humano valor de su obra —, como me hubiera traído también su alegría. Viene a traerme su dolor, que se me transmite con su abrazo, y que desde el primer momento es también mío. Entre lágrimas escucho la doble nueva maravillosa del halazgo y la pérdida del amor. Palabras de renunciación... , fracaso del arte. Imposible ya hacer nada...

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

Y luego — ¿cómo renunciar a ese consuelo último, que ahora más que nunca es necesario? —, vivir para escribir únicamente el poema maravilloso de ese amor y dar a conocer la obra de la escritora malograda. Durante unas tardes y unas noches paseamos nuestro duelo común por calles y plazas — por calles e plazas la sombra insepulta de Diana de Liz — y nos sentamos a endechar en bancos de piedra, anchos y blancos cual losas de sepulcro... No intentamos el consuelo inútil. Y nos despedimos con un abrazo resignado y fuerte.

*

Con este libro póstumo de Diana de Liz empieza Ferreira de Castro a cumplir su doble voto. Primero, dar a conocer a la escritora que murió casi del todo inédita; luego, hacer ese poema del amor encontrado y perdido, para el que aun no es hora, pero del que ya en este prefacio hay vibraciones anticipadas. Este prefacio está escrito con las palabras y con la emoción de un poema. Es una exaltación y una elegía. Y es, sobre todo, la confesión de un hombre, de un artista al que el dolor arranca voces íntimas y esenciales. Leyéndolo, creo oír a veces la misma voz bronca y doliente del amigo, también arrulladora, puesto que hablaba de ella en aquel verano de su duelo reciente. Todo, incluso el mismo arte, sigue estando para él bajo el signo dubitativo en que lo puso la muerte de la amiga dilecta. La rueda del tiempo y de la idea sigue parada ante el cuerpo inmóvil de Diana de Liz. Su amigo sólo vive en cuanto piensa con ella. Y sólo es artista para recordarla. La literatura sólo se justifica para él por este fin piadoso. En que ella misma, la mujer del nombre bello sobre el alma bella, le dió a entender con su sonrisa triste, en la suprema hora, la inanidad del arte, o como el mismo

prologuista dice : « Quanto são frageis, perante o Enigma, as nossas humanas coisas. » Y oíd qué confidencia tan desgarradora y significativa. Para alegrar un poco el alma de la mujer que muere en plena juventud, el amado le habla de su obra literaria y le jura que no quedará inédita ; y la enferma, siempre tan desasida de todo afán de vanagloria, apenas se muestra sensible a la solemnidad de la promesa. « As minhas palavras não constituíram para Ela consolo algum. » Mirándolo ya todo desde un mundo, no digamos superior, pero sí lejano, ella sólo veía ya el amor como única cosa que aun conserbaba su valor en la despedida. En aquel instante de apremio, ella sólo pensaba en el destino de dolor que legaba al amado, « e a referencia que eu fizera á sua obra pareceu-lhe até — li-o nos seus olhos, vi-o na expressão do seu rosto — motivo pueril para as horas tragicas que se iam esvaindo. » Sí, pueril parece el arte ante los grandes misterios de la vida y la muerte. Diana de Liz no quería para nada um livro suyo sobre su tumba ; y quien la vió morir, tamporro lo quería ya. El arte pierde todo su valor en las despedidas, que es cuando lo tiene, absoluto, el amor.

*

Pero el arte vuelve a ser algo quando se hace instrumento del amor. El amor salva así al arte como a todas las cosas. Ferreira de Castro, al que ahora a veces todo le parece inútil — incluso esos libros bellos y fuertes que han consagrado su nombre —, vuelve a sentirse artista y escritor para decirnos cómo era de fina y rara esa frágil maravilla viva de Diana de Liz. La palabra bella no es al menos inútil para este fin votivo, e el escritor sabe por su virtud comunicar-

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

nos su emoción y hacernos sentir la nostalgia de no haber conocido a esa criatura única que era una de las bellezas de la vida. Conoceremos quizá el Himalaya o el Amazonas ; pero no conoceremos ya nunca a Diana de Liz. Fatalidad de la belleza viva, de la criatura humana, que la hace, por otra parte, tan preciosa, que sólo una vez se manifiesta. El la conoció y fué amado de ella ; rara y exquisita fortuna que aumenta ahora el dolor y hace cosa de fábula el relato. ¿ Es en verdad una fortuna ser agraciado con una dicha exquisita y breve ? Diana de Liz está ya tan lejos de nosotros como Scheherazada, y su evocador se pierde con ella en el mito. ¿ Cómo figurarnos a esa criatura de elección sino como a una suma de delicada belleza ? Fué amada, y esto es bastante para atribuirle toda excelencia. Amigo, no te esfuerces por darnos una idea de cómo fué en la vida ; basta que la amases y que ella te amase a ti. Todo está dicho para la mujer.

*

Pero Diana de Liz ha dejado una obra, y esta obra habla del valor de la escritora. Objetivamente podemos apreciarlo y darle la razón a tu sentir subjetivo. María Eugenia Haas da Costa Ramos, la mujer que escribió este libro «Pedras falsas», al que dió título su modestia, y en el que, como tú dices, hay tantas gemas auténticas, era en verdad una artista, llena de sensibilidad y de gracia. En sus diálogos despuntan unos albores de modernidad ; en sus cartas corre la pluma con una naturalidad de pulso vivo. Todo era en ella aún ciertamente inmaduro ; pero en eso mismo, grácil y feminil, que siempre tiene algo de adolescencia la feminidad, y en conservar ese inicial aroma está su hechizo. Quizá esa novela larga, «Memorias duma

mulher da epoca», cuya publicación anuncia, nos la muestre ya formada y plena. Pero con estas páginas de ahora hay ya bastante para lamentar el pronto eclipse de su talento literario. Tú la lloras, y las letras portuguesas también. ¡Quién sabe si Diana de Liz habría sido la gran escritora que Portugal aguarda !

*

Lo objetivo tiene también su belleza, que no necesita del énfasis. El dato erudito como el número puede representar un modo del amor. Terminaremos, pues, esta elegía, trazando para Diana de Liz la ficha que le ha de corresponder un día en los manuales de Literatura. Lo haremos con las mismas palabras de Ferreira de Castro, que darán a la nota refrendo de auténtica. «Diana de Liz — Maria Eugenia Haas da Costa Ramos — nació, como Florbela Espanca, en Evora ; murió en el mismo año en que Florbela Espanca murió (1930), una y otra en plena juventud. Y precisamente en la calle que lleva el nombre del hermano de Florbela, muerto también muy joven. (Las dos malogradas escritoras, a pesar de estas coincidencias, no llegaron a conocerse personalmente.) Con el seudónimo de «Mimí Haas» colaboró en «Correio da Manhã», «Diario de Noticias», «Magazine Bertrand», «Vida Feminina» y otros varios diarios y revistas. Con el de «Diana de Liz», en «Magazine Civilização», «A B C», en «Suplemento», de Buenos Aires, y otras publicaciones. Su seudónimo surgió por vez primeira en el «Correio da Manhã», en 1923. «Addenda» : «Fué luz en la vida del noble camarada Ferreira de Castro, el autor de «Emigrantes» y «La selva», por cuyos piadosos oficios se publicó, póstumo, su primer libro «Pedras falsas» (1932), segundo de su óbito.»

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

*

Ferreira de Castro : Amigo, desde que te falta el blanco de ese lis, vives, como tú dices, en un gran «desespero», en una gran negrura. Pero la que cruzó por tua vida irradiando clarores no puede haber pasado en vano, ni para ti ni para tu arte. Antes alegría, saudade ahora, su ínflijo vive en ti y en tu obra como una presencia y un acrecentamiento. Vuelves por ella al arte, cuyo gusto te quitó su muerte, porque sólo por él puedes evocarla, honrar y servir su memoria. Tu obra, siempre humana, lo será más ahora, en virtud de esa pena y ese expolio. La clara sombra de Diana de Liz te acercará más a los humildes, te alumbrará los infiernos de los que sufren toda clase de males, para que bajas a ellos redentor, consolador al menos. El arte te será así piedad y culto, y no dudarás de él. Tu misión será ahora, calmado lo acerbo del duelo, que ya ajusta su ímpetu al sereno ritmo de los aniversarios, ir poco a poco rehaciendo tu mundo destrozado : «Instaurare omnia in Diana».

R. C A N S I N O S - A S S E N S

— De *La Libertad*, de Madrid —

O ALEMTEJO TEM DE QUE ORGULHAR-SE

Em pouco mais dum ano, os alentejanos e mais directamente os naturais de Evora, perderam duas das mais belas figuras da sua galeria literaria, para eles desconhecidas: a grande poetisa Florbela Espanca, consagrada pelos versos da *Charneca em flor*, e recentemente revelada como contista notavel, e Maria Eugenia Haas da Costa Ramos, distinta prosadora, afirmada superiormente no livro póstumo *Pedras falsas*, sob o pseudonimo de Diana de Liz.

A poetisa, alta figura de artista, que se impozera já com os sonetos admiraveis de *Soror Saudade*, morreu nova ainda e legou-nos o livro que é a maior das surpresas para os conterraneos. Os patricios de Florbela não podiam imaginar — era lá possivel! — que a apagada figura junto de quem passaram ombro a ombro, a quem falaram e ouviram, podesse ter um grande temperamento artistico e um cerebro em que se abrigava um vivo e fulgido talento.

Maria Eugenia, revestida de modestia, umas vezes escondida no pseudonimo que dissemos, outras vezes no de Mimi Haas, se não permitiu, por isso mesmo, que o grande publico a conheça, dos próprios conterraneos permanece ignorada, desde que não invoque-mos a escassa meia duzia que a leu na sua colaboração de jornais e revistas.

Pòr tal motivo, sinto a perda que o meu illustre ca-

marada Ferreira de Castro, ao publicar o livro encantador desta última escritora, com tanta sinceridade assinala, e impõe-se-me lembrar aqui este nome aos muitos que a desconhecem, ao mesmo tempo que mostro aos alentejanos os méritos de alguém que eles devem recordar na evocação dos seus valores mais representativos.

A publicação do volume *Pedras falsas* mostra ao Alentejo, de modo exuberante, que a perda da sua autora acrescentou a lista gloriosa dos altos nomes desaparecidos, pois que ninguém, depois de o ler, em todas as suas paginas brilhantes deixará de sentir a finura da sensibilidade que a anima, a acompanhar a arguta delicadeza que as repassa.

Ler esse livro — o que eu fiz comovidamente e dum folego — é ter a certeza de que um espírito lucido ilumina um cerebro privilegiado de mulher, e que essa, alentejana, como agora o sabemos, e alentejana da nobre Evora, marca um lugar de destaque na literatura da sua terra. Os *Dialogos novelescos* são a conversação inteligente, viva, elegante de alguém que encontrou no termo e na syntaxe, a forma precisa, sempre justa de expressão modelar, como as *Cartas femininas*, onde tanto carinho se expande, onde ha tanta suavidade, são confissões intimas de rara beleza.

A leveza, a doçura e o imprevisto de certas paginas impressionam.

Que Ferreira de Castro — cujo coração sangra no limiar deste livro formoso — perdoe a minha confissão. Comecei a leitura de *Pedras falsas* com alguma desconfiança e a dizer intimamente que a gloria de Florbela, com os encantos da *Charneca em flor*, e a revelação superior de *Mascaras do destino*, bastava, no momento, ao orgulho do povo alentejano.

Mas cedo mudei de parecer. Depressa a desconfiança abalou...

Mal acabada a leitura de alguns trechos, convenci-me de que, na minha frente, estava o livro de alguém e, ao encerrá-lo, dominava-me um grande sentimento de pesar pela abalada daquela cuja vida terminara tão cedo.

Do mesmo modo que Ferreira de Castro, sentia, no fim de tão precioso trabalho, a impressão segura de que o livro de Diana de Liz era «o índice extraordinário duma personalidade impar e fulgurante, que o triste condicionalismo da existencia humana não permitiu que se revelasse enquanto vivia».

A prosa desta mulher tinha transparencias de aguarela no modo leve como era traçada. Sente-se apreciável cultura no trato dos assuntos. Um vocabulario simples, mas justo, serve todas as *nuanças* do mais encantador dos espíritos. O Alentejo tem de que orgulhar-se. E disse de mim para mim:

— A amorosa dedicação do homem de letras que prefaciou o livro *Pedras falsas*, não permitirá que o esquecimento caia sobre o mesmo livro, mas depois do que escrevi, certamente os alentejanos pensam, como eu, que seria ingratidão que eles se alheassem da memoria de Diana de Liz e lhe não prestassem o culto que merece.

Evora não adiará por muito tempo a consagração, pelo monumento, do nome de Florbela. Quem meteu ombros a tal empresa decerto não recuará na efectivação do seu intuito justiceiro. Pois bem! A Mimi Haas, a Diana de Liz, a primeira homenagem que lhe devemos é a de ler o seu livro póstumo e criar, com a leitura, como aconteceu comigo, a admiração que inspira os hinos de louvor e forma um cantinho de adoração na memoria de cada um de nós.

C E L E S T I N O D A V I D

— Do *Diario de Noticias*, de Lisboa —

UMA HONROSA E NOBRE EXCEPÇÃO

— Que pena!

A frase sai-nos insensivelmente dos labios quando os nossos olhos, a alma satisfeita, o espirito feliz e compensado, terminam de percorrer a ultima pagina d'este livro interessantissimo sob todos os aspectos.

Sim, que pena que uma escritora de tão limpido talento e de tão refinado espirito tivesse desaparecido tão cedo da vida, deixando vago um lugar que na literatura feminina contemporanea nos parece inconfundivel.

Em *Pedras Falsas*, coletânea de novelas e crônicas que Ferreira de Castro carinhosamente arquivou, prestando respeitavel homenagem ao grande amor da sua vida e rendendo culto a uma intelligencia excepcional, servida por um espirito gentilissimo, há, com inteira sinceridade o dizemos, uma clara afirmação de valor, um valor sólido que faz pena, sim, faz pena que tenha desaparecido tão cedo.

As mulheres, diz *Diana de Lis* numa das suas preciosas cartas, «na sua generalidade, são, quando escrevem, ou frivolas ou apaixonadas e poucas sabem discorrer friamente sôbre os casos sérios da vida».

E' uma verdade absoluta, esta, de que *Diana de*

DIANA DE LIZ : MEMÓRIAS

Lis é, no quadro das modernas escritoras portuguesas, uma honrosa e nobre excepção.

Nos contos dialogados com que abre *Pedras Falsas*, todos êles escritos com um fino e penetrante espirito de ironia e com uma alta concepção do que é e do que vale a lingua, *Diana de Lis* revela-se uma escritora de singulares qualidades no estio, nas ideias, na técnica.

Nos outros contos, porém, e nas cartas é que a escritora se nos apresenta vitoriosamente integrada no seu processo.

Que clareza de pensamento, que nobreza de linguagem, que purissimo coração se agitou no fragil peito desta grande escritora portuguesa, que passou rapidamente no mundo das letras como um clarão, mas cuja luz ficou para sempre, fixa e harmoniosa, neste livro que é bem o espelho de uma alma justa, vagamente triste e ironica; característica que possuiu o Eça e define quasi sempre os espiritos superiores.

Que rajada intensa de humanismo perpassa nessas belas páginas de *A Solteira*, que abre com um pequeno, mas exacto quadro de bairro pobre, em que o poder descritivo de *Diana de Lis* se revela com inteira segurança e fecha tão simplesmente, tão humanamente — um final onde a renúncia de uma pobre alma encarcerada e ansiosa se entrega á lógica, desprezando o *rodriguinho*, um final que pode não agradar a certas almas inacabadas de meninas enfezadas de espirito, mas satisfaz plenamente a Vida...

A idade azul de Aurora é um outro conto em que as faculdades literárias da escritora ficam á prova vitoriosamente, revelando grande subtilidade, ironia e imprevisto.

Todo o livro se lê com prazer — embora pungindo-nos a lembrança de que a pobre cabeça onde ger-

DIANA DE LIZ : MEMORIAS

minaram estas páginas pousou há muito sôbre a fria e branca almofada da Morte.

Talvez por esta triste circumstancia — dolorosa coisa é a vida! — nos sintamos mais á vontade para exaltar a memória de uma mulher que foi neste reles e acanhado meio — uma escritora!

A R T U R I N É S

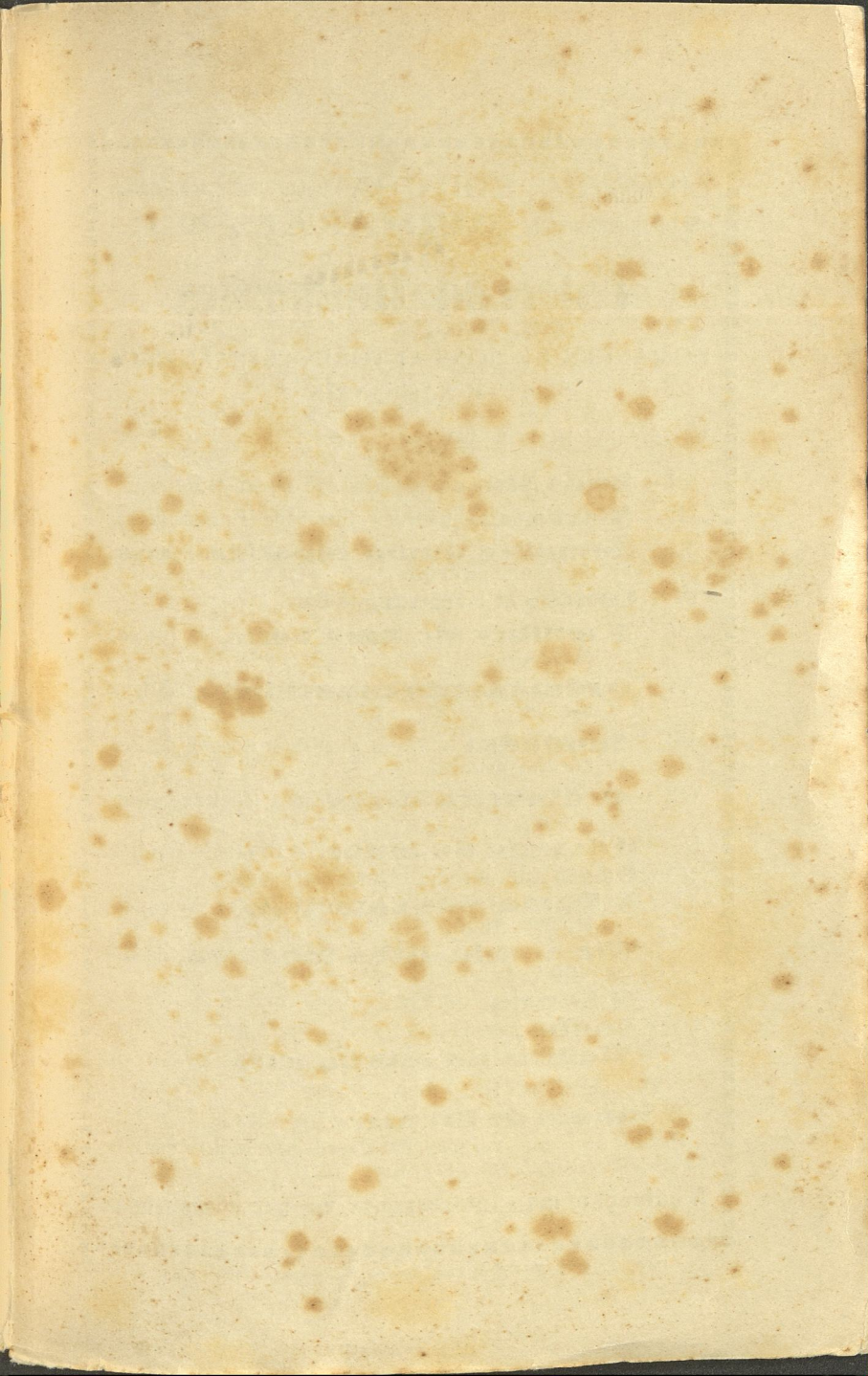
— De *A Republica*, de Lisboa —

I N D I C E

	Pag.
<i>A Diana de Liz</i>	5
<i>Prefacio</i>	9
MEMORIAS DUMA MULHER DA EPOCA	
<i>Primeira parte</i>	19
<i>Segunda parte</i>	47
MEMORIAS DE OUTRA MULHER	
<i>As impressões de Silvina, viuva</i>	103
DIALOGOS NOVELESCOS	
<i>Dialogo entre a materia e o espirito duma mulher bonita</i>	113
<i>Clotilde, Clarinha, Clarisse</i>	121
<i>Um chá da meia-noite, nas avenidas novas</i>	128
<i>O critico...</i>	134
<i>Milú, a ingénua</i>	141
<i>O problema</i>	148
<i>Folhas de Outono (Diálogo entre o coração e a razão duma mulher)</i>	155
CARTAS FEMININAS	
<i>O veneno aa inveja</i>	163
<i>Forte...</i>	170
<i>Egoísmo...</i>	178
<i>A idade do homem</i>	180
<i>Convicção de mulher</i>	182
<i>O aniversário</i>	186
PEQUENAS NOVELAS	
<i>O tutor</i>	197
<i>O regresso</i>	202
<i>O transeunte</i>	210
OPINIÕES SOBRE DIANA DE LIZ	
<i>Diana de Liz e seu livro «Pedras Falsas»</i>	219
<i>Diana de Liz vista por Marta M. da Camara</i>	221
<i>Diana de Liz apreciada por um eminente critico es-panhol</i>	225
<i>O Alentejo tem de que orgulhar-se</i>	233
<i>Uma honrosa e nobre excepção</i>	236

Livraria Modo de Ler
VITOR SILVA & ALMEIDA, LDA.
Contribuinte n.º 973 836 431
Pr. Guilherme Gomes Fernandes, 38 - 2.º A
4050 PORTO

9647



LIVRARIA EDITORA
GUIMARÃES & C.^a

Colecção Guimarães

ROMANÇOS DE BONS AUTORES ESTRANGEIROS
E NACIONAIS

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — **Duas Almas** (*Climats*), de André Maurois.
- II — **Miseraveis** (*Cañas y barro*), de Blasco Ibañez
- III — **Romance duma rapariga russa**, de Henry Gréville.
- IV — **Contos a Ninon**, de Zola.
- V — **A mulher de uma noite**, de Alfredo Machard.
- VI — **O romance do capuchinho**, de Henti Murger.
- VII — **Saudades** (*Historia de Menina e moço*), de Bernardim Ribeiro
- VIII — **O dinheiro** (*David Golder*), de Iréne Nemirovsky.
- IX — **O deserto do amor**, de François Mauriac.
- X — **Oásis**, de Jérôme e Jean Tharaud.
- XI — **A Dama das Camélias**, de Alexandre Dumas, filho.
- XII — **Mãe antiga, filha moderna**, de Huguette Garnier.
- XIII — **O Sonho**, de Zola.
- XIV — **Sapho**, de Daudet.
- XV — **Viagens na minha terra**, de Garr tt.

VOLUME NO PRELO:

A Sonata de Kreutzer, de Tolstoi.

Preço de cada volume da *Colecção Guimarães*: em brochura, 6\$00; enc. em percalina, 10\$00.

A colecção mais interessante, variada e economica